DUKE
UNIVERSITY
LIBRARY

Treasure Room

CARTAS
DA
INDIA
E
CHINA

CARTAS

ESCRIPTAS

DA INDIA E DA CHINA.

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
Duke University Libraries

http://www.archive.org/details/cartasescriptasd02andr

Dias da Costa lith

Lith da Imp.ª N.al

D. A. de Sequeira ff.ra fect anno 1815

MARIA GERTRUDES ANDRADE.

CARTAS

ESCRIPTAS

DA INDIA E DA CHINA

NOS

ANNOS DE 1815 A 1833

POR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE

A SUA MULHER

D. MARIA GERTRUDES DE ANDRADE.

SEGUNDA EDIÇÃO.

Tomo II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

M DCCC XLVII.

V.2

AO SENHOR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.

ODE.

O favor com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria, não, que está mettida:
No gosto da cobiça, e na rudeza
De hũa austera, apagada, e vil tristeza.

Camões.

Em quanto sulcas o empolado Oceano,
Domando as furias de insoffridos Notos,
Teu genio altivo transcendendo os astros
Ao Cyntio carro sobe.

Nem vortices, nem horridos baxios,
Nem procellosas syrtes te amedrentam;
Do encapellado turgido Neptuno
O tridente desprezas.

Folgas ao ver os negros promontorios,
E as Eolicas sanhas rebramando
Escarceos espumantes, que disparam
Ao ceo baldadas nuvens.

Ousado Palinuro ao leme affeito,
Em vão te espera Adamastor horrivel;
Barba esqualida, e dentes amarellos
Teu peito não assustam!

Da misera Leonor revolve irado,
Para acenar-te, os descarnados ossos,
E os do iracundo Almeida, que inda fervem
Na dardejante area.

Pelo horizonte os braços estendendo,
Procura denodado as prenhes vélas,
Que tu arfando com presteza illudes,
Protegido de Urania.

Do teu arrojo o Monstro enraivecido,
Fumega sobre os gêlos, pulsa o polo;
E rebombando o fulgido cruzeiro
Mil povos arripia!

Mas Jove, que nem sempre horrores soffre,
Do excelso Olympo as furias lhe sopêa,
Outra vez petreo o rosto lhe fulmina,
Nas ondas o sepulta.

Então tu cantas de Marilia as graças,
Os niveos peitos, pudibundas faces,
Gozando o almo nectar, que te espargem
Os candidos amores.

Se a deshumana ausencia te prohibe
Beijar seus rubros labios, fogo ardente
Soltar do peito fervidos suspiros
Que a suspiros se enlaçam;

Pulsando a eburnea lyra, aos ares mandas
Doce harmonia, que adormece o fado,
E nas azas da lugubre saudade
Os teus votos lhe envias.

Para, **ANDRADE**, magnanimo escutar-te,
As formosas Nereidas te acompanham,
E sobre os roseos hombros equilibram
O venturoso lenho:

De coraes, e de perolas tecendo
Preciosas grinaldas, te preparam
No centro dos palacios Neptuninos
Um busto sempiterno. [1]

Pimentel.

---

[1] Tu sabes, que a poesia, e a perfeita amizade, tem o privilegio, e o direito, de exaggerar sem medida; comtudo, no que te diz respeito, o nosso bom Pimentel foi diminuto.

AMIGO ANDRADE.

Li com extremo prazer
Tuas dignas producções,
N'ellas dás sábias lições
A quem deseja aprender.
Ah! não cesses d'exercer
O teu genio estudioso,
Tu já tens um nome honroso,
E nos é de grande gloria,
Ver brilhar na lusa historia
Mais um **ANDRADE** famoso.

Macáo, 30 de Novembro
de 1832.

Pedro Feliciano d'Oliveira e Figueiredo.

CARTA LI.

CARACTER, COSTUMES, E RETRATO DOS CHINEZES.

Oh quanto contrastou fadiga acerba!
Em debellar do Tartaro a soberba
Não poupa alta riqueza;
Que em pouco estima a luz do fragil ouro,
Quem só tem as virtudes por thesouro.

Diniz.

Os costumes dos chinezes só podem conhecer-se, depois de se ter investigado o fundamento das suas leis, do seu governo, do seu genio, e mesmo da sua vida particular; comtudo, os primeiros portuguezes, que escreveram d'este imperio, narrando o que viam, e sentiam, diziam a verdade.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE aportou em Malaca no anno de 1511; encontrando alli alguns navios chinezes, pelas tripolações fez idéa da nação a que pertenciam. = « Observei nos capitães dos navios chinezes, diz elle em « seus commentarios, mais polidez, e humanidade, do que « na Europa, entre a mais alta nobreza. » =

Thomé Pires, primeiro enviado por elrei D. Manoel ao imperador da China, diz: = « Por todo o caminho fui « maravilhado,[1] não só do número, e extensão das cidades, « immensidade dos canaes, cultura das terras, variedade, « e abundancia de riquissimas producções; mas tambem « pela circumspecção, e agrado dos povos; e pela conti- « nuação dos bons serviços. Tudo isto apresentou a meus « olhos novo, e sublime espectaculo. » =

Em verdade, a China é um monumento vivo da antiguidade, onde se observam os costumes de seus habitantes, no longo espaço de 4460 annos! Basta essa particular circumstancia, para que na Europa se estudem com interesse as qualidades, e propensões dos chinezes; mais instruidos, do que eruditos; mais sabios, do que engenhosos; passivos, humanos, e continentes; porém, susceptiveis de paixões fortes. São bons poetas, bons philosophos; e em tudo passivos, e rectos. Demais, acham-se livres do prejuizo de classe, e do poder absoluto dos bonzos. O interesse público faz a base do seu direito; e têm por natureza, e educação, as maneiras compostas dos estoicos.

O nosso *Gaspar da Cruz*, diz: = « Os chinezes são « apreciaveis, e de muito boa razão; urbanos, e polidos. « Em nenhuma outra gente acharam os portuguezes tão « commodo gasalhado, honra, e favor. Levavam-nos a suas « casas, comiam com elles; e quando se escusavam, ou não « os encontravam, levavam os seus moços, que, tendo sido « captivos com elles, não os desamparavam; antes acom-

[1] *Thomé Pires* não chegou a Pekin: os desmanchos dos portuguezes, nas costas meridionaes da China, fizeram com que elle fosse demorado no caminho, onde morreu.

« panhando-os, sempre os serviam: a estes faziam tanto « favor, como aos senhores. » ==

ALBUQUERQUE, ANDRADE, *Thomé Pires*, *Gaspar da Cruz*, todos concordam com *Fernão Mendes Pinto*, ácerca da sublimada civilisação dos chinezes. Encontro hoje o mesmo acolhimento, e maneiras similhantes. Nem podia deixar de assim acontecer; pois tres seculos de duração têm menos influencia nos habitos, e usos chinezes, do que trinta annos influem nas leis, e nos costumes da Europa! Se os homens, como as plantas, recebem qualidades inherentes ao paiz, que os produz; os chinezes mostram, que no seu paiz existe o melhor temperamento do mundo.

Em verdade, os chinezes differem de todos os outros povos, por suas leis, costumes, e mesmo na figura. Têm a fronte alta; olhos pequenos, e rasgados; grandes sobrancelhas; nariz curto; ventas abertas; bôcca regular; rosto branco, e largo; cabellos pretos, e corredios. [1] A reunião de todas estas partes fórma uma physionomia agradavel; porém, differente dos outros povos, que habitam no resto do globo.

As feições referidas, e os vestidos talares, são communs aos dois sexos. Sobre as côres do vestuario ha pragmatica. A côr amarella pertence á familia imperial; a encarnada aos mandarins; as outras, a toda a nação. Têm vestidos de etiqueta, para fazer visitas; porém, a moda não tem variado no longo espaço de 4460 annos. As mulheres usam as côres, e distincções de seus maridos; trazem bordados em seus vestidos, assim como elles, os symbolos da sua ordem.

As mulheres de distincção vivem isoladas; nunca se

[1] Retrato dos chinezes, que habitam na zona temperada.

expõem a serem vistas pelos homens. As casas têm dois aposentos; um para a mulher, outro para o marido. Cada um domina no seu. A mulher sahe á rua duas vezes no anno, para visitar seus parentes. Comtudo, a presumpção natural do sexo faz, com que empregue muitas horas a enfeitar-se, para ser vista pelas suas criadas.

Os chinezes respeitam muito os superiores; e faz-se notavel a consideração, que tem pelos velhos. São apreciados como pessoas, que a idade, e o tempo fizeram depositarios da sabedoria. Nem os homens mais distinctos, deixam de lhes prestar o respeito devido: até o imperador se ufana em os venerar.

Do mesmo modo, os filhos consagram o maior respeito aos pais. Quando estes morrem, o primogenito é investido nos direitos paternaes; os outros obedecem-lhe, como se fôra seu pai. Comtudo, são livres, para se separarem, quando queiram. N'este caso, o primogenito dá-lhe uma porção da herança, igual á que toma para si.

Ainda que o governo d'este imperio tenha por fundamento os principios monarchicos, as heranças são repartidas com igualdade, pelos filhos masculinos. As filhas são mantidas pelos irmãos, em quanto ellas não casam. Os chinezes seguem n'esta parte a doutrina de Brama.

Povos idolatras são necessariamente supersticiosos. Em tempo de sécca rogam aos idolos, que lhes dêem chuva; em tempo de cheias, que lhes dêem estio. As mesmas súpplicas fazem, para ter saude; e as mulheres, para terem feliz successo, dão presentes aos bonzos, para lhe servirem de medianeiros perante os idolos; porém, se os maridos chegam a desconfiar do poder dos deuses, arrasam-lhe os templos, e perseguem os bonzos.

Os chinezes, apezar de supersticiosos, são activos, pacientes, e sobrios. O seu defeito imperdoavel é a vaidade: tratam de barbaras as outras nações; reputam-se mui superiores á mais illustrada, e humana; só têm por bom, o que se faz no seu paiz. Se o amor da patria é uma virtude, ninguem a possue em gráo mais elevado!

A grandeza d'este imperio não permitte a nenhum europeu percorre-lo todo, ainda quando lhe fosse concedida essa faculdade: assim, para escrever d'ella com acerto; isto é, para narrar os factos com realidade, é preciso recorrer aos sabios, que o investigaram parcialmente, e consultar os chinezes, a fim de verificar as noções recebidas.

O meu particular desvelo, no que escrevo, e te envio, tem por objecto principal, a conformidade do pensamento com as palavras. O caso seguinte mostra bem o caracter dos chinezes. Um monstro coroado, sabendo que as memorias escriptas, para a historia da sua vida, o deshonravam, mandou queima-las, e matar o presidente do tribunal, que as tinha escripto.

Os tyrannos acham sempre executores das suas ordens. Nomeando outro presidente, o primeiro uso que este fez da sua auctoridade, foi escrever outras memorias tão completas, como as que tinha escripto o seu antecessor. O imperador sabendo a resolução do novo presidente, e vendo-se apoiado em milhões de soldados, mandou mata-lo, e fechar o tribunal da historia. [1]

De repente appareceram memorias similhantes em todas as cidades, e villas do imperio. O tyranno achava-se pintado n'ellas com tão negras côres, como eram crueis

[1] A força bruta sempre foi, e ha de ser, em qualquer parte do mundo, o melhor instrumento dos oppressores.

as suas obras. O clamor geral ameaçou-lhe a cabeça: para não a perder, restabeleceu o tribunal, com todas as suas prerogativas: morreu logo depois coberto de ignominia; os dois presidentes ainda são reputados benemeritos da patria.

Em que paiz existem virtudes mais sublimes? Na Europa? Não. Os historiadores ahi vendem, por mesquinhos interesses, a honra da nação ao tyranno, que mais a escravisa.

CARTA LII.

POPULAÇÃO, E RENDIMENTO PUBLICO.

De todas as faculdades physicas dos sexos, nenhuma lhes dá prazer tão vivo, e terno, como a propagação da especie.

Rubempré.

A China, por nós ha tempos ignorada, depois inteiramente desfigurada, hoje bem conhecida, é o imperio mais florecente do nosso globo. Pelo último censo, verificado no tribunal da estatistica, no tempo em que presidia n'elle um portuguez, acharam-se cento noventa e oito milhões, duzentos treze mil, setecentos e dezoito habitantes, classificados pelo modo seguinte:

Chefes de familia, 28.516:480. Mandarins civís de todos os gráos, 98:513. Letrados graduados, 494:020. Officiaes militares, 741:700. Individuos annexos aos chefes de familia, 168.228:718. Somma tudo 198.213:718. Macarteney, e seus companheiros elevaram a população chineza a trezentos e cincoenta milhões de individuos.

Talvez incluisse os tartaros, não comprehendidos no censo referido.

A lei da poligamia, a auctoridade paternal, e a piedade filial motivam a grande população d'este imperio; comtudo, não é permittido ao marido esposar segunda mulher, sem que a primeira demonstre ser infecunda. Em tal caso, ella mesma procura outra mulher, que dê filhos a seu marido.[1] D'este modo, fica não só com dominio na segunda mulher, mas tambem tem nos filhos direito de mãi legitima.

O conde de Buffon chamou ao sentimento do amor, alma do universo. Em verdade, sem esse sentimento, o homem seria tão indifferente ás melhores virtudes, como aos deleites, que a providente natureza lhe destinou. Nem o amor da patria, nem a vigilante ambição de gloria, poderiam ter logar no seu coração. O desejo de ser util á especie, ser-lhe-hia tão estranho, como o sentimento, que lhe faltava. Grandeza de alma, virtudes civicas, valor, independencia, e todos os mais sentimentos, que honram a especie humana, não existiriam.

O ente animado do poder genital, exhala raios de fogo, e de vida; o sentimento do amor excita-o a preencher os votos da natureza reproductora. O homem, a quem a natureza genetriz faz ouvir os seus dictames, tem, além do nobre desejo de agradar, instincto secreto, que lhe grangêa a opinião pública. Os estudos offerecem-lhe attractivos deliciosos, na esperança de agradar á sua amada.

O augmento dos deveres na união conjugal, são para elle prazeres duplicados. Descobre no futuro a immorta-

[1] Lia, Rachel, Sara, e outras virtuosas matronas deram a seus maridos as suas mais bellas criadas.

lidade celeste, que espera ter em seus filhos. Esta lei natural, imposta aos entes, que povôam o mundo, em nenhum paiz é tão ajudada, como na China, onde nada é tão raro, como a intemperança, onde reina equidade na repartição das fortunas, onde o ar se oppõe a que hajam epidemias; assim, não admira haver n'este imperio tão grande população.

Os antigos chinezes fizeram uma lei particular para os monarchas, ácerca do matrimonio. Concede-lhes uma imperatriz, tres rainhas, nove mulheres da segunda ordem, vinte sete da terceira, oitenta e uma da quarta. Assim, pertence o imperador a cada uma de suas mulheres tres dias no anno, não complectos. Sendo todas da sua escolha, não é presumivel sobrar-lhe tempo para distracções.

Eis talvez o motivo, dos legisladores lhes concederem tão grande número. Em verdade, cento vinte e uma mulheres escolhidas, em tão grande população, para um só homem, pareceriam muitas, se não tivessemos o exemplo, que nos deixou o venturoso Salomão.

O interesse commum exige, que os rendimentos provindos dos tributos, forneçam ao governo meios de supprir as despezas a cargo do estado; porém, sendo os tributos uma divida, que o trabalho paga, é preciso não os fazer odiosos, seja no modo de os lançar, seja no de recebe-los. O governo deve obrar de modo, que ninguem duvide da sua entrada no thesouro público, nem das verbas de despeza na sahida.

Os chinezes classificam as despezas de dois modos: as que o estado faz, e as que se fazem no estado. O governo, para ser bom, deve minorar umas, e não augmentar as outras. Aquellas, por não serem todas em beneficio do

público; estas, por que, se menos gasta cada uma, mais póde depois despender.

As despezas feitas no estado, têm por fundamento a piedade filial. A população do imperio reputa-se uma familia, cujo pai é o imperante. Assim, não a sobrecarrega com despezas inuteis. Tem grande cuidado em igualar as riquezas, diminuir os ociosos, os empregados superfluos, e os soldados desnecessarios.

Dizem que entram annualmente no thesouro público quarenta milhões de onças de prata; e que a maior parte do rendimento do estado é recebido em especie, nos depositos publicos, das respectivas provincias. Além d'isso, o imperador tem grandes rendimentos, que lhe provém da Tartaria.

George Staunton verificou, a seu modo, subir o rendimento annual da China a sessenta e seis milhões esterlinos: mais de seiscentos milhões de cruzados. A prudente, e sábia economia do governo chinez, não permitte o abuso dos emprestimos, chaga mortifera de quasi todos os governos da Europa.

« Esse credito chamado nacional, desconhecido dos antigos, e de que a politica moderna tanto blazona, deve contar-se no número das fataes invenções humanas. Os emprestimos só aproveitam aos agiotas, e aos ministros, que mettem as nações em despezas excedentes á sua receita. [1] »

As moedas virtuaes da China são o taél, o más, e o condorin: o taél tem 10 mases, o más 10 condorins, o condorin 10 cachas. O taél vale mil réis, [1] o más cem, o

[1] Holbach: Syst. Social.

[2] Este valor era dado em Macáo ao taél, no anno de 1820; tempo em que a prata valia, no reino de Portugal, menos 30 por 100.

condorin dez réis, etc. A cacha é a unica moeda effectiva, que existe no imperio: é composta de seis partes de cobre, e quatro de estanho. O ouro, e a prata são generos de commercio; giram em pequenos bocados, com peso determinado: alteram o valor, segundo a emissão, que o thesouro público faz d'esses generos.

CARTA LIII.

DO GOVERNO, E DAS LEIS.

> A sociedade deve impedir ao rei e a seus ministros, de exercerem actos arbitrarios, nem violencias, contra qualquer dos membros que a formam.
>
> *Meng-Tseu.*

O respeito dos chinezes, para com os auctores de seus dias, é o primeiro sentimento, que se lhes inspira: assim os dispõe ao cumprimento dos seus deveres, para com o monarcha, e para com todos os que o representam. Este principio é tão natural, e proprio aos chinezes, que julgam não haver outro melhor! O certo é, que sendo este imperio conquistado pelos tartaros mogoles, e pelos tartaros moutchous, nenhuma d'estas nações achou cousa mais util a fazer, do que adoptar os costumes, e as leis dos vencidos.

O monarcha é considerado pai, e mãi do imperio; o vice-rei pai, e mãi da provincia, onde rege; o mandarim pai, e mãi da cidade, onde governa. Os chinezes estão persuadidos, que o sentimento de profundo respeito dos filhos aos pais, contém os povos na obediencia civil; e que

esta submissão conserva a paz nas familias, e a boa ordem no estado. O povo tem subjeição filial ao imperante, na certeza de ser tratado com affeição paternal, por elle, e seus delegados. A responsabilidade d'estes, já, tu, viste como se faz effectiva, na sentença dada contra Li-Sse-Yao.

Os legisladores chinezes cortaram pelo arbitrio do imperante, creando um tribunal censorio, que lhe é superior. Qualquer dos seus membros póde reprimir as acções do imperador, impunemente; mas, todos são responsaveis pela observancia das leis, e ventura dos povos. O tribunal censorio examina as decisões dos seis tribunaes superiores, sejam relativas á paz, á guerra, ao civil, ou criminal; fórma o seu parecer sobre cada negocio, e remette-o ao imperador, com todas as peças, que o motivaram: este, ouvindo o conselho d'estado, manda executar as deliberações tomadas, em virtude da lei.

O imperador tem sempre presente o artigo seguinte do livro sagrado (constituição.) «*O imperio não é de um só individuo; pertence a todos os seus habitantes: estes escolhem um chefe, e submettem-se-lhe condicionalmente, esperando melhorar o bem commum; se elle não preenche esse dever, quebra o pacto social; perde o throno, e a dinastia.*»

«Para elevar uma nação ao mais alto gráo de opulencia, bastam tres cousas, diz A. Smith: paz, tributos moderados, e boa administração de justiça.» Estes requisitos são os pontos cardinaes do governo chinez. Se dos costumes provém a bondade das leis; se d'estas, e dos costumes provém a boa administração da justiça; deve existir na China necessariamente, uma, e outra cousa, em gráo superior.

Os mandarins não podem servir no logar do seu nascimento, nem casar no districto da sua jurisdicção: se algum infringe a lei, é punido com rigor. Se o castigo o faz descer de gráo superior a outro inferior, é obrigado a narrar em público, perante seus collegas, todas as circumstancias da sua culpa. Assim obstam á influencia do vicio, e da fraqueza humana, com leis prudentes, que previnem, e punem o crime.

Em todos os paizes as leis punem os delictos; na China fazem mais; premeiam a virtude. Além d'isso, os mandarins participam sempre das acções virtuosas, ou infamantes, praticadas no districto da sua jurisdicção. Não ha paiz, onde a propriedade seja mais respeitada, a policia mais regular, os crimes menos frequentes, a justiça mais recta, a indigencia melhor soccorrida, nem onde o espirito nacional affaste mais o flagello da guerra.

Se estes principios de governo não são os melhores, conclue-se, que o erro de uma grande nação, é como o de uma familia; deixa de ser vicioso em tudo. Talvez d'esse erro provenha o amor da ordem, que se acha arraigado no coração dos chinezes.

Kicon-Sun, philosopho abalisado, reunio em 160 volumes tudo quanto as leis determinam, ácerca do governo. Nos 4 primeiros trata do imperante: demonstra que é igual a qualquer dos subditos. Sobe á origem da auctoridade, e demonstra igualmente, que lhe fôra dada para felicidade do público; não a fazendo, a nação escolhe outro.

Do 5.º, ao 13.º, occupou-se com o ministerio, e com os mandarins de todos os gráos. Reputa-os nervos, e arterias do grande corpo nacional, cujo imperante deve ser o coração, por suas virtudes, e a cabeça por suas luzes.

Do 14.°, ao 20.°, falla da população, e da cultura das terras: chama-lhe as raizes do estado. Para conserva-las urge que o imperante não deixe sobrecarregar os povos de tributos, nem roubar-lhe a liberdade.

Do 21.°, ao 38.°, occupou-se com a natureza dos bens, e da sua origem. Demonstra serem a previdencia, e a economia dois requisitos indispensaveis a quem rege. Trata dos pesos e medidas; e estabelece a sua exactidão, e conformidade.

Do 39.°, ao 67.°, falla da religião, da musica, e da policia. N'aquella, segue a doutrina de CONFUCIO; n'estas, desenvolve grandes conhecimentos de uma, e outra.

Do 68.°, ao 84.°, demonstra quanto o ensino da moral, e das sciencias influe no governo. Em verdade, Platão fallou do governo, como rhetorico; Kicon-Sun, como philosopho escrutador do coração humano, e grande homem de estado.

Do 85.°, ao 100.°, trata dos edificios publicos, das manufacturas agradaveis, e das uteis: dá regras para restringir aquellas, e premiar estas.

Do 101.°, ao 114.°, falla do systema administrativo, e da justiça. Demonstra que o verdadeiro espirito das leis consiste em unir os homens, e ajuda-los a corrigir seus vicios.

Do 115.°, ao 143.°, falla de tudo quanto é relativo a guerra, e ao exercito. Uma gôta de sangue pésa mais na sua balança, do que montanhas de ouro.

Do 144.°, ao 157.°, trata da fórma por que se devem conter os barbaros, que rodeam a China. O seu plano é cheio de justiça, e humanidade.

Acabou a sua obra, recapitulando as materias nos tres

ultimos volumes, onde faz ver, que as boas leis são inuteis, se o imperante, e os ministros não as verificam por suas virtudes.

Assim, vês o motivo de terem os chinezes reprimido os effeitos do governo absoluto, chamado paternal. As revoluções frequentes contra o governo, indicam povo assaz esclarecido, para saber, que a obediencia á lei é dever da segunda ordem, subordinado aos direitos imprescriptiveis da natureza; e que só o facto de conservar os povos, firma o direito dos reis.

Os empregos do estado jámais são confiados a homens supersticiosos; isto é, a homens, que não sigam a doutrina de CONFUCIO. Este simplificou a religião, e o governo, pelo modo seguinte: « *A razão é uma emanação da Divindade; a lei suprema é o justo accordo da natureza, e da razão; qualquer governo, ou seita opposta a estas duas guias, não provém do ceo.* »

É tambem um verdadeiro progresso da civilisação a superioridade, que os chinezes dão ás auctoridades civís, sobre os militares; assim, estão sempre as letras em primeiro logar, do que as armas; apezar do modo, por que os tartaros se apossaram do throno chinez.

Compara a doutrina de Kieon-Sun, e a de CONFUCIO, ensinada ha 23 seculos, e seguida sempre, com a que se pratica hoje na Europa! « Sinto ferver-me o sangue, diz lord *Byron*, fallando do seu paiz; quando vejo homens (representantes da nação) prometterem a dolosos, e lascivos coroados, infringir as leis, que têm por fundamento a natureza das cousas, e dos logares. »

Primeiros tribunaes do imperio: Tou-Tche-Yueu: censorio. 2.° King-pou: justiça. 3.° Hou-pou: fazenda. 4.° Li-

pou: obras públicas. 5.° Ping-pou: guerra. 6.° Lin-pou: ritos. Além d'estes, ha outros, que têm relação com as ordens, e distincções; com a doutrina antiga; com a litteratura, etc. Todos elles têm por timbre a maxima seguinte: «Virtudes occultas não bastam á justiça, nem ao governo; precisa-se diffundi-las, deixando as raizes no coração.»

O rendimento particular do imperador provém da Tartaria mogol, e da Tartaria moutchou; d'aquella, como tributo de paiz conquistado; d'esta, como tributo de paiz herdado. Desde os vice-reis, ou governadores de provincia, até ao último empregado do governo, recebem o seu ordenado do thesouro público. O governador de provincia tem de estipendio quinze contos de réis annuaes!

Bem sabes, tu, haver provincia na China, que tem vinte milhões de individuos: Portugal apenas conta tres milhões de habitantes, e dá ao rei trezentos e sessenta contos de réis annuaes! Maior espanto faz a Grã-Bretanha, que não tendo a população de uma provincia chineza, e blazonando de bem administrada, dá a um funccionario público, lord *Wellington*, perto de duzentos contos de réis annuaes, por seus ordenados, e emolumentos, deixando gemer a melhor parte da nação, com o peso dos tributos!

Tambem é um verdadeiro progresso de civilisação, a igualdade, que os chinezes observam no lançamento dos impostos, na sua cobrança, e distribuição do rendimento do estado, pelos funccionarios publicos.

CARTA LIV.

AMOSTRA DAS LEIS CHINEZAS.

> Só na China existe a moral ligada á politica. A sua antiguidade ensina ao governo, que sem virtudes, não prospéra o estado.
>
> *Holbach.*

« A moral corrompe-se, quando está em contradicção com as honras; isto é, se o mesmo homem se acha coberto de infamia, e condecorações. » Verás como os chinezes aproveitaram este aphorismo de CONFUCIO, na lei em relação com os funccionarios publicos.

1.ª « Se o empregado civil, ou militar, no exercicio do seu emprego, commetter delicto, que mereça pena corporal, será commutada em diminuição nos gráos da sua ordem, em mulcta, ou degredo, segundo o número das bastonadas correspondentes ao delicto. Dez bastonadas equivalem ao salario de um mez; vinte, ao de dois mezes; trinta, ao de tres; quarenta, ao de seis; cincoenta, ao de nove; sessenta, ao salario de um anno; setenta, á degradação de uma ordem; oitenta, á de duas; noventa, á de

tres; cem, á de quatro ordens, e perdimento do emprego.» Além das penas mencionadas têm degredos, relativos ao número das bastonadas, segundo a especie, e o gráo do delicto, por um mez, dois, tres, etc.; até por toda a vida, como verás na tabella seguinte.

2.ª Lei dos impostos: «Em todos os districtos se fará o lançamento dos tributos, com attenção aos individuos da familia, e aos meios, que tiver o seu chefe, para contribuir, seja de classe distincta, ou inferior. Se qualquer mandarim obrigar os pobres a contribuir, para o serviço público, e isentar d'elle os ricos, soffrerá a pena de cem bastonadas. O mandarim, que se recusar á queixa dos offendidos, soffrerá a pena correspondente a oitenta bastonadas.»

«Em todas as provincias do imperio, cem familias formarão um districto, o qual elegerá d'entre si um juiz, e dez assessores, para com o mandarim respectivo lançarem, e receberem os impostos. Os eleitos do povo regularão as quotas, e abonarão as quitações. Se algum individuo tomar este encargo, não sendo legalmente eleito, soffrerá a pena de cem bastonadas. Os empregados civís, os militares, e as pessoas convencidas de crimes, não são elegiveis. Quem acceitar este encargo contra lei, soffrerá a pena de sessenta bastonadas. O mandarim, confirmador de um tal abuso, soffrerá a mesma pena.»

3.ª Direito que tem os chinezes, para descobrirem ao imperador os defeitos do governo: «Qualquer projecto tendente ao bem público, será enviado ao imperador pelos tribunaes. Se algum de seus membros conhecer irregularidades nos actos do governo, dará conhecimento d'ellas ao imperador. O individuo, que tiver esse conhecimen-

to, e não o declarar ao imperante, será interrogado perante o tribunal censorio; achando-se culpado, soffrerá a pena imposta a quem falta, em dar conta dos negocios publicos ao imperador. »

Nota a differença entre o governo chinez, e os da Europa. Aqui é punido o subdito, que sabendo as irregularidades do governo, ousa esconde-las: ahi são perseguidos os cidadãos, que têm virtude, para descobri-las. Assim, pódes bem avaliar qual d'elles é mais despotico.

4.ª Lei contra o adulterio: « Se o marido surprender a mulher com o adultero, e os matar n'esse acto, não soffrerá por isso pena alguma. Se não matou a mulher n'essa occasião, será punida em virtude da lei. Se o adulterio não foi commettido, e só ha desconfiança da intenção de commette-lo; se os culpados se entregam á discrição do marido; ou se este não estava no logar, onde o crime fôra commettido; o marido, que depois tiver conhecimento d'elle, e matar qualquer dos culpados n'estas tres circumstancias, será punido, em virtude da lei contra os assassinos. »

Compara a lei portugueza com a chineza, e avalia a justiça, e a humanidade dos legisladores de uma, e outra nação. A lei chineza pune os crimes; a portugueza pune a intenção de commette-los! « O marido poderá matar a mulher, e o adultero, Ordenação tit. 38. princ., não sómente surprendendo-os no crime, mas tambem em todo o tempo, que se persuadir o commetteram, e o possa provar. § 1.° Poderá mesmo ajuntar gente, para o ajudar a fazer as duas mortes § 5.°; e ajudado assim a matar a mulher, ganhará todos os seus bens. § 2.° Mas se for peão, e o adultero fidalgo, ou desembargador, não o poderá ma-

tar, nem á mulher, sob pena de ser degredado para a Africa, tit. 95. »

« A dita pena de morte terá logar, ainda que a mulher não seja casada, basta que esteja com essa fama; pois n'este caso respeitou o direito a tenção, que o adultero teve de peccar com mulher casada, tit. 26. » Póde haver lei, que em todas as suas partes seja mais injusta, e indecorosa? Que diriam os chinezes, se tivessem conhecimento d'ella? Que sendo as leis criminaes da Europa em beneficio dos carrascos, parecem feitas por elles.

As leis chinezas, ácerca do bello sexo, são rigorosas; as da Europa são barbaras. Os inglezes, n'este caso, passam da barbaridade á infamia. Pela infidelidade conjugal, leva o bretão sua infeliz esposa, de corda ao pescoço, á feira das bestas, e alli a vende ao mesmo adultero! Na China, sendo a mulher sempre comprada pelo marido, se commette adulterio, póde ser vendida pelo marido; jámais ao adultero. Tão vergonhosa immoralidade só na Inglaterra se pratica.

5.ª Lei contra os funccionarios que recebem presentes em razão do seu emprego: « Qualquer funccionario público, que receber presentes, ou ajustar recebe-los, para fazer um acto legal, ou illegal, será punido, em virtude da lei applicada a taes crimes. »

TABELLA DAS PUNIÇÕES, QUANDO O ACTO É LEGAL.

Valor em onças de prata.	Bastonadas.	Degredo.
1	60	»
2 a 12	70	»
20	80	»
30	90	»
40	100	»
50	60	1 anno.
60	70	1 ½ »
70	80	2 »
80	90	2 ½ »
90	100	3 »
100	100	por toda a vida.

Sendo o acto illegal, a pena é maior.

Ha outra lei singular, que inflige pena de morte a qualquer individuo, que requerer titulos honrosos ao imperador, não sendo já distincto por serviços prestados á naçáó.

Montesquieu, fosse por desejar amoldar as cousas da China á sua opinião, fosse por julgar, que, para dizer a verdade, bastava contrariar os jesuitas, escreveu falsidades, ácerca d'este imperio. « Ignoro, diz elle, o que seja honra no paiz, onde tudo se manda fazer ás bastonadas. » Na China pune-se o malevolo com bastonadas, quando não se lhe póde infligir outra pena, equivalente ao número das bastonadas, segundo a especie, e o grão do delicto: na Europa bastona-se arbitrariamente. Ainda ahi são os militares punidos com o bastão. A primeira das leis, que te envio n'esta carta, demonstra o engano de *Montesquieu*.

« A necessidade, ou a natureza do clima, diz ainda, deu a todos os chinezes cobiça inexplicavel; e os seus legisladores não cuidaram em atalha-la.[1] Na Lacedemonia era licito roubar; na China é permittido enganar: assim, não póde comparar-se a moral dos chinezes com a dos europeus. »

Muito illudido estava aquelle célebre escriptor, ácerca dos chinezes! Que diria, se vivendo, visse no codigo penal da China penas gravissimas contra os enganadores? Que diria, se lêsse na viagem do seu patricio S. Croix, á China, serem os europeus os enganadores dos chinezes? *Montesquieu* avaliou estes pelos gregos, e romanos; enganou-se! *Voltaire*, ácerca da China, firmou o seu juizo em factos, expendeu a verdade. Sim, *Voltaire* vio por informações exactas o espirito de ordem, o gosto das sciencias, a perfeição da moral, e a cultura das artes necessarias á vida, parte essencial da sabedoria chineza. Esta incorporou os tartaros á nação; vantagem, que não poderam obter os gregos dos turcos. Dos homens, que fallaram da China por informações exactas, foram *Hobbes* e *Voltaire*.[2]

Tratando da sabedoria que preside a este imperio, ha mais de quatro mil annos, deves lembrar-te, que não fallo do vulgo; esse é o mesmo em toda a parte, destinado a occupações braçaes; comtudo, nos logares onde ha boas leis, e justiça, o povo tem logar, para adquirir o pequeno número de idéas, que precisa, para se conduzir pela razão.

Ainda não te disse, que o meu bom amigo J. M. DA COSTA SILVEIRA DA MOTTA analysára a doutrina dos legisladores chinezes, e me brindára com o resultado d'essa

[1] Espirito das leis: Liv. 14. cap. 20.

[2] Em nosso tempo foi Mr. Pauthier.

analyse. Possuindo razão illustrada pela experiencia, adquirida no officio de Cicero, e methodo analytico, pelo costume da exposição de cada termo no texto das leis, demonstrou, em poucas paginas, as perfeições, e defeitos contidos no codigo penal da China.

Achou n'elle optimas leis, e leis pessimas; louvou aquellas, e julgou provirem estas da auctoridade paternal concedida ao imperante, e de ser aqui a mulher uma propriedade comprada pelo marido. Concedo; porém tendo a nação esta doutrina por melhor, como haviam os legisladores, na formação do codigo, dispensar os subditos do respeito filial devido ao imperador, e a mulher da subjeição devida ao marido por leis promulgadas, e estabelecidas pelo imperador Fou-Hi, ha 5:300 annos, e respeitadas até dos estrangeiros, que têm conquistado este imperio? Todos lhe obedecem gostosos: quando uma lei tem o cunho de 5:300 annos, tem direito a ser venerada.

Concordo em que a igualdade entre os dois sexos deve existir, ao menos em regras de direito; porém, vejo que a sorte das mulheres, não é mais liberal na Europa. Basta comparar as leis dos dois paizes ácerca do adulterio. Sendo a mulher chineza uma propriedade, sempre comprada pelo marido, é mais favorecida por lei, do que as mulheres da Europa, que pelos dotes compram algumas vezes os maridos. Comtudo, as barbaridades, que ha nas leis da Europa, não dissipam as que se encontram nas leis da China.

O nosso amigo fez a sua analyse como philosopho, e como jurisconsulto: como bom cultor da philosophia exultou, vendo leis ungidas com a moral de CONFUCIO: como versado no conhecimento das leis, teve de fechar o livro, de affrontado, na presença de algumas contrarias á

natureza intelligente, e por isso refutadas por mui abalisados jurisperitos, taes como *Vermuil*, *Vouglans*, e outros.

Assim podêmos concluir, não ser dado a povo algum possuir codigo perfeito.[1] Todavia, se as leis tendem a fazer os povos virtuosos, assevero-te, guardada a proporção dos habitantes, que se praticam mais virtudes na China, do que em outra qualquer parte do mundo.

---

[1] « O que ha de mais notavel no codigo penal da China é razão sublime, e a clareza extrema ; depois a brevidade, a força de suas disposições, a simplicidade, e a moderação do estilo, no qual se acha escripto. Encontra-se n'elle uma collecção de regulamentos claros, concisos, e positivos, cunhados pelo juizo prático, e o melhor senso europeu ; se não são conformes com os nossos costumes, e idéas, aproximam-se mais, do que os codigos de outras nações. * » Todas estas bellezas foram notadas pelo nosso amigo.

* Revista de Edimbourg: Agosto de 1810.

CARTA LV.

DA JUSTIÇA CRIMINAL, CIVIL, E DA POLICIA.

Sem leis, e sem o apparato da execução,
os homens seriam antropophagos.

Epicuro.

Os tribunaes acham-se organisados de modo, que é difficil comprar, ou prevenir os juizes. Todos os processos civís, ou criminaes são dependentes de tribunaes superiores, cujos regimentos conservam o direito de cada um, em virtude da lei. Os ordenados dos magistrados acham-se determinados, pelo seu gráo; e têm penas rigorosas os que recebem presentes, em razão do seu emprego. Assim, o mais pobre requer o seu direito, sém receio, nem temor da riqueza do seu adversario.

Da última instancia ainda ha recurso para o imperador: n'esse caso usa este dos preceitos, que lhe impõe o codigo sagrado: 1.° não infligir pena de morte, senão em casos capitaes: 2.° diminuir os gráos no rigor das penas: 3.° não fazer supplicio da prisão: 4.° não lavrar sentença,

sem provas claras: 5.º desenvolver todos os recursos da sabedoria, e do poder, a fim de prevenir o crime. Muita razão teve o genio sublime, que, investigando as leis d'este imperio, disse: « Comparando as leis criminaes da China, com as da Europa, vejo que estas ainda soffrem o jugo dos romanos, e dos godos. »

Não ha precaução excessiva para os chinezes, quando se trata de condemnar um cidadão á morte. O grande TAI-TSONG accrescentou ao regimento do tribunal criminal o supplemento seguinte: « Sendo a vida o que ha de mais apreciavel, a lei que a manda tirar aos matadores, é justa; mas podem haver casos, em que seja applicada com precipitação: por tanto, não se proceda a execução alguma, sem me apresentarem as razões, que tiveram para condemnar os culpados. O dia em que não se podér livrar da morte um delinquente, será de lucto, e de penitencia para mim, e para todos os membros do tribunal dos crimes. »

O imperador Yong-Tching ampliou o regimento pelo modo seguinte: « Lavrada a sentença no tribunal dos crimes, devem unir-se os seis tribunaes superiores; examinar o processo, e remetter-m'o, com o seu parecer, para eu julgar como for de justiça. » Assim o mais pobre subdito do imperio chinez, goza do privilegio, que se dá na Europa aos mais opulentos.

Gaspar da Cruz, vendo o processo, e a sentença, que dera o imperador Chin-Tsoung sobre a causa dos lusitanos presos em Liam-poo, diz: « Bem claro fica n'este processo, não só a boa administração da justiça, mas tambem a clemencia, que Deus poz n'este rei idolatra. É para admirar a diligencia, e o peso que dá aos negocios do estado. A

justiça, e o bom governo d'este imperio, é sem dúvida a causa da sua duração, e de o sustentar Deus com abundancia, e prosperidade. »

Para bem avaliares a excellencia do governo chinez, nota ser *Gaspar da Cruz* homem de luzes, mas rigoroso missionario, e que fallára assim de um rei pagão.

Os chinezes circumspectos por natureza, estudam continuamente as inclinações, e até os pensamentos uns dos outros! Modestos, e simplices em sua vida particular, ostentam grande magnificencia nas funcções públicas. É digna de notar-se a pompa, com que os magistrados pesam justiça. [1]

Sahindo de casa para o tribunal, são precedidos por seus officiaes menores, para lembrarem ao povo as honras devidas ao magistrado. O cortejo dos coláos é mais apparatoso. Levam na frente dois timbaleiros, e dois pregoeiros, para annunciarem ao povo a proximidade do coláo. Ao lado marcham vinte officiaes: uns levam em hastes, pequenas taboas encarnadas, onde vão escriptas, em letras douradas, as virtudes do coláo, os symbolos do seu emprego, e ordens: outros seguem a cadeirinha, conduzindo os instrumentos de castigo.

Os chinezes, sempre solicitos em ligar os homens á moral pelos vinculos da consciencia, aproveitam não só as lições de seus maiores, mas tambem a experiencia adquirida, e transmittida de uns a outros seculos. Conhecendo a influencia, que têm os sentidos, e a fantasia em todas as cousas, auxiliam-se com esses cortejos respeitaveis, a fim de evitar o desprezo, em que o vulgo toma as func-

[1] Fernão Mendes Pinto descreveu maravilhosamente um coláo, pesando justiça: T. 2. pag. 54: edição de 1829.

ções da justiça, quando não é acompanhada de lictores, para algemar, e de proconsules, para açoutar, ou degolar. Julgam indispensaveis as apparencias, que dão aos actos da justiça caracter solemne, capaz de attrahir a veneração dos povos: o mesmo fizeram os romanos, e o mesmo é preciso fazer nas grandes capitaes, para abalar os sentidos dos malevolos, a fim de os fazer parar em sua carreira criminosa; pois julgam as grandes capitaes, os seus mais seguros coutos.

Sendo as leis simplices, e claras, todos os cidadãos se acham em estado de instruir o seu processo, e cogitar no resultado, dizendo a verdade ao juiz. Assim, o auctor redige a sua queixa; entrega-a ao escrivão, para este a levar ao juiz; o réo é chamado immediatamente; cada um advoga a sua causa; e o negocio é ultimado, sem dilação. O criminoso é julgado, segundo a especie, e o gráo do crime commettido, cujo typo é marcado pelo número das bastonadas applicadas ao delicto, sem distincção de classe; pois só n'este paiz, a lei é igual para todos.

Em verdade, os chinezes são admiraveis, não só pela administração da justiça, mas tambem pela sua polidez, e beneficencia. O seu respeito pelos imperantes; o desvelo d'estes pelos subditos, e pela conservação do pacto fundamental, que lhes deu o throno; a auctoridade paternal, que manda com bondade; o amor filial, que obedece com ternura; são maravilhas, que os europeus, limpos de crenças absurdas, entrando n'este imperio, não podem deixar de admirar.

Nada coopera tanto, para a tranquillidade d'este imperio, como o bom regulamento da policia. As cidades, e villas são divididas em pequenos districtos, onde rondam

continuamente guardas de segurança pública. Cada um tem seu chefe responsavel por tudo, quanto succede no seu districto. O chefe de cada uma familia responde por seus filhos, e criados; os máos, aqui, não têm guarida. Principes, coláos, bonzos, tudo é subjeito ao sceptro da policia.

Um edital affixado em nome do imperador, basta, para qualquer auctoridade ser obedecida, e acatada. As auctoridades são todas responsaveis, e o imperador, para fazer essa responsabilidade effectiva, vigia-as, sem intermissão, por inspectores desconhecidos. Só d'este modo podem existir em Pekin tres milhões de homens, que mais parecem os alumnos de um collegio, do que os habitantes da maior cidade do mundo.

A multidão é espantosa, e o socego inexplicavel. Um principe temeria pisar o mais rude vendilhão. O primeiro grito chamaria a justiça, para castigar o aggressor. Ha tanto desvelo na policia, que não se ouve fallar em um roubo, ou assassinio. Sem prisões, e sem rigor conserva a todos no limite dos seus deveres. Para bem avaliares a policia, e a ordem d'este imperio, bastará saberes, que tendo o nosso último bispo de Pekin,[1] vinte sete annos de residencia n'aquella cidade, diz, que só houvera em todo esse tempo uma morte violenta!

S. Francisco Xavier, admirado das grandezas, leis, e policia d'este imperio, escreveu: « *Se algum dia for a Portugal, hei de pedir a elrei, por esmola, que veja as ordenações por onde esta gente se rege: considero-as mui superiores ás que fizeram os gregos, e romanos.* » *Andrade, Magalhães, Semedo, Gaspar da Cruz, S. Francisco Xa-*

[1] O Padre Serra.

vier, fallaram dos chinezes pelo modo, que tens visto; observa agora o que diz um bretão, tratando do imperio chinez.

« Devo confessar, que a China é mui rica; porém, falta-lhe actividade.... Antes quereria viver entre os beduinos, do que velejar em quietação uniforme sobre as aguas do canal imperial.[1] » Se ha logar no globo terraqueo, onde haja movimento contínuo, é por certo no canal imperial; porém, Henrique Ellis, preferia viver antes com os beduinos, do que onde a policia contém os homens no limite dos seus deveres! Muito póde o habito!

Razão tinha lord *Byron* para dizer: « Não tenho motivo para amar a terra, que me deu o nascimento; todavia, pêza-me ver perdidas as suas virtudes. Sete annos de ausencia bastam para esquecer velhos resentimentos, quando se vê ir a patria ao diabo! » Não foi a quietação do canal imperial, quem obrigou lord *Byron* a fallar d'este modo.

---

[1] Henrique Ellis fallou assim da China, fundeado na ilha do Leme, tendo apenas visto alguns pescadores d'esta nação! Diario da Embaixada de lord Amherst: T. 1.° pag. 56 e 57.

Dias da Costa lith. *Lith. da Imp.ª Nac.al*

CHA – AMUI.

CARTA LVI.

DA RELIGIÃO, SEITAS, E TOLERANCIA CHINEZA.

> He Deus; mas o que he Deus ninguem o entende,
> Que a tanto o engenho humano não se estende.
>
> *Camões.*

Hoje houve larga palestra em casa do meu amigo Cha-Amui. Perguntei-lhe, se adorava o sol, ou a lua pela Divindade, ou se professava a religião do estado; e se fôra CONFUCIO, ou Fou-Hi, quem a inventára? Respondeu: «A religião ensinada por KOUNG-TSEU, CONFUCIO, acha-se no Y-King, livro sagrado; funda-se em principios invariaveis; demonstra-se pela natureza da nossa especie, e de tudo o que nos rodea. Foi dada por *Fou-Hi*, e ampliada por *Houan-Ti*, YAO, e outros virtuosos filhos do ceo.»

«O *Tien*, *Deus*, deu ao homem sentidos, e memoria, por consequencia razão; permittio, que fizessemos uso d'ella, obrigados pela necessidade: assim aprendemos a fecundar a terra, a cultivar as sciencias, e as artes necessarias á vida. Pela razão temos conhecimento da sua von-

tade, ou do nosso dever, para com os outros homens. Eis a doutrina escripta em nossos livros sagrados. Deus manda, que os filhos da terra gozem de todas as commodidades, e prazeres compativeis com o bem. CONFUCIO extrahio estes principios do Y-King; formou-os em corpo de doutrina, e é a que meus pais me ensinaram, e sigo. Adoro o sol, a lua, e os outros planetas; porém como obras do *Tien.* »

Gostei de ouvir a explicação do Y-King, onde se acham decifrados os Trigrames de Fou-Hi; ver, que o meu amigo seguia religião limpa de superstições; e mostrar-te ao mesmo tempo, que os chinezes reconhecem, e adoram o Entendimento Supremo nas suas obras.

O monumento mais antigo da China, é a obra de Fou-Hi, escripta por sua propria mão no anno 3460, antes da era Christã. Não havendo para os homens creaturas mais brilhantes, do que o sol, e a lua, Fou-Hi determinou, que a letra *Ming*,[1] fosse collocada no templo de *Chan-Tien*, Deus Supremo.

« De todos os symbolos, que possam escolher-se para designar o altar sagrado, diz CONFUCIO, onde os homens rendem culto ao Pai de todas as luzes, não ha outro mais expressivo, do que a letra *Ming;* pois encerra os attributos de Gê, astro que preside ao dia; e os de Yué, que allumia de noite. »

Depois que Fou-Hi ensinou os homens a render culto á Divindade, e a modificar os impulsos naturaes, pela observancia de preceitos suppostos divinos, a primeira seita, de que os annaes fazem menção, é a de Tao-Se. Se não houvesse na Europa a historia da fraqueza do espirito humano,

[1] Uma letra chineza exprime um pensamento.

da tenacidade dos sectarios, da loucura dos credulos, da alliança inconcebivel da sabedoria, com a estupidez, e da virtude, com o vicio, teria razão sobeja, para te dar uma relação de tudo, quanto obraram os discipulos de Tao-Se. Andaram mais de dois mil annos de collo alçado; porém, hoje estão em desprezo.

Appareceu depois a seita de Lao-Kium: era fundada em boa moral, e tolerante; porém os discipulos obliteram-na, introduzindo-lhe falsidades. Os seus principios consistiam, em fugir ás paixões, perturbadoras da tranquillidade; a desejos violentos; e a não temer a morte. Mas os discipulos de Lao-Kium, querendo illudir o povo, recorreram á magia; desacreditaram-se.

A seita mais em voga na China, ha 1760 annos, é a de Boudha, divindade a que os chinezes chamam Fo. Póde considerar-se a religião da plebe. «Freio, que a mão dos despotas, dos bonzos forjou, para a buçal credulidade.[1]» No anno 65 da era Christã, o imperador *Ming-Ti*, sonhou ter apparecido no occidente o homem santo, indicado nas obras de CONFUCIO. Mandou enviados em sua procura: estes julgaram acha-lo no paiz dos Lamas, no idolo de Fo! Conduziram gostosos esse bocado de páo, julgando levar a imagem do homem santo, acompanhada de bonzos semeadores das fabulas, que encerra a seita de Boudha, ainda mais em voga na Cochinchina, e no reino de Sião.

O governo chinez é tolerante; comtudo, sustenta mandarins, encarregados de fazer conhecer ao povo a falsidade d'esta, e de outras similhantes seitas. A plebe em todas as partes do mundo, é tenaz em suas preoccupações. Uou-Tsoung, imperador illustrado, mandou arrasar, como já te

[1] Bocage.

disse, mais de quarenta mil templos, de seitas diversas, no anno 845 da era Christã; mas ellas proseguiram.

A seita dos letrados, chamada Ju-Kiao, teve principio no anno 1400 da era Christã. Foi instituida por uma sociedade de sabios, para honrar a memoria dos letrados. Deu explicações sobre o Y-King; e julgando achar n'elle a demonstração dos attributos da Divindade, verificou o juizo de CAMÕES.

O imperador Kang-Hi, iniciado nos mysterios d'esta seita, declarou a Mezza Barba, delegado do Papa, que não era ao ceo material, a quem os chinezes offereciam as primicias, mas sim ao Ente Supremo, reconhecido em suas obras: eis até onde se estende o engenho dos letrados chinezes.

Perguntei a um sabio de grande credito, por que motivo se tolerava no imperio a seita de Fo, sendo a religião do estado simples, razoavel, e limpa de superstições? Respondeu: « O homem, para ser livre, não lhe basta considerar os seus bens, e pessoa, a salvo da tyrannia; precisa ter o espirito desembaraçado, para seguir sem obstaculo as idéas, que o fazem ditoso. Os povos são todos religiosos; porém, de maneiras differentes: adoram um, ou muitos deuses, e cada um a seu modo; isto é, como na infancia lhe disseram, que o deviam fazer. Assim, estão persuadidos, que o seu modo de ver, é o melhor: logo, não se devem estorvar do culto, que por seu gosto rendem á Divindade, para não os fazer desgraçados. »

« Se é tyrannia despojar o homem dos seus bens, maior, mais cruel, e mais insopportavel é violenta-lo na opinião, que fórma do Ente Supremo. A razão pede, que se tolerem no estado as seitas, adoptadas pelos cidadãos; e que

haja balança justa entre uns, e outros, a fim de não se opprimirem. Seria talvez mais vantajoso ao homem, priva-lo Deus da faculdade de pensar, do que ver-se obrigado a seguir o capricho de um embusteiro. »

« Qual é a seita, onde não hajam falsidades! Que bonzo nos diz: *Dá-me fazenda, dar-te-hei valimento, para com Deus. Farei recahir sobre ti os seus beneficios, assim como elle me concede graças.* A seita de Fo consente-se no imperio, em razão da sua tolerancia, e por não se empenharem os seus bonzos na propagação da sua doutrina. »

Em verdade, a tolerancia augmenta os cultos: d'ahi provém adorarem os chinezes a Deus, como bem lhes apraz. « Uns dão aos bonzos quanto possuem, julgando comprar assim prazeres, além da vida: os bonzos passam-lhes letras de cambio, no valor de um por cento, pagaveis no ceo, como se lá tivesse o dinheiro valor, ou elles correspondentes: outros affirmam aos seus devotos, não haver mais do que viver, e morrer; pois de ignorantes é cuidar outra cousa. [1] » Aquelles, estão conformes com a doutrina de Platão; estes com a de Zeno: o certo é, que estes dois varões, ambos praticaram virtudes perfeitas.

---

[1] Já Fernão Mendes Pinto havia notado as differentes doutrinas, que os bonzos ensinavam aos chinezes: T. 2.° pag. 115.

CARTA LVII.

DA ASTRONOMIA, E DA GEOGRAPHIA.

Quanto é bello dos montes ver de *Urania*
As molas, que entretêm a acção do mundo!
Ver nas primas idades o amor proprio
Accender as paixões em nossos peitos:
Formar nações, esclarecer os homens!

Helvecio.

Ha mais de quatro mil annos, já os chinezes observavam o movimento dos astros: de trinta e sete eclipses, indicados nas obras de CONFUCIO, trinta e um acharam-se perfeitamente conformes, com as observações astronomicas de Laplace, e outros.[1] A mathematica, e a astronomia são dois ramos da instrucção chineza. O presidente do tribunal, que tem estas sciencias a seu cargo, remette ao imperador, em cada periodo de quarenta e cinco dias, um almanack, onde se acham todas as variações dos corpos, que povoam o espaço.

O anno civil tem doze mezes, uns de trinta dias, outros de vinte nove: de cinco em cinco annos, ha um mez

[1] Memorias da academia franceza: T. 15.° pag. 541.

intercalar. O anno solar é de 365 dias, e seis horas: de quatro em quatro annos, ha um bissexto. Esta medição do tempo já se praticava no reinado do famoso Yao, ha 4200 annos. Dividem a semana, segundo a ordem dos planetas: chamam ao primeiro dia, sol; ao segundo, lua; e assim por diante, até ao último dos sete. Applicaram o nome da terra a Saturno, da lenha a Jupiter, do fogo a Marte, do metal a Venus, da agua a Mercurio. Dividiram o dia em doze horas, a hora em cem minutos, e o minuto em centecimos.

Logo que os portuguezes entraram em Pekin, foram admittidos no tribunal da astronomia: presidiram n'elle, assim como alguns francezes. O observatorio tem uma torre altissima, contigua á muralha da cidade tartara:[1] domina grande extensão do paiz. Existe n'elle uma grande esphera armillar, globos, telescopios, e outros instrumentos astronomicos, e de physica. Servindo-se, em nosso tempo, de instrumentos acabados com perfeição, os antigos são conservados em sala reservada, para esses venerandos objectos.

Sabes, que o imperador Kang-Hi, mandára levantar uma carta geral da China, por geographos europeus; mas, talvez ignores, que estes acharam pouco a emendar na que haviam feito os chinezes. Se ajuntâmos á China o grande paiz da Tartaria, devemos considerar este imperio maior, do que fôra o romano, no tempo da sua maior grandeza; e apezar da grande extensão d'este imperio, em nenhum outro paiz ha geographia tão complecta.

No reinado de Kien-Long, publicou-se uma geographia da China, que póde servir de modelo aos geographos da

[1] A cidade é dividida em duas partes: a uma chamam tartara, a outra chineza.

Europa. Querendo este imperador uma descripção completa de todas as partes da China, e da Tartaria, mandou fazer em cada provincia, a sua estatistica particular.

Os geographos compilaram: 1.° os limites de cada provincia: 2.° as montanhas: 3.° a extensão do terreno, e a sua qualidade: 4.° o que acharam de bom, antigo, e moderno: 5.° a differença dos costumes: 6.° os rios navegaveis, e as pontes lançadas n'elles: 7.° o número dos habitantes, a extensão do terreno cultivado, e o total dos tributos: 8.° as diversas producções, em todo o genero: 9.° o número dos tribunaes, dos celleiros publicos, dos hospitaes, das escholas, e fabricas de qualquer especie: 10.° as acções boas, ou más dos imperadores, e da sua familia: 11.° todos os monumentos da arte, e productos da natureza. A relação de todas estas cousas encheu grande número de volumes. O imperador mandou extrahir d'elles o mais essencial, e formar a geographia, que se imprimio em Pekin, no fim do seculo passado.

CARTA LVIII.

DA MEDICINA.

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba, e dura
Cabo dos medicos dá.
Por que é isto? É por que lá
Pagam sómente a quem cura.

Bocage.

O estado sanitario do imperio chinez é mui differente, do que se encontra na maior parte da India. Os bramas estão, ácerca da medicina, no caso dos boudhistas, dominados pela astrologia: assim, perdem as horas, e as circumstancias. Quando a medicina não é livre em seus principios, de mui pouco aproveita á especie humana. No Egypto, na Grecia, em Roma, não foi ella só empyrica, mas tambem supersticiosa. Os romanos julgaram, que, para não entrar peste na cidade, bastava cravar um prego na porta do templo do seu divino Esculapio.

Os boudhistas classificam as molestias em quentes, e frias, por não terem conhecimento da pathologia humoral. O mesmo succedia entre os inglezes, ainda no seculo

passado. Lilles, em seu tractado de astrologia, pretendeu mostrar a relação, que existe entre os planetas, e o corpo humano. « Quem for atacado por molestia quente, á hora de Marte, ou por molestia fria, á hora de Saturno, diz Lilles, soffrerá grande padecimento. Se a indisposição tiver logar á hora de Jupiter, o ataque é no figado; se tiver logar á hora de Marte, é febril; provém de influencia do humor, nas grandes veias proximas ao coração. »

Na China ainda os boudhistas fazem depender a sua pathologia, e therapeutica do supposto influxo dos astros: na Europa foram talvez os inglezes os ultimos, que deixaram de seguir o systema de predizer os destinos futuros pelo aspecto, e conjuncção dos astros. Assim o attesta não só Lilles, em seu tractado, mas tambem o monumento levantado no cemiterio de Mortlak, no ánno de 1715, á memoria de John Partridge, astrologo, e medico de Carlos 2.º Pelo contrario, os medicos chinezes, formados no collegio imperial, limpos de superstiçôes, nunca seguiram theoria, que não tivesse por fundamento a razão.

Nas provincias mais affastadas da côrte, adquirio a seita de boudha maior número de proselytos; por isso os chinezes, residentes em Cantão, são na maior parte boudhistas; e só entre elles podem os europeus, na época presente, observar o systema do seu curativo, bem similhante ao que o medico Lilles ensinou em Londres. Quando vem a Cantão algum Han-li, medico formado no collegio imperial, sendo na sciencia da medicina quasi tudo inconsequente, difficil é, a quem não sêja versado no idioma chinez, penetrar as nuvens accumuladas sobre a eschola de Chen-Nang, lavrador divino, e mais divino medico, do que fôra Apollo, ou seu filho Esculapio.

Todavia, as sciencias fundadas em theorias especulativas, taes como a medicina, não têm correspondido ao que se devia esperar de uma nação grande, antiga, e applicada. O seu idioma pede estudo longo; as ceremonias dão mais exercicio á memoria, do que ao pensamento: demais, os chinezes, occupados em objectos de pública, e immediata utilidade, não podem soltar o espirito na carreira da imaginação. Assim, póde attribuir-se o seu atrasamento nas artes liberaes, á perfeição do governo.

Quando os genios sublimes de uma nação têm por seu primeiro dever, estudar as leis, e fazer adoptar a moral pelos seguros laços da consciencia, para conservar a politica, ou a sciencia do governo; se o povo é immenso, e precisa da vigilancia dos sabios, para manter a ordem na sociedade; em uma tal nação, as sciencias especulativas, e as de puro ornamento, tarde chegarão ao gráo elevado, em que se acham hoje na Europa.

O certo é, que lá, e cá, tem havido preoccupados detractores da medicina; e vai grande differença da precipitada preoccupação, ao juizo da philosophia, que examina, e compara. Aquella julga, que a força dos remedios se torna, de dia em dia, mais perigosa, do que o veneno das molestias; esta acha a theoria do corpo humano tão complicada, as causas das molestias tão discordantes, os systemas de curativo tão differentes, e mesmo tão oppostos, que não ousa resolver o problema, que tem por fim o restabelecimento da saude.

O famoso Lien-Tchi disse aos panegyristas do progresso, que a arte de curar fizera no tempo da dinastia Soung: «A botanica, a chimica, a anatomia, e a medicina, sahiram da prisão, onde os seculos precedentes a tinham

encerrado; o genio, abrindo o sanctuario da natureza, ajudado pelo facho da observação, descobrio muitos dos seus mysterios; porém, dizei-me, alongou-se mais a vida nas cidades, onde a medicina esgota os recursos da sua theoria? Não. A vida é mais longa nas aldêas, onde a arte de curar se abordôa nas experiencias antigas. Entrai em casa dos selvagens; comparai o número dos seus velhos, e enfermos com o das cidades: guardada a proporção, vereis a differença. Se quizerdes ser sinceros, confessareis, que a medicina, usando das suas bellas theorias, vê muitas vezes mudar em bebida de morte, a sua mais acreditada panacéa.»

Para se avaliar a opinião de Lien-Tchi, basta ver o bom livro Kou-Kin-Y-Tong, extracto das melhores obras de medicina. Os antigos chinezes conheciam as propriedades da terra, pela côr das suas camadas, cheiro de suas exhalações, gosto das aguas contidas em suas entranhas, crescimento das plantas, e côr dominante da sua verdura. D'essas observações, resultou o conhecimento dos logares mais proprios ao sexo; mais favoraveis, ou contrarios á propagação; dos que atacam os polmões; dos que damnificam o estomago, e dos que tornam o sangue fluido, ou embaraçam a circulação.

Das confrontações, e deducções dos factos tiraram principios, regras, e precauções, com que duplicaram o resultado da medicina, affastando a causa das molestias. Calcularam o peso do ar; observaram as propriedades da atmosphera; a quantidade das chuvas; a violencia das tempestades, e a sua duração: comparando tudo com as phazes da lua, influxo do sol, rotação, e translação da terra, e serie de annos, formaram um almanack de grande utilidade.

Estas observações medico-metereologicas, reunidas, e comparadas, offereceram periodos similhantes; mas os chinezes, já n'aquellas remotas épocas, conheciam da natureza, quanto bastava para não se atreverem a predizer o futuro. Quando os bonzos de Fo entraram n'este imperio, no anno 65 da era Christã, quizeram alterar o almanack chinez; porém, quanto mais se obstinavam por fazer ver em tudo a influencia da fatalidade, mais luzida gloria alcançavam os medicos chinezes, salvando o chefe do imperio, e a maioria de seus habitantes, de tão perigosa credulidade.

Os medicos chinezes só podem obter gráo no collegio imperial, do qual é inspector nato o imperante; e regem n'elle os differentes ramos das sciencias, os melhores professores do imperio. São admittidos alli os estudantes de merito de todas as provincias: a concorrencia multiplica tanto os successos, quanto faz a superioridade mais difficil, e por consequencia mais apreciavel.

Os legisladores chinezes tomaram sempre a natureza, e a razão por base das suas instituições: certos de que, nem os mais sublimes engenhos podem abranger a universalidade das cousas, nem das sciencias, julgaram ser mais honroso ao espirito humano elevar-se, do que estender-se. Assim, restringiram cada individuo no circulo dos estudos proprios ao temperamento do seu coração, e força do seu espirito.

Sendo a arte de curar tão immensa, quanto é difficil, e vendo, que nenhum ente humano póde chegar á perfeição, na prática de seus diversos ramos, não fizeram da botanica, da pharmacia, da medicina, e cirurgia, uma unica sciencia, como fizeram os egypcios, e os gregos: dividiram a benefica arte de curar em partes distinctas,

a fim de cada um estudar aquella, para que tivesse mais aptidão.

« Conhecem, que o engenho do homem deve limitar-se a um só genero; que bom é cultiva-lo, e nunca sahir fóra d'elle, se aos mais altos estudos pretende subir; fundam-se em que, são os nossos cerebros como a terra, cujas ha que idoneas são para vinha, e não para trigo. Esmerando-se em artes, e doutrinas, dá-se cada um a um só genero de estudos. [1] »

Uns applicam-se ao curativo das creanças, outros ao dos adultos; alguns curam só o bello sexo; outros applicam-se ao tratamento dos velhos; uns de molestias internas, outros das externas, etc. Em todos os paizes civilisados ha medicos regulares, medicos habeis, e medicos de genio; aqui succede o mesmo: comtudo, deve ser cada um mais profundo no ramo da sua profissão, em virtude da continuada applicação sobre enfermidades similhantes.

Cada facultativo é obrigado a dar conta ao presidente das aulas de medicina, dos enfermos que tratou, dos que melhorou, e dos que morreram. O presidente faz sobre ella breve relatorio, e remette tudo ao ministro competente, para que o governo, comparando os successos do tratamento de cada medico, com o número dos doentes, regule com justiça as promoções, e as recompensas.

Aqui reputa-se a pharmacia o ramo mais importante da arte de curar. Em verdade, quantos remedios capazes de obrar o prodigio da resurreição, se convertem em mortifero veneno, pela avareza, ou inercia dos pharmaceuticos? Quantos Galenos terão sido victimas de suas nefandas torpezas? Na China dá o governo aos povos tudo, quanto é

[1] Filinto.

relativo á pharmacia! Singular administração! Unica na historia do mundo!

Este saudavel costume assegura a vigilancia dos empregados, na escolha das drogas; o cuidado dos medicos, na combinação do receituario, e a exactidão dos pharmaceuticos, na preparação dos remedios: demais, impede que sejam infectados pelo veneno dos ambiciosos. Já na dinastia de Tchou, 1122 annos antes da era Christã, os medicos empregavam em seus curativos os productos dos tres reinos, tornando ainda o mesmo veneno, que d'elles extrahiam, em remedios de grande utilidade, no ataque de certas molestias.

O auctor do Pen-Tsao, tractado das plantas, diz: «Já na dinastia *Soung*, 420 annos da era Christã, o mercurio, e o solphato de soda foram celebrados; este, na purificação do systema organico; aquelle, nas molestias de pelle.» Tambem se vê nas antigas obras de medicina chineza, que seus auctores differençavam as arterias, das vêas; e tratavam das funcções pulmonares, que oxygenam o sangue, desembaraçando-o do carbone superfluo; e da ruina, que o mal de uma viscera póde fazer a outra.

No tractado de medicina, Tchang-Seng, longa vida, encontram-se regras admiraveis sobre a hygiene pública. Sendo o tratamento dos enfermos dirigido com perfeito conhecimento da pathologia, e da therapeutica; isto é, com perfeito conhecimento das molestias, e boa applicação dos remedios, não admira o estado sanitario d'este imperio. Todavia, o trabalho, a moderação, e a innocencia da vida, são talvez a causa motriz d'esse bom resultado. A cholera, peste devoradora em quasi toda a India, perde as qualidades morbosas, assim que toca nas fronteiras da China.

Os medicos chinezes combinam sempre as maximas da mais austera moral, com as regras da consoladora philosophia no tratamento dos doentes. Nunca os affligem com sujeições, ou constrangimentos, peiores muitas vezes do que as molestias: vigiam as indicações da natureza em seus gostos, e mesmo em seus caprichos, a fim de atacarem o mal, ainda prestando-se ás phantasias do enfermo. Ornam de flores, por assim dizer, a chavena em que applicam o remedio; e se não convém extrahir-lhe a parte amargosa, dão-lhe cheiro agradavel: diminuem a repugnancia do paladar, pela satisfação de outro sentido, preferindo sempre o contentamento do coração.

Ha mais de tres mil annos, que applicam a certas molestias, rigorosas dietas, exercicios forçados, fricções repetidas, banhos de aguas mineraes, vapores aromaticos, cholera provocada, surpreza satisfatoria, etc. As gerações chinezas transmittem cuidadosas, umas ás outras, as suas experiencias ácerca da medicina. Na Europa começaram, no seculo passado, a imitar o zelo dos chinezes, reunindo as descobertas, e redigindo observações proveitosas, tirando-as das bibliothecas, para entrega-las aos facultativos, e ao povo, a quem são uteis, e necessarias. Uma tal obra, bem redigida, seria principio de tranquillidade, para o estado, auxilio prompto, para o exercito, e uma continuada esmola, para essa porção da sociedade, que, promovendo a abundancia pública, recebe em partilha a mais triste penuria.

O imperador Kien-Long, dando perfeição a muitas cousas antigas, quiz dá-la tambem á medicina: reunio uma assembléa de medicos distinctos, e ordenou-lhes, que reformassem as instituições relativas á sua faculdade, pelo

modo que mais conviesse á geração presente. Depois do mais prolixo exame, e sisuda discussão, votaram pela pharmacia publicada na dinastia *Tchou*, e pela pathologia, e therapeutica, dada á luz na dinastia *Soung*.

Á raiz de ginção, ou ginseng, attribuem os medicos boudhistas virtudes singulares. Applicam a sua essencia (reputada por elles poderoso aphrodisiaco) em ultimo recurso, a todas as molestias. Não ha fraqueza de estomago, desarranjo de intestinos, paralysia, ou convulsão, que não ceda á ginseng. É remedio maravilhoso, para restabelecer as forças, facilitar a transpiração, purificar o sangue, reanimar a velhice, e reparar em breve a perda, occasionada por deleites amorosos. Os medicos boudhistas deliram com a ginseng, como La Roy delirou com a raiz de turbith.

Não cabe nos limites de uma carta o que ha de bom a dizer, sobre este objecto; mas o que te hei referido, basta, para fazeres idéa verdadeira dos cuidados, que os legisladores, o governo, e os medicos têm applicado á hygiene pública, no longo espaço de quatro mil annos. Ignoro, se o costume praticado ainda hoje, tem a mesma idade; isto é, quando qualquer adoece, o medico investiga a causa, e o estado da molestia, e ajusta o seu curativo: se o doente morre, o medico não recebe paga.

CARTA LIX.

JUIZO SOBRE FERNÃO MENDES PINTO, E SOBRE ALGUMAS COUSAS VISTAS POR ELLE NA CHINA.

Olha o muro, edificio nunca crido,
Que entre um imperio e outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia real, soberba, e rica.

Camões.

Nenhum outro europeu teve occasião para observar as cousas da China como *Fernão Mendes Pinto*. No tempo da sua peregrinação n'este imperio, ainda os chinezes ignoravam quão desmedida era a ambição dos europeus. Com essa vantagem entrou o nosso peregrino nos palacios dos grandes, nas casas dos rusticos, nos tribunaes, e até nas prisões. Tendo abalisado talento de observação, empregou-o n'este imperio maravilhosamente.

A noticia, que adquirio em sua peregrinação, abrange tres partes: 1.ª topographica: demonstra as regiões por onde viajou: 2.ª descriptiva: n'esta parte copiou do natural bellissimos quadros: 3.ª philosophica: trata do governo,

da moral, e da religião. A primeira, e a ultima dão a conhecer a tenebrosidade do tempo em que foram escriptas; porém, a segunda é tão admiravel, como verdadeira.

Basta a descripção do roubo dos tumulos, em cuja empreza elle se achava, para fazer a sua obra interessante, pela franqueza com que relata esse vergonhoso facto. Vindo *Antonio de Faria*, aos mares da China, para castigar o pirata Coja-Acem, destruio quantas embarcações encontrou, fazendo maiores crueldades, do que haviam praticado n'estes mares, os mouros, e malaios! Não tendo por fim a quem roubar sobre o mar, dirigio-se a Liampoo, onde encontrou o pirata Similao; alli concordaram os dois, em roubar as preciosidades, que Similao dizia existirem na ilha de Calemplui, onde jaziam os restos mortaes de alguns imperadores chinezes.

Aquelles dois tigres de figura humana, *Similao*, e *Faria*, discutiram o projecto da sua empreza na matriz de Liampoo! A religião em todos os tempos servio para tudo. *Diogo Lobato*, gozava de tão grande credito, para com *Antonio de Faria*, que lhe mereceu dois empregos, n'esta expedição nefanda; o de capellão, e de segundo commandante! Que tal era o bom do padre? Tinha capacidade, e valor para desempenhar as funcções de ministro do altar, e o emprego de segundo capitão de ladrões assassinos!

Estando promptos, largaram vélas á mais ardente cobiça. Passaram muitos, e grandes perigos, e temendo outros maiores, quizeram retroceder. Então exclamou *Diogo Lobato:* « Camaradas, este é o rumo do ceo: recusareis segui-lo? O triumpho d'esta empreza é destinado aos escolhidos do Senhor; quem se atreverá a recusar essa escolha, e contrariar a sua vontade? Louvai-o, e proseguí. »

Grandes crimes praticam os bonzos de Fo, em venderem a seus devotos os cornos dos animaes sacrificados em seus templos, a fim de se ornarem com elles no paraiso, asseverando-lhe, que sem esse ôco adorno, não serão recebidos no ceo. Comtudo, não podem comparar-se com o padre *Lobato*, proclamando para roubar, e matar, insultando as cinzas sepulchraes dos imperadores chinezes.

Os bonzos de Fo são enganadores; mas o padre *Lobato* excedeu os talopões. Abysmou-se na bôcca do rio Kiang, com o seu digno companheiro *Antonio de Faria*, antes de concluirem a sua abjecta, e arriscada empreza.

De 146 homens, que em duas embarcações acompanhavam *Antonio de Faria*, salvaram-se apenas treze. As auctoridades chinezas, desconfiando dos hospedes, que horrivel tormenta lançára em suas praias, mandaram conduzilos á cidade de Nankin. *Fernão Mendes Pinto* era um dos treze, que as ondas lançaram á praia, ainda com vida.

Nankin, antiga capital da China, fica na latitude de 32 gráos ao norte do equador, e 127 ao oriente de Lisboa: está edificada na margem de Kiang, sobre collinas, e valles. É rodeada por bem construida muralha, de cinco leguas em circumferencia; as ruas são largas, rectas, e bem calçadas: algumas têm canaes pelo meio. As casas têm um só andar: são cõmmodas, e aceadas.

Esta cidade decahio da sua antiga opulencia, depois que os imperantes foram estabelecer-se em Pekin. O seu decantado observatorio está reduzido a um montão de ruinas. Os templos, os tumulos, e outros monumentos singulares, foram destruidos pelos tartaros; comtudo, ainda é bella pela sua encantadora posição, e rica pela fertilidade do terreno, e actividade de seus moradores.

O Kiang, em frente da cidade, terá meia legoa de largura; entra pelos canaes, que a dividem, não só para limpa-la, mas tambem para darem passagem ás muitas embarcações, que a servem. Residem n'esta cidade os doutores mais affamados. Tudo o que ha nas outras provincias, é melhor em Nankin. O povo é mais instruido, e civil; a linguagem mais pura, do que em outra qualquer cidade do imperio. Avaliam a sua população em dois milhões de individuos.

Para bem julgar dos chinezes, é preciso tratar com os habitantes de Nankin. Têm conservado a religião, e as leis, sem alteração. Os antigos costumes são observados, com escrupulosa attenção: os principios da lei natural, reunidos em corpo de doutrina pelo affamado CONFUCIO, em parte alguma do imperio são tão respeitados, e seguidos, como em Nankin.

Ainda existe fóra da muralha, e bem conservada, a famosa torre de porcellana, tão decantada pelos chinezes. É octogona; tem duzentos pés de altura, e é dividida em nove andares: cada um tem bellissima cornija, e quatro janellas, viradas aos pontos cardinaes. Todas as partes componentes d'este rico edificio são ligadas por modo, que parece formado de uma só peça.

Entre os singulares monumentos da China, admira-se a grande muralha, que divide os chinezes dos tartaros. Foi mandada edificar pelo imperador Ou-Ling, no anno 303 antes da era Christã; mas Tsin-Chi-Hoang-Ti, foi quem deu impulso a essa grande obra, no anno 214, antes da referida era. Em 213, mandou este imperador queimar os livros de historia, e moral, e com elles, os sabios, que lhe faziam sombra. Sobreviveu a esse acto horrivel tres

annos, e a obra continuou, até que foi concluida no anno 204, antes da era Christã.

O general Mon-Tien, presidio, por ordem de Tsin-Chi-Hoang-Ti, ao fabrico da muralha, tendo debaixo das suas ordens trezentos mil soldados, para sustentar a ordem entre os milhões de obreiros, que a levantaram. Tem quinhentas legoas de comprimento, em razão das curvas horizontaes, e verticaes; e quarenta pés de altura, com vinte de largura. Ha bastiões, e atalaias de quinhentas, em quinhentas braças. Uma das montanhas, por onde ella sobe ao cume, tem 5:225 pés de elevação.

O pensamento politico de reservar o imperio chinez das invasões tartaras, fez construir esta gigantesca obra, tão maravilhosa, como inutil; pois que, sendo tão forte, não obstou ás invasões dos tartaros, em todas as guerras tidas com os chinezes. A muralha da China attesta, quanto póde o genio do homem.

O canal imperial é obra mais util: atravessa a China, do norte ao sul, no espaço de quinhentas legoas, pelas curvas horizontaes, que foi preciso seguir. Assim traçaram os chinezes os maiores nivelamentos, que existem sobre a terra, com o soccorro de fortissimas comportas. A magnificencia da execução corresponde á grandeza do plano. Teve começo nos primeiros annos da era Christã. Vem de Pekin ás proximidades de Cantão, ajudado pelos rios Peiho, Kiang, e outros.

O imperador Yang-Ti, deu-lhe fortissimo impulso, no seculo VI da era Christã; mas, o fundador da dinastia mogol deu-lhe grande perfeição, mandando guarnecer-lhe as margens com parapeitos, e boas estradas bordadas de arvoredo. Avistam-se por todo elle, de um, e outro lado, cidades,

villas, aldêas, hospedarias, etc. Nos logares mais estreitos tem trinta varas de largura. *Fernão Mendes Pinto*, dá idéa verdadeira da energia admiravel, que se encontra n'este canal.

O que eleva mais o genio, é saber triumphar dos obstaculos naturaes: as pontes são d'esse genero. Por maiores que tenham sido as construcções modernas, em nenhum logar do mundo ha ponte igual á que os chinezes levantaram sobre o rio Sufran. Tem seiscentos pés de comprimento, e setecentos de altura, sobre um só arco: serve de communicação entre duas montanhas.

No reinado de Hiang-Yu, no seculo I da era Christã, fizeram os chinezes, n'este genero, obras maravilhosas. As pontes suspendidas, de uma a outra montanha, tiveram logar n'essa época. Eis mais um exemplo notavel do genio progressivo dos chinezes, nas artes, e na industria, apezar da sua lei fundamental, e do seu immenso alphabeto.

CARTA LX.

CIDADES DE PAY-ANG-HIEN, JANG-TCHOU, E PEKIN.

Tudo em gozar se occupa n'estes sitios.
Cupido, prolongando os seus transportes,
Ensina as artes de accender desejos,
E faz variar as fórmas dos prazeres.

H.

O canal imperial, entre as cidades de Nankin, e Pekin, tem mais de duzentas legoas, em razão das curvas. Navegando-se por elle, descobre-se, além das cidades, e villas, grandes pinhaes, riquissimos pomares, varzeas de arroz, cearas de trigo, cevada, milho, centeio, e legumes. As manadas, e rebanhos, são admiraveis pelo número, e pela grandeza.

« Passando o Kiang, encontra-se a cidade de Pay-anghien, rodeada por grossa muralha, onde ha baluartes. O objecto mais notavel d'esta cidade é o templo consagrado á memoria de uma imperatriz, edificado sobre trezentos e sessenta pilares de marmore: tem cada um vinte sete palmos de altura, e o mesmo de circumferencia. As linhas

dos pilares formam oito ruas, divididas por grades de bronze, com portas, para commodo dos peregrinos, que affluem aos festejos dos idolos, como os Catholicos em Roma, ao Jubileu. »

« Ha na capella mór um throno, onde está grande leão de prata: tem á cabeça rico ataúde de ouro, no qual estão encerrados os ossos da imperatriz. No exterior ha muitas estatuas de bronze, e grandes arcos triumphaes guarnecidos de campainhas, que, embocadas pelo vento, fazem grande ruído. »

A riqueza d'este Miao, templo, descripto por *Fernão Mendes Pinto*, parecerá exaggerada a quem não tiver noticia de outros mais sumptuosos, que ainda existem na China, e na Tartaria. A célebre imperatriz Hoang-Heou, mandou levantar um Miao, e collocar dentro d'elle uma estatua de bronze, imagem de Fo, que tinha duzentos pés de altura! Pela estatua pódes avaliar a grandeza do templo.[1] Isto são factos historicos, extrahidos dos annaes.

Na Tartaria ha um templo, rodeado no exterior de muitas columnatas de bronze, e no interior por muitos idolos de prata, e de ouro. Tão grande riqueza não vio *Fernão Mendes Pinto*. « Sahindo de Pay-ang-hien, vê-se pelas margens do canal tão grande número de lagares de vinho, e azeite; de legumes, e fructos, que enchem legoas, e legoas de terreno. Por todo elle navegam embarcações, carregadas de quantos generos a terra, e o mar produzem, para sustento, e regalo da vida. Quando se juntam ás povoações terrestres, formam cidades fluctuantes de vinte,

[1] Sempre estes monumentos inuteis eram levantados em épocas desgraçadas; isto é, quando o governo do imperio cahia nas mãos de algum fanatico, ou de mulher supersticiosa.

e trinta mil embarcações, tendo algumas duas, e tres familias. »

É mais para admirar a policia, e o concerto n'estas povoações fluctuantes, do que os magestosos edificios nas cidades terrestres. Têm grande número de canaes, formados pelas embarcações, mui compridos, e rectos: navega-se por elles com presteza, e commodidade. Basta chegar a Cantão, para conhecer por evidencia muitas cousas descriptas por *Fernão Mendes Pinto.*

Antes de chegar a Pekin, encontra-se na margem do canal a cidade de Iang-Tchou: póde comparar-se com Veneza na fórma; mas Iang-Tchou excede-a na grandeza. A salubridade do clima, a fertilidade do terreno, os costumes dos habitantes, a grande affluencia dos passageiros, tudo faz d'esta cidade um logar delicioso. Realça sobre tudo a belleza, e bondade do sexo. Os homens são dados ao prazer; e as mulheres, para requinta-lo, variam o modo de o poder alcançar. Esta cidade tem para os chinezes as mesmas delicias, que dava a ilha de Cythera aos antigos gregos.

A cidade de Pekin está edificada sobre grande planicie, na latitude de 39¾ gráos ao norte do Equador, e 125½ gráos ao oriente de Lisboa. Póde considerar-se a metropoli do mundo, não só pela grandeza, mas tambem pela riqueza e abastança. A muralha que a defende, tem seis legoas de circumferencia, na qual existem muitos baluartes, e torres. Contam-se n'ella nove portas com registros, e pontes levadiças. É cortada por muitos canaes, e ligada por grande número de pontes, sobre arcos de pedraria. As ruas são tiradas a cordel; muitas ha com mais de uma legoa de comprimento, e cem pés de largura. Moram em Pekin tres milhões de habitantes.

Fernão Mendes Pinto, receou contar as grandezas da capital da China: «Não por serem estranhas a quem vio outras, diz elle; mas por saber, que alguns pretendem medir o muito dos outros paizes, que não viram, pelo diminuto, que têm diante dos olhos nas terras onde nasceram, e negarem o que não se conforma com o seu entendimento, e pouca experiencia.» Antes de se entrar na cidade, encontra-se largo fôsso aquatico, sobre o qual ha pontes, para servi-la. As portas têm duas torres lateraes, de nove andares cada uma: do pavimento superior descobre-se toda a cidade, e os campos, que a rodeam. Cada um andar tem janellas, que podem servir de canhoneiras: no pavimento inferior está o corpo da guarda.

O paço imperial admira pela grandeza, e magnificencia; todavia, a bondade consiste menos no bello da sua arquitectura, do que na immensidade dos edificios, riqueza dos lagos, e variedade dos jardins. Tem do oriente, ao occidente tres mil cento e cincoenta palmos; e quatro mil quarenta e quatro do norte ao sul; isto é, tem de frente uma distancia igual á que ha entre o largo de S. Paulo, e o Terreiro do Paço; e de fundo a que ha entre o Rocio, e o caes das columnas. Igual porção de terreno está cheia de porticos, galerias, peristylos, torres, e salas; produzindo tanto melhor effeito, quanto são mais variadas, as que estão proximas á sala do throno.

Moram n'elle os empregados no serviço do paço, e os eunucos; as mulheres habitam a parte mais interior, com entrada particular. Difficil empreza seria, a de quem pretendesse descrever todas as partes componentes d'esta obra grandiosa. Tem casas destinadas á imperatriz, ás tres rainhas, e ás mulheres da terceira e quarta ordem. Quando

o imperador TAI-TSONG, subio ao throno, no anno 626 da era Christã, despedio do serviço do paço seis mil mulheres, por inuteis. Tambem esse grande número de criadas, prova a grandeza do paço imperial.

A sala do throno tem 130 pés de comprimento, e outros tantos de largura: o tecto é de proporcionada altura, e guarnecido de baixos relevos de côr verde, onde sobresahem dragões dourados. As columnas, que lhe servem de apoio, têm sete pés de circumferencia: as paredes são alvissimas, sem ornato algum. O throno, collocado no meio da sala, é construido com a mesma simplicidade.

Em tôrno do paço estão doze palacios assaz commodos, para a residencia de monarchas. Além d'estes, ha outros destinados aos principes da familia imperial; formando tudo um grande ajuntamento de edificios, guarnecidos com torres, zimborios, peristylos, balaustradas, escadarias de finissimo marmore, corredores calçados de rica porcellana, telhados envernisados de amarello, e verde, que na presença do sol, parecem compostos de ouro, e esmeraldas. As obras de ornato são ainda mais superiores. Esculptura, pintura, charões, tapetes, vasos, tudo fórma tão sublime espectaculo, que muito custa formar d'elle idéa aproximada da realidade.

As casas em toda a cidade são commodas, aceadas, e ornadas com simplicidade. Os palacios dos coláos, e mandarins, são mais consideraveis pela extensão, do que pela riqueza. Provém essa honestidade mais da politica, do que da indifferença, que elles tenham pelo luxo. Julgar-se-hia criminoso o funccionario público, que pretendesse distinguir-se, por habitar em rico palacio. Seria accusado pelos

censores, e o menos que lhe poderia succeder, era ter o desgosto de ver o seu palacio arrasado, ou perder o seu emprego. [1]

Os suburbios parecem treze cidades: ha n'elles grande número de theatros, onde se representam farças, comedias, e tragedias. Têm hospedarias, com serviço de ouro, e prata, camas com armações de brocado, etc. O luxo d'estas casas é mantido por sociedades poderosas.

Os que andam de sege, ou a cavallo, cedem alli o passo aos que vão a pé. Não se vê em Pekin o espectaculo irrisorio de grande filcira de seges, paradas horas inteiras, e o imbecil, que se faz arrastar, esquecido de que tem pernas, lastimando-se por não poder avançar.

Em uma tapada, nos suburbios de Pekin, onde reside o imperador tres partes do anno, ha grandes lagos, montanhas, artificiaes, e sessenta palacios collocados de modo, que de um, qualquer, não se avistam os outros: moram n'elles as mulheres do imperador. Ainda assim não chegam, para todas viverem separadas, visto caber-lhe por lei 121! O imperador ordena ao primeiro eunuco, em qual d'elles pretende cear, e ahi pernoita.

Que diriam os scepticos, se a magestade d'aquella grande estructura fosse descripta por *Fernão Mendes Pinto?* D'estas obras admiraveis encontram-se muitas na China. O tremor de terra, que durou do principio de Setembro, de 1780, até os fins de Novembro do mesmo anno, arrasou grande parte da cidade; e em Janeiro do anno seguinte, consumiram as chammas grande parte do palacio imperial. Assim não admira, que os europeus residentes

[1] Se esta saudavel politica vogasse em Portugal, muitos palacios se teriam arrasado.

em Pekin, em nosso tempo, achem differença no que vio *Marco Paolo*, Rachind-Eddin, e *Fernão Mendes Pinto*.

Ha em todos os districtos d'esta cidade, celleiros do estado, para supprir as necessidades do público. Em verdade, alli mede-se a virtude, e gradua-se o heroismo, pelo bem da humanidade.

CARTA LXI.

PRINCIPIOS DE COSMOLOGIA.

He prazer sempre novo, e sempre vario,
Que o habito accrescenta, e não empece.
Aos encantos do estudo aberto o espirito,
Respeita nelle as fontes da ventura.

II.

Um dia de palestra animada, em casa de Cha-Amui, fui convidado por um homem de letras, chegado ha pouco de Nankin, para dizer-lhe, como se demonstrava lá no occidente a formação do universo; como se definia o espaço, e o tempo; e como operava a materia, o movimento, etc. Alegre acceitei o convite, por serem esses os estudos, que mais satisfizeram o meu espirito, e julgar serem as idéas em voga na Europa, a tal respeito, mais conformes com a razão, e mais claras, do que os principios dos letrados chinezes, apezar de considerarem a razão *causa das causas*. Respondi pelo modo seguinte:

« Deus, o universo, e o homem são tres grandes objectos de toda a doutrina philosophica. [1] N'elles se contém

[1] Degerando: Hist. comparada dos systemas de philosophia.

os principios fundamentaes dos conhecimentos humanos, e as verdades primarias, que estão á frente de todas as outras, na cadêa geral das noções, assim physicas, como abstractas, e intellectuaes. Encerram em si a sciencia, e os elementos constitutivos de toda a instrucção, e é onde residem os principios universaes de todas as sciencias.»

Na indagação, propriedades, e relações d'estes tres objectos se cançaram os sabios antigos, e modernos, desde *Thales*, e *Pythagoras* até hoje. Estes mesmos objectos são ainda a materia da primeira instrucção da mocidade, e do recreio na idade madura; formam o assumpto dos tres ramos da metaphysica; a ontologia, a cosmologia, e a psychologia.

Sendo a metaphysica a sciencia da razão das cousas,[1] é, sem dúvida, a que mais contribue, para tornar o espirito luminoso, extenso, e exacto. Na direcção das nossas cogitações, para o aproveitamento da existencia no estado social, consiste o verdadeiro fim de todos os estudos, e o alvo de todas as sciencias. Quando na explanação d'estas se perde de vista o util, para substituir-lhe doutrinas aridas, as mesmas sciencias tornam-se objecto de desprezo; e a instrucção, que n'ellas se adquire, é notada com o titulo de falsa sciencia, ou tradição de erros.

Que valem as discussões metaphysicas ácerca do tempo, se não preparam o entendimento, para o estudo da chronologia, e da historia? Que aproveitam as do espaço, se não o illustram, para entrar na geometria? Que interessam as do espaço, tempo, materia, e movimento, se não esclarecem o atrio da physica, e da mechanica? Que importam as do espirito humano, e da vontade, se n'ellas se

[1] Condillac.

não assentam os alicerces da moral, da politica, e da legislação? Desgraçada metaphysica, a que não se dirige a illustrar o entendimento, lançando n'elle as sementes de verdades, e principios fecundos, que possam ter applicação proveitosa na carreira da vida!

Que se aprende n'esses estudos de cosmologia, ou sciencia do mundo, onde não se explica o verdadeiro systema dos corpos celestes, e não se dá notícia dos astros, da terra, e de seus principaes movimentos? Que se adquire das obras de psychologia, ou sciencia da alma, onde não se faz a analyse das potencias intellectuaes, e moraes, e não se explicam as operações do entendimento? Ahi te envio os principios genericos d'esta sciencia, como os recitei aos chinezes. Sendo extensos, para entrarem em uma só carta, irão em tantas, quantas são as partes, em que os dividi.

CARTA LXII.

DO ESPAÇO, E DO TEMPO.

> ..... os homens
> Quaes Numes tem tomado o peso aos ares,
> Medido a elevação, torneado o mundo,
> E a leis geraes subjeito a natureza.
>
> *II.*

O UNIVERSO comprehende a immensidade dos ceos, o espaço ethereo, infinito, e capaz de conter os corpos, que o povoam; seja girando em suas orbitas com movimento contínuo, e regular, seja em quietação total.

O espaço, e o tempo são dois escolhos da metaphysica, cujas noções arduas, e difficeis têm dado occasião a debates, e guerras entre os philosophos mais abalisados: o que mais convém saber, é o seguinte:

Espaço é o logar, para conter os corpos, e dar-lhes passagem em seus movimentos. É o vacuo penetravel pelos entes, ou pela extensão material. Tempo é o decurso da duração, ou a successão das existencias, e suas modificações; e relativamente a nós, é a impressão, que uma serie

de cousas, de cuja existencia successiva estamos certos, deixa na memoria.

O movimento dos corpos nos deu a conhecer o espaço: a successão das suas modificações nos deu a idéa do tempo; comtudo, a idéa do espaço, e do tempo é independente da existencia dos entes, e da materia, que fórma a sua substancia. As dimensões do espaço, consideradas abstractamente na geometria, servem de medida á extensão dos corpos physicos. O decurso, e a successão dos tempos, considerada abstractamente na chronologia, posto que computada pelo movimento dos astros, e relogios, serve de medida á duração dos entes, fixa a apparição dos phenomenos, e marca as épocas dos acontecimentos.

Concebendo o espaço continuado, para qualquer parte, em toda a extensão, sem limites, temos a idéa da immensidade: e esta póde ser olhada em todos os sentidos, como os raios emanados do centro de uma esphera. Em qualquer posição, que tomemos, encontrâmos espaço illimitado, para todos os lados. Considerando o tempo, continuado em toda a sua extensão, sem limites, temos a idéa da eternidade; mas esta só póde ser olhada em dois sentidos, como producção de uma linha recta, para ambos os lados das suas extremidades. Partindo do tempo presente, para o preterito, sem termo, temos a eternidade anterior: partindo d'elle, para o futuro, sem limites, temos a eternidade posterior, ou perpetuidade: e considerando a falta de limites de ambos os lados, juntamente, temos a idéa da sempiternidade.

A immensidade do espaço, e a eternidade do tempo são dois infinitos naturaes, cuja existencia é independente de todo o systema de cosmologia, e ontologia. Impercepti-

veis para o entendimento, certificâmo-nos da sua existencia pela perpetua carencia de limites, que encontrâmos nas escaças porções d'estes dois infinitos, occupados pelo nosso proprio ser. Da eterna duração do tempo possuimos parte, no curto fio de nossos minguados annos: e da immensa extensão do espaço, no modico logar de nossos apoucados membros. Se uma, e outra infinidade tem extremos na nossa existencia individual, não os tem no pensamento; pois continuando-se, sem barreiras, a parte d'estes dois infinitos, que um de nós possue, com o que outro occupa, vão-se dilatando de maneira, que nunca chegam a offerecer termo.

O fio perenne do tempo não tem nós: a ampla vastidão do espaço não tem marcos. Correndo perpetuamente ao longo d'estas duas planicies, achar-nos-hemos sempre no meio d'ellas; sempre entre dois infinitos, sem extremidades. Anniquilem-se os astros, extinga-se de todo a materia: existirá tempo, ainda depois d'isso, posto que não meça a duração de cousa alguma physica: estarão ainda abertos os campos do espaço, posto que não contenham uma só substancia corporea. Logo, o espaço, e o tempo são increados, independentes, infinitos, immoveis, e estaveis por essencia. O espaço é coimmenso, e o tempo é coeterno com a Divindade.

CARTA LXIII.

DA MATERIA E SUAS PROPRIEDADES.

Disposição pasmosa do universo!
Virtude occulta, e lei inalteravel,
Que em duração harmonica conserva,
Esta do mundo maquina admiravel.

A.

A massa dos corpos celestes, e terrestres, seja qual for a natureza dos seus elementos, chama-se materia. Esta constitue a natureza physica, esteja em fórma solida, ligeira, liquida, ou gazosa; seja luz, electricidade, ou galvanismo, como possa affectar qualquer dos nossos sentidos, é corporea, e material. A materia do universo é dotada assim de attributos passivos, como de forças activas; uns geraes, e communs a todas as suas molecculas, outros privativos ás diversas substancias, em que se acha modificada.

Os attributos passivos, e primarios da materia são: 1.° a inercia, pela qual cada corpo tende a conservar o seu estado, oppondo, ao que tenta deturba-lo d'elle, resistencia proporcional á sua massa. Esta propriedade nos cor-

pos em quietação, resiste ao seu movimento em todas as direcções, e tende a perpetuar a inacção. Nos corpos em movimento rectilineo, e uniforme, tende a conserva-lo na direcção, e com a velocidade que leva, oppondo-se ao que pretende alterar uma, ou outra. E nos corpos em movimento não uniforme (accelerado ou retardado), ou curvilineo, tende a cada instante a torna-lo rectilineo, e uniforme na direcção, e com a velocidade, que tem n'esse mesmo instante: e então se chama força centrifuga, em quanto faz objecção contínua á acção de uma força central: 2.° a impenetrabilidade, ou solidez, pela qual o corpo obsta a que o seu logar seja juntamente occupado por outro. Porém, a solidez physica, ou a impenetrabilidade dos corpos é diversa da solidez geometrica, ou complexo das tres dimensões da extensão, comprimento, largura, e profundidade. Aquella é attributo da materia, esta do espaço. Aquella é impenetravel, esta permeavel pelos corpos.

A inercia, e a impenetrabilidade da materia são propriedades insitas, e inherentes a todas as particulas da massa material do universo, e dão-se em todos os seus estados. Ou consideremos a materia em quietação, ou em movimento, e seja este como for, sempre ella se mostra inerte, e impenetravel. Ou a supponhamos morta, desfeita, e jacente no cahos: ou viva, formosa, e activa no systema da ordem, e da harmonia, é sempre revestida d'estas duas propriedades passivas. Não se póde conceber idéa da materia, sem estes attributos: não se póde conceder a sua existencia em parte, ou em estado algum, sem que elles a acompanhem. Logo, a inercia, e a impenetrabilidade são qualidades primarias da materia, e constituem a sua essencia.

As forças, ou as virtudes da materia são: 1.ª a attracção universal, puxando corpo para corpo, na razão directa das massas, e inversa dos quadrados das distancias: 2.ª as affinidades chymicas, ou attracções privativas das substancias, e elementos dos corpos, tendendo a combina-los uns com os outros, e a separa-los das combinações actuaes, para formarem constantemente novos productos, e arranjamentos. Do curso das propriedades passivas da materia, com as virtudes activas, e do seu jogo apparentemente contrario, resulta a ordem, e a regularidade do universo, como do emprego das dissonancias em musica resulta a harmonia, e o recreio do ouvido, e do coração. A impenetrabilidade da materia combinada com a attracção dá a figura, e grandeza dos corpos celestes: porque, tendendo a attracção a unir as particulas dispersas, e separadas da materia á roda de um centro em fórma globosa, obsta a impenetrabilidade a que ellas se compenetrem, e confundam todas no mesmo centro para onde tendem, e conserva as camadas exteriores por fóra das interiores, cujo logar se esforçam por occupar, comprimindo-as sempre.

As forças vivas, de cuja acção contínua provém as modificações dos corpos, não são essenciaes á materia. Por quanto: 1.º essencial de um ente é aquelle attributo primario, sem o qual o mesmo ente não póde existir; sem o qual não podemos conceber a sua noção; e do qual muitas vezes se deduzem todas as mais propriedades do ente. Assim, o essencial do triangulo é ter tres lados, fechando espaço: o essencial do quadrado é ter quatro angulos todos iguaes. Ora, concebemos idéa da materia despojada das suas virtudes activas: o estado de quietação, e desligação de suas particulas, em que ella póde existir, existe, e deve

ter existido primeiramente, não suppõe nenhuma das forças vivas; antes suppõe a sua annullação: e finalmente, d'estas forças não podem deduzir-se os attributos passivos, que acompanham a materia em todos os seus estados. Logo, as forças vivas não constituem a essencia da materia: 2.° a attracção, unica virtude universal da materia, e commum a todos os entes, e substancias do universo, não lhe é essencial; por que a essencia das cousas não póde consistir na coexistencia dos attributos contrarios. Se a essencia da materia consiste nas suas propriedades passivas, não póde dar-se nas activas, que lhe são oppostas, e de cuja lucta procedem os movimentos regulares, e ordenados (e tambem desordenados), mas não póde resultar quietação. É manifesto, que as affinidades electivas não são essenciaes á materia; por serem privativas dos diversos elementos, substancias, e corpos. Por affinidade primitiva busca o iman o ferro: o acido dissolve os metaes; o alcali combina os oleos com a agua, etc. Virtudes particulares a certas porções da materia, não podem ser essenciaes a toda a massa do universo.

Coexistem effectivamente unidas na materia as suas propriedades passivas, e as virtudes activas; mas aquellas por essencia, e natureza intrinseca; estas por accidente, e adquisição externa. As primeiras são-lhe insitas, inherentes, e inseparaveis da sua noção, e da sua existencia em todos os estados. As segundas são-lhe adventicias, adquiridas, e impressas por agente externo: e podem ser abstrahidas da sua noção.

Pelo principio metaphysico, *de nada nada se faz*, suppozeram algumas escholas gregas a materia eterna, e coeva com o espaço, o tempo, e a Divindade. Com effeito

a eternidade da materia não é incompativel com o phenomeno da creação do universo, concebido philosophicamente, segundo as luzes da experiencia; nem tira a necessidade d'essa portentosa operação. Considerando a materia dotada simplesmente da inercia, e da impenetrabilidade, seus attributos primarios essenciaes, temos no universo cahos tenebroso, quietação lethargica, e dissolução complecta de suas particulas dispersas. Assim no estado primevo, e anterior á creação existia tambem materia, porém dotada simplesmente das suas propriedades passivas.

Em qualquer das duas hypotheses torna-se indispensavel, para a formação do universo, que observâmos, e admirâmos, o influxo de uma intelligencia poderosissima, que dotasse a materia inerte das suas forças activas, e désse os primeiros impulsos a seus movimentos, e modificações regulares. O acto d'esta grande operação é designado pelo titulo de *creação do universo:* e esta época separa a eternidade anterior de lethargo da natureza, do tempo posterior da sua vida, e acção. D'ella trazem origem o movimento, a ordem, a harmonia, a belleza, a vida, a existencia animal, e vegetal, o prazer, o sentimento, e tudo tudo quanto torna o mundo encantador, e a conservação preciosa.

Assim passei a deduzir as idéas, e opiniões cosmologicas na hypothese da existencia d'esta época magestosa, referindo tudo o que disse ao tempo, e estado posterior á creação do universo. [1]

---

[1] Theologos, e metaphysicos subtís, do occidente, não vos esqueça esta minha advertencia.

CARTA LXIV.

DO MOVIMENTO.

Com este rapido, e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra d'este, o sol andando attento,
O dia e a noite faz, com curso alheio.

Camões.

Movimento é a passagem, que um corpo faz de um logar para outro. É total, quando todo o corpo muda de logar; parcial, quando se dá só em alguma parte de um todo, cujo centro conserva o seu logar absoluto no espaço.

A mobilidade é propriedade da materia: e o movimento é o acto d'esta propriedade. Não ha movimento, sem materia que a soffra. Além de corpo movel, requer o movimento *espaço*, e *tempo*. Estas duas qualidades são os seus elementos, e servem para medi-lo, e marcar a sua ligeireza.

No progresso do movimento tambem se considera a sua direcção, a qual é representada por uma linha, que se suppõe traçada na immensidade do espaço. Toda a passa-

gem, mudança, ou alteração dos entes, suppõe n'elles movimento. Por meio d'este se effeituam as operações da natureza, e phenomenos do universo.

Movimento rectilineo, e uniforme (velocidade constante) requer sempre projecção instantanea inicial, incutida no movel por força estranha. Dado este abalo primitivo, segue-se o movimento constante na direcção d'elle, em virtude da inercia da materia, que o produz ao infinito, se novo agente externo lhe não obsta.

Movimento de rotação ao redor de um eixo, suppõe sempre projecção, ou percussão feita no movel, por direcção, que, seguida, não passaria pelo seu centro. De similhante percussão em corpo livre nasce o movimento directo rectilineo, e juntamente rotação polar, ao redor do diametro perpendicular á direcção da força percuciente.

Movimento rectilineo, não uniforme (accelerado ou retardado) exige sempre a acção, e influxo continuo, e incessante de massa exterior, que produz a acceleração, ou tardança. Esta causa externa é sempre, ou a attracção de outro corpo, ou a resistencia de algum fluido, dentro do qual é praticado o movimento. Cessando este agente contínuo, o movimento, em razão da inercia, se tornaria conforme com a velocidade existente no momento da cessação. Supponhamos dois corpos distantes, de massas iguaes, attrahidos reciprocamente um para o outro, segundo a lei da natureza: qual será o resultado? Aproximação reciproca de ambos elles, partindo um em direitura para o outro, com movimento cada vez mais accelerado, até se collidirem no meio da primeira distancia, e identificarem-se em uma só massa. Supponhamo-los agora de massas, ou pesos desiguaes. Que veremos? O mesmo resultado final: porém,

o movimento d'elles, na sua aproximação, não será igual O maior marchará mais vagaroso; o menor mais rapido: e o encontro será muito mais perto do ponto da partida do primeiro.

Movimento curvilineo em corpo livre suppõe sempre: 1.° movimento rectilineo primitivo, e por tanto projecção inicial: 2.° acção contínua, e incessante de força central (attracção) residente em massa situada fóra da linha da direcção rectilinea primitiva. Se a direcção recta primordial não fosse por fóra da massa attrahente, cahiria o movel sobre esta com velocidade cada vez mais accelerada: e depois de encontro violento, se consolidariam em um todo; ou sendo corpos elasticos, resiliriam para partes contrarias, sem haver movimento curvilineo. Assim da relação entre as massas attrahidas, movendo-se uma em linha recta, e supposta a outra em quietação: e mórmente, da relação entre a velocidade primitiva, que aquella traz entrando na esphera da attracção d'esta, e a maior, ou menor obliquidade, que a direcção primitiva tem para cahir sobre a massa central, resulta ser a trajectoria do movel aberta, ou fechada, e mais ou menos oblonga.

Assim como da combinação da inercia com a attracção resulta a figura, e extensão dos corpos, resulta tambem o movimento regular dos astros em suas orbitas; porque, de impulso inicial instantaneo, e da inercia da materia, provém o movimento rectilineo uniforme: e para haver curvatura na orbita, é necessario, que este conduzisse o astro pelo espaço, quando principiou a sentir os effeitos da attracção central, e que a direcção se encaminhasse por fóra, e longe da massa attrahente. Da acção continuada d'esta puxando o astro para si, procede a curvatura do

seu movimento: obstando a inercia do movel a que elle marche directamente, a identificar-se com a massa central.

Resulta pois do jogo d'estas duas propriedades, e forças, a regularidade, e harmonia dos grandes movimentos do universo. D'elle procede: 1.° que os corpos celestes tendo discorrido com certa velocidade constante em linha recta pelos desertos do espaço, foram obrigados, entrando na esphera da attracção do sol, a curvar a carreira, uns para ficarem descrevendo perpetuamente á roda d'elle orbitas ellipticas mais ou menos alongadas; outros para se escaparem depois de uma volta parabolica, ou hyperbolica pela extremidade rectilinea de suas asymptotas: 2.° que a lua, entrando do mesmo modo no systema solar, e passando, em consequencia das attracções, que n'elle experimentou, mui perto da terra, ficou girando á roda d'esta, em orbita mui irregular, em razão das perturbações, que soffre pela attracção solar; e juntamente com o sol move o fluxo, e refluxo das marés, de que muito procedem os phenomenos aerios, que tanto fazem variar a perspectiva dos ceos nas diversas estações, e phases da mesma lua: 3.ª que os corpos terrestres, cedendo á attracção de todas as partes do globo, na direcção por onde os puxa maior força, tendem constantemente, para o centro da terra: d'onde resulta o equilibrio, e a estabilidade.

Desde a época da creação, em que a materia recebeu as suas forças, está tudo no universo, pela acção d'estas, em contínuo movimento, e agitação sensivel, ou insensivel. O sol, e as estrellas, ou estejam em quietação total, ou oscillem com movimento absoluto entre certos limites, ou tenham rotação em tôrno de algum eixo, diffundem incessantemente a *luz* á roda de si para todos os lados: sendo

a intensidade d'esta, como a de todos os efluvios emanados de um centro esphericamente, na razão inversa dos quadrados das distancias. Os planetas, cometas, e satellites descrevem as suas orbitas, sem interrupção, ao redor dos seus astros principaes. Na superficie da terra as plantas, e animaes germinam, nascem, crescem, formam-se, envelhecem, morrem, e apodrecem pelo movimento, com que as forças da sua organisação revolvem ainda as particulas mais entranhadas. Os metaes, pedras, e mais fosseis formam-se por composição, ou aggregação lentissima de umas particulas sobre as outras: e desfazem-se por separação d'ellas, causada já pela acção de poderosos agentes da natureza, fogo, luz, calorico, agua, acidos, e outros; já de menstruos, que os dissolvem, combinando-se com as suas moleculas, em virtude de estreitas affinidades.

Animaes, vegetaes, corpos de pouca consistencia, e tenacidade petrificam-se por introducção de succos lapideos em seus poros, e no íntimo de sua substancia. Corpos molles endurecem-se, já por perda de fluidos, que transpiram do seu centro; já por adquisição de principios gazosos, que existem na atmosphera, os quaes, introduzidos na sua substancia, e identificados com ella, fortalecem a sua consistencia: e os duros degeneram, e desfazem-se por motivos contrarios. Todas estas operações da natureza, ou da arte, executadas rapida, ou lentamente, são obras do movimento: são actos, e resultados das forças vivas, e constantes da materia, e dos seus elementos, e substancias.

Comtudo, o movimento não é essencial á materia: 1.° por que a materia póde existir, existio, e existe realmente em quietação em muitos entes: concebe-se idéa perfeita da materia, sem a suppôr em movimento: e mesmo,

este exercicio de suas forças não dá a origem das propriedades primordiaes: 2.° porque as mesmas virtudes activas, de que o movimento é resultado, lhes não são essenciaes: e não póde ser intrinseco á natureza de uma cousa o acto prático de dons extrinsecos, e adquiridos: 3.° porque o movimento rectilineo, e uniforme (o mais simples, que se póde considerar em mechanica, e do qual não podem as orbitas planetarias dispensar-se na sua origem) suppõe sempre essencialmente impulso de causa externa: e não póde ser essencial á materia um acto, que ainda na sua maior simplicidade, depende originariamente de moção de potencia estranha.

Assim, o *movimento* é estado accidental, ou contingente, resultado do jogo, e encontro das propriedades essenciaes da materia, com o exercicio de suas forças adquiridas. Teve origem nas primeiras determinações do Ordenador do mundo, e dotação das virtudes activas, que imprimio na materia, no acto da creação, e arranjamento do universo. É continuado em razão da conservação das mesmas forças, que o Supremo Moderador sustenta, para ordem, e harmonia da natureza, e gozo das existencias. Terá fim quando, preenchidos os destinos da creação, Deus se resolver a privar a materia dos dons, que lhe prestou, e suspender a existencia do phenomeno brilhante do universo, e a reproducção das vidas.

CARTA LXV.

DA FORMAÇÃO DO MUNDO.

> A terra porém estava vasia e núa: as trévas cobriam a face do abysmo, e o Espirito de Deus era levado sobre as aguas.
>
> *Genesis*: C. 1. V. 2.

Agora, como as luzes da philosophia experimental, e da mechanica ajudem a conceber o prospecto da creação, que a Escriptura refere com elegancia, porém summariamente, desenvolveremos este acto, segundo os principios bebidos no estudo da natureza, e comprehensiveis á nossa razão; corroborando assim o exposto no Texto Sagrado.

Dissolvida a materia, e dispersa em cahos lethargico, e tenebroso, pela immensidade do espaço na eternidade anterior á creação, e contendo apenas os elementos rudes, e indigestos das existencias physicas, resolveu a Intelligencia Suprema formar o mundo, e animar a natureza. Imprimio na materia as virtudes chymicas, luz, calor, e electricidade, etc.: e inflammadas as suas particulas, devia subito rebentar a luz, e encher-se de claridade o espaço

immenso. Este augusto, e sublime acto é expresso pelas palavras: Deus disse: *Faça-se a luz. E a luz appareceu.* Por este primeiro impulso ficou animada a natureza, e veio a materia a conter em si os germens das existencias physicas, da vegetação, e da vida animal.

Imprimio depois o Creador na materia a força da attracção: de repente deviam as suas particulas reunir-se, e accumular-se em massas maiores, ou menores á roda dos centros, onde acaso estivesse massa mais abundante, ou germinante: e os globos inflammados deviam diffundir da sua superficie torrentes de luz, e de attracção, para todos os lados. Tal parece ser a origem dos astros fixos, e luminosos, abundantemente espalhados em distancias incalculaveis, pela infinita vastidão dos espaços celestes, e diversificando entre si nas grandezas, nos intervallos, e na côr de suas luzes, etc.

Persuadido, como os philosophos descobridores d'estes principios, que taes phenomenos não são effeitos do acaso, e certo da existencia do Entendimento Supremo, que anima o universo, desprézo a formação do systema planetario da hypothese da immensa dilatação, e contracção successiva da atmosphera solar, para dar logar a outro mais simples, e fazer honra á memoria do meu virtuoso, e prezado mestre. [1]

---

[1] Adivinhas por certo, que me lembrei n'aquelle momento do nosso RODRIGO FERREIRA DA COSTA. O letrado chinez, absorvendo os principios que acabava de expôr-lhe, quando ouvio fallar no meu virtuoso mestre, abaixou a cabeça, em signal de veneração, e eu verti lagrimas saudosas.

CARTA LXVI.

SYSTEMA PLANETARIO.

O dia, a noite, as estações, os annos,
Em regulada successão dispostos,
O compassado giro dos Planetas
Tua sciencia attestam.

Stockler.

Formados os astros luminosos, coube ao sol ser o centro de um systema de globos accommodados á procreação, e vivenda de entes intelligentes, e organisados por muitas, e variadas estructuras. A luz, e inflammação de muitos astros, consumida a materia especial, que a alimentava, ou absorvida por outros, devia extinguir-se. Impellidos alguns d'elles por abalo na sua superficie em direcção do centro, deviam pôr-se a caminho pela immensidade do espaço, com movimento uniforme, e rectilineo, segundo a direcção, que lhes foi dada. Impellidos outros por projecção incutida na sua superficie, fóra da direcção do centro, marcharam com movimento total rectilineo, e uniforme em tôrno de um eixo perpendicular á direcção do impulso. Assim movidos

innumeraveis globos, no mesmo instante, ou em tempos differentes, de distantes pontos de partida, com diversas direcções, e velocidades, e muitos d'elles com sua rotação variada no sentido, e na velocidade, deviam seguir as marchas rectilineas consequentes dos primeiros impulsos. Mas entrando na esphera da attracção solar, principiaram a curvar os movimentos, e a descrever orbitas, em que giram perpetuamente, conservando todavia o movimento de rotação inalteravel áquelles astros, que já o traziam.

Os satellites, entrando da mesma sorte na esphera da attracção dos seus planetas, e experimentando effeitos attractivos mais vigorosos da parte d'estes do que do sol, deviam por igual motivo curvar os seus movimentos á roda d'elles, e acompanha-los d'ahi em diante em suas orbitas. Assim ficaram os planetas, e satellites collocados em systema estavel de movimentos ellipticos, os mais d'elles, quasi circulares. E os que tinham rotação, se tornaram susceptiveis de dia, e noite.

É natural, que os impulsos primitivos fossem dados nos *cometas*, em distancias tão grandes do systema solar, e lhes excitassem movimentos rectilineos tão vagarosos, que só depois de seculos de marcha, pela immensidade do espaço, possam aproximar-se do sol, a distancia de soffrerem os primeiros effeitos da sua attracção, e passarem ao movimento curvilineo, accelerado até ao perihelio, e depois retardado. Segundo a massa do *cometa*, a direcção do seu movimento primitivo, e a velocidade, que traz, entrando no ambito da força solar, assim deve elle passar a descrever á roda do sol secção conica fechada, ou aberta. Correndo secção conica fechada (ellipse tão oblonga, que o astro se torna invisivel, para os moradores da terra, em

grande parte da sua orbita, nas visinhanças do afhelio) deverá o mesmo *cometa* apparecer novamente de longos, em longos tempos. E se corre secção conica aberta (parabola, ou hyperbole), a sua apparição será por uma só vez: e o *cometa*, tornando a sahir da esphera da attracção solar, seguirá marcha rectilinea, e uniforme, alongada cada vez mais dos districtos do systema planetario.

Ao arranjamento d'este systema, pelo menos dos tres corpos, sol, terra, e lua, devia seguir-se a creação dos entes organisados, e a do homem, formando com os mais habitantes do nosso globo, um systema de construcções physicas infinitamente variadas; porém, todas em cada *reino da natureza* mais, ou menos conformes ao prototypo, ou modêlo primario da sua classe, adequado ás forças, e virtudes da materia terrestre, á temperatura, e coordenação dos corpos sublunares.

Assim, foi o arranjamento do mundo successão de impulsos, e determinações, e dotação de forças, e virtudes, impressas na materia, e nas grandes massas do universo, a fim de virem os objectos, e entes originados a tomar, em consequencia de normas, as mais simplices, os logares, e exercicios complicados em que lidam, e em que elaboram os primores, e maravilhas da natureza. E como a conservação do universo vai apresentando ordenações similhantes ás da creação, ou desenvolvendo novos productos, e arranjamentos resultantes das forças, e impulsos primitivos, parece que esta ainda não está concluida; sendo a mesma conservação uma creação contínua. Assim vê-se, que não descançando o Agente primario de suscitar, com fecundo desenho, producções maravilhosas, busca variar incessantemente o phenomeno da creação, por meio da conservação do universo.

Assim expõem os philosophos modernos a origem dos movimentos dos grandes corpos do universo, pela influencia de causas naturaes, e secundarias. Mas, por esta mesma explicação, deduzida das leis da natureza, ficam ainda subjeitas aos designios do Primeiro Motor, as determinações seguintes: 1.ª o desenvolvimento do calor excessivo, pelo qual a atmosphera do sol se estendeu, além das orbitas de todos os planetas: 2.ª o esfriamento, por que depois se estreitou successivamente, até aos seus limites actuaes, e parou n'elles: 3.ª a fórma globosa, que as zonas, deixadas por esta atmosphera no plano do equador solar, tomaram, condensando-se, e formando-se em planetas, quando deviam naturalmente conservar a fórma de fachas, como o annel de Saturno, que o judicioso Laplace julga formado por motivo simillhante, etc.

CARTA LXVII.

EFFEITOS DA LUA.

Toldando os ceos a natureza enluta
O soberbo Ariman, terror do mundo.

H.

Este satellite da terra, a *lua*, de grande massa revoluta em ellipse não pouco oblonga, e bastante proxima do globo, tem tambem poderosa influencia no rigor, ou brandura das estações. Umas vezes coadjuvando a acção do sol, outras destruindo-a, já exacerba, ou abranda os frios, ventos, e chuvas do universo; já modera, ou exalta os ardores do verão; já promove a rapida, e mortifera passagem da temperatura amena, para outra desabrida.

Se não existisse *lua*, seria a mudança das estações tão lenta, como o crescimento, ou míngua dos dias, e das noites. A passagem do inverno para o verão, e ás avessas, se faria por gradual augmento de frio, ou de calor. Desconheceriamos estas horriveis tormentas, que sublevam os mares, e ventos, e parece quererem demolir o mundo.

Acabariam no verão estes ardores excessivos, que dissolvem os corpos, e no outono as medonhas trovoadas, que rasgam as nuvens, e soltam os diluvios. Em fim, haveria moderação de frio, e chuva nos invernos; de calma, e seccura nos verões; amenidade, e frescura nas primaveras, e outonos; o seguimento gradual de temperatura no progresso das estações, e passagem de umas a outras. A lenta successão de frio, e humidade, calor, e seccura, que o homem experimentasse em um anno, veria exactamente repetida em todos os mais da sua vida.

A *lua* é pois o principal motor dos rigores, e asperezas das estações; e o maior inimigo do homem. Movendo pela sua attracção dois fluxos, e refluxos diarios no oceano, e duas exaltações, e depressões periodicas da atmosphera terrestre, torna-se o principal agente d'estas revoltas na região das nuvens, e ventos, e na superficie dos mares e da terra, que nos trazem os dias tenebrosos.

Com o nome de *Oromases* adoraram os persas o principio da luz, do bem, da alegria, e da vida: e com o de *Ariman* detestavam o genio das trévas, do mal, da tristeza, e da morte. Tem-se pensado reconhecer no sol, e na lua estas duas divindades. O sol, dando-nos a luz, e o calor, fazendo germinar as plantas, propagar os animaes, desgelar as aguas, e ministrando-nos pela sua parte estações, e dias meigos, e temperados, parece promover a geração, a conservação, e a vida. A lua, causando o rigor, e desabrimento das estações, e levantando desordens medonhas, e funestas nos ceos, e na terra, parece maquinar a destruição, e a morte.

Assim viam os antigos no ceo as causas, e os primarios agentes dos bens, e males da terra; suppondo estes

motivados pelas contínuas alliançcas, e guerras dos dois genios inimigos, cuja concordia, ou discordia dão origem aos dias amenos, ou negregados, e ás estações temperadas, ou rigorosas.

Julgo que o letrado chinez, apezar da constante attenção, que prestou, não percebeu tudo, em razão da linguagem technica da sciencia; mas, entendeu quanto bastou, para querer ouvir-me em outros dias, sobre outros objectos, e mostrar d'alli em diante particular estimação pela minha pessoa.

CARTA LXVIII.

JUIZO SOBRE A EDUCAÇÃO.

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.

Camões.

O tractado de educação chineza foi composto ha mais de tres mil e quinhentos annos; o seu fundamento existe nos livros sagrados. Já n'aquella época estavam os chinezes persuadidos, que as attenções prestadas á sociedade, contribuiam muito, para tirar á especie humana parte da sua rudeza natural, e faze-la amiga da ordem. Assim, as visitas, saudações, presentes, a decencia pública, e particular não são formalidades estabelecidas pelo uso; procedem de leis respeitadas, e observadas por todos, desde o imperador até ao último dos subditos.

Os legisladores chinezes quizeram: 1.° regular os costumes, ácerca da civilisação dos povos: 2.° promover o estudo da linguagem, da historia, e da philosophia: 3.°

prohibir, que os empregos do estado fossem conferidos a homens, que não se tivessem distinguido por merito, e virtudes. Os filhos de pais illustres; isto é, dos que têm prestado á patria, precisam adquirir a sua fortuna, como se descendessem de cidadãos obscuros: sendo minguados em talentos, ou preguiçosos, ficam na ordem da plebe. Os filhos herdam os bens de seus pais; mas, para obterem honras, têm de subir pelos mesmos gráos, por onde se elevára o assignalado varão, que lhes dera a vida.

Os chinezes, por mais que procurem, não descobrem nas outras nações ponto algum de comparação com a sua: eis um motivo de mais, para se persuadirem, que as sciencias, e a philosophia nasceram no seu paiz, onde têm sido cultivadas em todos os seculos por muitos sabios, e grandes homens. A piedade filial indicada no L-Y-King, obra de Fou-hi, e no Chou-King, obra extrahida dos annaes pelo sapiente CONFUCIO, aquelle o primeiro, e este o segundo dos livros sagrados, foi sempre respeitada, estudada, e seguida, na certeza de ser a virtude mais capaz de felicitar a nação.

O povo chinez, como já te disse, é ignorante; as classes agricola, e a do commercio em geral, mal entendem os livros classicos; para serem honradas, e virtuosas bastalhes seguir a doutrina extrahida d'elles. Os letrados são os depositarios da sabedoria da nação: estes ensinam ao povo, e a todas as classes a doutrina, que tem por fundamento a piedade filial, reputada a virtude do homem, por excellencia. O desenvolvimento d'esta virtude enche muitos volumes; não cabe nos limites de uma carta a sua noção complecta. Quando tractar da poesia chineza, verás como é cantada a piedade filial, por um genio superior d'esta nação.

Vendo na prática o bom resultado da sua educação, perguntei a outro homem de letras, quem fôra o instituidor de tão sublime doutrina? Respondeu: «A primeira obra do Creador foi separar a luz das trévas; a escuridão não é boa, nem util: o genio do mal é principio tenebroso. O *Tien* é fonte de luz superior ao sol: assim, negar a luz aos povos, é ser inimigo de *Deus*, e dos homens.»

«Os nossos legisladores, partindo d'estes principios, chegaram a estabelecer optimas leis: a regra mais recommendavel na eschola de CONFUCIO, para dirigir a educação pública, consiste, em cada um estar prompto a fazer o que diz, e a dizer o que faz. As leis, e os costumes obstam, a que a nossa educação seja contradictoria. As lições dos pais, dos mestres, e da sociedade estão sempre em harmonia. Dizemos a nossos filhos, que devem adorar o *Tien*, e ser justos: nas escholas ensinam-lhes o mesmo, e o mesmo observam elles no pai, no mestre, e no imperador. Os cidadãos illustrados por merito, e virtudes, gozam estimação pública; esse premio basta, para sublimar a educação em nossa terra.»

«Os principios da nossa educação acham-se no Chou-King, no logar onde tracta da moral, da philosophia, e do governo: a simplicidade do seu estilo, e a clareza das provas faz o seu merito. A sua dialectica é cheia de energia, e de evidencia: leva a convicção ao centro da alma. Não cura de paixões, nem de prejuizos: não vê no homem, senão o homem. Considera a guerra, e o despotismo, quaes devoradores incendios: passada a luz das abrasadoras chammas, ficam cinzas, e lagrimas. Os homens têm muitas necessidades, e pouca força, para que o superfluo de uns, não seja o necessario de outros: assim re-

putou a ambição, e o luxo, escolhos da felicidade pública: e a espada, que o rei empunha, instrumento para tirar-lhe a vida, se usa d'ella injustamente. Chamam-lhe os sabios eschola da virtude; pai da justiça, e da verdade; lei emanada do *Tien;* arte de reinar; regra de todos os seculos, etc.: eis o instituidor da sublime doutrina, que seguimos.» Se eu estava admirado do bom resultado da educação chineza, não o fiquei menos da facundia do letrado.

Em verdade, se o poder do estado depende do espirito dos povos; se a força provém da reunião das vontades; devem-se-lhes inspirar os sentimentos, que seus interesses exigem. Na mocidade é que se devem aperfeiçoar as almas, e infundir-lhes o amor do bem público. Só então se acostumam a receiar mais a vergonha, do que a morte; só d'esse modo, preferem o merito á opulencia, o talento ao nascimento, e as virtudes ás distincções. As virtudes sublimam o homem: assim é sobrio, liberal, sincero, e compassivo.[1]

Os chinezes respeitam, e veneram os homens distinctos por virtudes, e letras, ha mais de quatro mil annos: na Europa, oh vergonha! foram condemnadas as descobertas mais plausiveis, e honrosas, para o genero humano! Condemnaram ahi por absurdos a esphericidade do globo terrestre; a existencia dos antipodas, e periecios; o systema de Copernico, e o de Galileo; o projecto de abrir navegação, para o oriente, torneando a terra pelo occidente; e perseguiram os inventores de verdades tão importantes, quanto mais elles eram virtuosos!

[1] Perguntando-se a Platão, que signal indicaria melhor ao estrangeiro, em qualquer cidade, o descuido da boa educação: «Grande necessidade de medicos, e de juizes» respondeu o philosopho.

O certo é, que na Europa existiram, existem, e talvez existirão sempre homens tão amigos das trévas, que a mais fraca luz é para elles raio percursor de tormenta horrivel. O governo chinez, e os homens, que dirigem n'este imperio a educação pública, acham-se conformes com o proverbio de Salomão: « Mais facil é governar povos illustrados, do que rudes ignorantes. »

Que te direi da educação das mulheres? Até na Grecia, paiz das luzes, foi desprezada a sua educação! Na India, assim que entram na adolescencia, são mettidas em harens, e dominadas por tyrannos de nova especie; isto é, por monstros, que não pertencem a nenhum sexo. Na China, por moda, aleijam as mulheres ao nascerem![1] Todavia, cultivam-lhe o espirito: repara no vôo, que tomou o genio da célebre Pan-Hoei-Pan; e verás, que o teu sexo brilha em qualquer parte, onde se cuida na educação das mulheres.

« Aos quatorze annos, diz Pan-Hoei-Pan, vim da casa paternal, para a de Tsao-che-chou, escolhido por meus parentes para meu esposo. Não entrei na idade de trinta annos, em que me acho, sem adquirir experiencia de muitas cousas, e conhecer as obrigações impostas á metade do genero humano, que por natureza é submettida á outra. Em quanto estive na casa paternal, fui docil aos avisos, que recebia; cuidava em aproveitar as lições dos que me deram a vida, na certeza de que, todas ellas se dirigiam á minha ventura no futuro. Assim que fui mulher,

[1] É moda usada pelas mulheres chinezas! Tendo uma imperatriz os pés mui pequenos, as outras mulheres quizeram imita-la: não podendo chegar á perfeição que desejavam, deram-na a suas filhas, aleijando-lhe os pés! Os homens toleraram essa vaidade, e o uso conserva-a.

cuidei em preencher os meus deveres, persuadida de que o meio de ser feliz, consistia em fazer ditoso o homem, a quem me prendiam as linhas do casamento. [1] Para se obter esse bom resultado, é preciso exercitar em solteira as immensas virtudes, que os homens exigem das pessoas destinadas a dar-lhes filhos, e a participar de seus incommodos domesticos. Jovens donzellas, não vos enganeis: se na casa paternal não cuidardes em cumprir os vossos deveres, jámais sereis boas mãis, nem agradareis por muito tempo a vossos maridos. Para vos unir a elles, compuz esta obra, [2] a qual vos offereço, na esperança de aproveitar. »

Pan-Hoei-Pan dividio o seu tractado de educação das mulheres, em sete capitulos: envio-te a substancia do quarto, por me parecer conforme com as lições, que te deu teu pai. Bastará isso, para leres gostosa essas poucas linhas, e teres noção complecta da educação dada ás mulheres chinezas.

« As qualidades, que fazem uma mulher amavel, diz Pan-Hoei-Pan, reduzem-se a quatro: virtudes, palavras, figura, e acções. A virtude deve ser perfeita, e constante; a mulher precisa ser docil, e sempre honesta; deve medir as palavras, e usar d'ellas a proposito. Se tem instrucção, não ostente de erudita; a mulher jámais agrada, quando cita com frequencia os poetas, e os philosophos; mas goza estimação, sabendo esconder os conhecimentos, pelo uso de propositos ordinarios. Quando fallar das sciencias, e das letras, seja concisa, mesmo para os que desejam ouvi-la. »

[1] Na China os pais casam os filhos sendo ainda creanças: unem-se depois, quando chegam a idade propria.

[2] Além do tractado de educação das mulheres, Pan-Hoei-Pan, compoz outras obras admiraveis por sua philosophia, moral, e estilo.

« A vaidade, paixão commum nos dois sexos, tem grande imperio sobre o nosso: assim, desagrada-nos ver nas outras, vaidade, que subjugue a nossa. A mulher torna-se insopportavel, quando, por suas fallas, e maneiras, exige acatamento das pessoas, que a rodeam. Este defeito, e os mais, que derivam d'elle, evitam-se, convencendo-nos de que, jámais devemos abrir a bôcca, para offender. »

« A regularidade das feições, a belleza da côr, a elegancia dos contornos, e tudo o que na opinião commum complecta uma beldade, contribue sem dúvida, para fazer uma mulher amavel; porém, não são os agrados da figura, na minha opinião, por onde ella se deve fazer amar. Não depende de nós o ser bella; e eu exijo as qualidades, que podem adquirir-se; pois sobresahem muito ás da natureza. »

« A mulher, é formosa aos olhos de seu marido, quando usa, de contínuo, doçura na voz, meiguice nos olhos, limpeza nos vestidos, e na pessoa, modestia nos discursos, e em tudo, que lhe diz respeito. Quanto ás acções, não deve praticar nenhuma que desagrade a seu marido, e não seja exemplar a seus filhos, e criados. Deve ter o cuidado da sua casa, por objecto principal; mas praticado em tempo, a fim de não ser escrava do momento preciso. Deve ser em tudo applicada, mas sem incómmodo; engraçada, mas sem affectação, etc. »

Tu, não tens que aprender nas obras da famosa Pan-Hoei-Pan; comtudo, recommendo-te, que as leias, nas memorias concernentes á China, para recreares o espirito, e alegrares o coração. São cheias de eloquencia sublime, e de imagens bellissimas; o colorido é encantador: tem doçura no estilo, elegancia nas phrases, e mais ainda, nos conceitos.

Na China é tão grande o número das mulheres illustradas, e uteis em todos os sentidos, quanto na Europa é diminuto. A metade mais encantadora da especie humana, a que a natureza destinou a dar maior prazer á outra; a domar-lhe a rudeza, e a faze-la mais sensivel pela doçura dos costumes, é a que motiva ahi grandes penas, e desordens, por míngua de educação. Parece que os homens, de proposito, querem formar as mulheres na frivolidade, e na inconstancia; isto é, que hajam toda a vida a razão da infancia, esquecendo-se, de que ellas são destinadas a contribuir, para a sua ventura. Superior glorificação mereceu teu pai, por se affastar d'esse máo costume.

A musica, a dança, enfeites, e a leitura de romances,[1] são, infelizmente, os limites da educação do bello sexo, em quasi toda a Europa: e essa mesma é cheia de contradicções. A religião prohibe-lhe fazer-se amavel na sociedade; os parentes ensinam-lhe o contrario. Aquella, faz consistir o merito na reserva, e no pudor; estes, nas maneiras insinuantes; d'essa contradicção resulta hypocrisia: mulher fingida, jámais póde fazer seu esposo feliz.

O respeito, a estimação sincera, e o desvelo em agradar, são ainda mais necessarios á felicidade conjugal, do que o amor. A verdadeira amizade nasce dos dotes do espirito, e do coração; só estes conservam os conjuges em serenidade constante. O amor é flor tenra, que ao menor sôpro murcha; a estimação, ou a verdadeira amizade, é similhante ás arvores altivas; segura em suas robustas, e firmes raizes, affronta impavida as maiores tormentas. Se

[1] A educação da mocidade, diz M.me de Genlis, tem soffrido grandes vicissitudes. Agora, em 1820, consiste em lições de dança, de musica, e de pintura: não se occupam da cultura do espirito.

o insensato não vê no consorcio outra cousa, além de prazeres momentaneos, o homem assisado quer achar no objecto da sua estimação prazeres duraveis, a fim de subjugar deleites fugitivos, e ás vezes damnosos.

Na escolha de uma esposa, deve o homem procurar mais os dotes do coração, e do espirito, como diz a judiciosa Pan-Hoei-Pan, do que os encantos passageiros, subjeitos a tantas causas destructoras. O tempo não poupa a belleza; mas respeita a virtude; só esta sobrevive aos seus estragos. Os encantos da mulher, ornados pela razão, e pela sabedoria, são tanto mais amaveis, quanto são mais respeitaveis.

De todas as leis da natureza a mais suave, e geral, é a tendencia dos dois sexos á communidade dos bens, e dos males, a que chamam sociedade, e que os obriga a serem melhores, para agradarem um ao outro. A mulher, por suas graças, e funcções, a que é destinada, torna-se o primeiro motor da vida civil; porém, condemnada a trabalhos asperos entre os selvagens, só exerce influencia nos paizes civilisados.

A mulher substituio á rudeza feroz dos primeiros seculos, o doce imperio do amor, e as leis da politica: reduzindo o seu vencedor a prestar-lhe soccorros, fez nascer a industria, as artes, a musica, a pintura, e os ornamentos poeticos da linguagem. A fraqueza da mulher interessa a generosidade do homem valoroso; e o preço, em que ella se tem, faz o seu poder. D'elle nasceu o predominio, que as mulheres exerceram no tempo dos paladinos. O homem liberal considera a fraqueza da mulher, como objecto sagrado. [1]

[1] Em parte alguma do mundo são as mulheres tão respeitadas, como na China; o facto acontecido em Macáo, no anno de 1807, prova bem essa verdade. Ber-

Pelas disposições naturaes dos dois sexos, se conhece o estimulo, que as mulheres podem, e devem dar ás cousas, em que têm influencia. A mulher, por sua delicadeza, dedica-se a sensações agradaveis; o homem, superior em força, dirige-se ao util, e á intelligencia: este, quer instruir, e dominar; aquella, contenta-se em seduzir, e agradar: um, ambiciona reputação; o outro, prazer.

Tanto o homem considera as cousas em geral, quanto a mulher se restringe a objectos particulares. Um, quer ser independente; o outro, limita-se á subjeição aprazivel. A mulher affecta delicadeza; o homem generosidade. Cada um investiga os objectos a seu modo, e jámais os julgam no mesmo sentido; porém, tendem por concordancia admiravel a unir-se, a fim de terem idéa das cousas. Quanto ha de vasto, e sublime, é percebido pelo homem; o deli-

nardo J. de Almeida, morador na praia de Manduco, tendo um mastro do seu navio a concertar, em frente de sua casa, teve a imprudencia de espancar um dos carpinteiros chinezes, que trabalhavam n'elle. Os companheiros, tomando o partido do espancado, tornaram-se contra o espancador, que para não soffrer a pena de Talião, fugio para casa, e trancou as portas. Os carpinteiros fizeram tão grande motim, que chamou a gente de um comboy de lorchas de sal, fundeado junto á praia, a qual, certa da offensa recebida, dispunha-se para atacar a casa. A baroneza de S. José de Portoalegre, vendo das suas janellas a invasão dos chinezes, e informada do motivo, metteu-se na sua cadeirinha, levada por quatro destemidos, e possantes cafres; e chegando á frente dos tumultuosos, exclamou: «Sei que estais aggravados; mas a offensa é irreparavel. Sou eu, quem defende esta casa; retirai-vos.» Os chinezes, soltando gritos de desesperação, correram a embarcar-se.

Admirado da valentia da nova Amazona, assim como já o estava das suas virtudes, fui com outros amigos dar-lhes os emboras da victoria, e testemunhar-lhe o meu respeito, pelo seu valor; respondeu: «Não sou das mais fracas; todavia seria temeraria, se deixasse a minha casa, para affrontar a sanha de duzentos homens raivosos, sem ter a certeza, de que elles, pelo respeito que têm ao meu sexo, nem levantariam os olhos para mim, com receio de offender-me.» Repara bem, que não eram homens de educação sublimada; eram carpinteiros, e marinheiros. Eu fiquei desde então venerando os costumes dos chinezes; e tu, tens mais esse facto, para avaliares do seu caracter, e da sua polidez.

cado, e o gracioso é melhor comprehendido pela mulher. Aquelle, reina pela força, e pela educação; esta, contém em si o que ha de mais admiravel no mundo.

O artista aventura as suas composições com atrevimento; mas só á mulher é dado avaliar com justiça os primores do gosto. Ainda me lembram os conceitos, que fizeste na contemplação do quadro, onde o nosso bom SEQUEIRA, tomando os costumes de *Apollonio*, me vestio a tunica de *Marco Aurelio*, e me cingio a corôa das suas virtudes. Tu tens os attributos moraes dos dois sexos.

As mulheres, em geral, parecem caprichosas, ainda que energicas; extravagantes, apezar da subtileza do seu espirito. Taes apparencias nascem da sua extrema sensibilidade. Quanto mais sensiveis, mais susceptiveis de tormentos, e prazeres fortes. Assim, offerecem apparencia de caprichosas, sendo apenas o effeito da passagem repentina de um, a outro sentimento.

O certo é, que as letras, e as artes reproduzem-se, e modificam-se, na razão do estado intellectual das mulheres. Se os homens fossem justos, como são fortes, aproveitariam o espirito do bello sexo, por boa educação. D'esse modo, teriamos lá no occidente mulheres illustradas, como Pan-Hoei-Pan. A baroneza de *Stael*, foi dotada de engenho, e arte; comtudo, seria inutil, se não aproveitasse esses dons, por boa educação.

Triste condição é a das mulheres! Só os amantes da verdade, e da justiça ousam defende-las. Sendo poucos, não podem vencer a tenacidade dos muitos, que as deprimem. Comtudo, vingam-se d'essa barbara maioria, vendo-a humilhada pelo sentimento, que impera sobre a força, e sobre as luzes.

CARTA LXIX.

LIBERDADE CIVIL DOS CHINEZES.

Seja brazão, que honrando a humanidade,
Desperte invejas, afervore as gentes
(Téqui cegas, e frouxas) a imitar-vos.

Filinto.

Conhecendo a bondade de algumas leis chinezas, e desejando saber, se os amigos de Cha-Amui eram versados n'ellas, interroguei um, menos insinuante, sobre o fundamento, extensão, e limites da sua liberdade civil;[1] respondeu: «Se a lei prohibisse a cada um o uso da liberdade natural, faltaria aos principios da moral; seria violenta. Quem promove força contra direito, é culpado, seja qual for a sua dignidade; legislador, ou rei, ou ministro. Comtudo, se o homem fizesse o que a lei prohibe, não haveria liberdade civil. Eis o fundamento, em que os nossos legisladores edificaram esse direito.»

«A consciencia reprova a injustiça; a lei é o sentimento intrinseco do público; logo, deve punir as acções

[1] Dia em que houve brilhante companhia em casa de Cha-Amui.

criminosas. O trabalho, pai das virtudes, e da felicidade, não dá logar ao ocio, quando a lei deixa livre aos homens o uso das suas faculdades, e assegura a cada um o fructo da sua industria. Se a liberdade civil consiste em cada um obrar de modo, que não offenda os outros, e em se conferirem os empregos, e distincções a pessoas de reconhecido merito, e virtudes, os chinezes gozam essa ventura; perante a lei, são todos iguaes em direitos. Eis a extensão da nossa liberdade civil. »

« Nenhum ente humano, bem organisado, póde ver outro superior á lei: só por virtude d'ella, rege o imperador, e tem censores de officio, responsaveis pela sua observancia. Em verdade, todos nós desejâmos ventura; mas devemos procura-la entre os marcos da razão, e da lei: sem estas duas guias, o interesse pessoal, e o desejo de ser feliz, produzem grandes males. Se a liberdade não é subjeita ao dominio da razão, promove desgraça geral: o seu uso é injusto, se não se conforma com o pacto social. Eis o limite da nossa liberdade civil. »

« A natureza produz todos os homens livres; mas não independentes: somos subjeitos a regras, que ella nos impoz, e ás leis da sociedade. Se estas são razoaveis, e o governo recto, os cidadãos gozam da liberdade, que a natureza, e a razão permittem; se aquellas são injustas, e o governo iniquo, o capricho, e a violencia deprimem os cidadãos. [1] »

Assim, a independencia não póde ser absoluta; nem póde haver igualdade, senão perante a lei; qualquer outra é negada aos homens pela natureza. Na China goza cada

[1] As obrigações civís dos chinezes são conformes com as dos romanos no tempo de Cicero. A 1.ª é devida a Deus: a 2.ª á patria: a 3.ª aos pais.

um das vantagens, que o seu talento, e industria póde alcançar, sem offender os outros, a quem a natureza, ou a educação privou de iguaes dotes: cada um tem livre o pensamento, a consciencia, e a propriedade. Eis a liberdade civil permittida aos chinezes, em sua lei fundamental; isto é, nos livros sagrados L-Y-King, e Chou-King. »

Quando findou o seu discurso, que muito applaudi, perguntou-me, quaes eram os principios geraes do governo, estabelecido na Europa? A resposta que lhe dei, será a materia da carta seguinte.

CARTA LXX.

GOVERNO DA EUROPA.

Vi os homens coroando o *vicio* infame:
Douto engenho curvado á injustiça,
Prestar-lhe adulação com vís incensos:
Rastejar o virtuoso aos pés do forte:
E o sabio, genuflexo ante a soberba,
Subscrever suas leis, e usar cumpri-las.

II.

A pergunta do chinez surprendeu-me: vendo como se rege este imperio, que poderia dizer-lhe do governo da Europa, sem me envergonhar do nosso atrasamento? Para satisfaze-lo, disse: Vê-se pela historia geral do mundo, que faltára, ainda aos povos mais celebrados, juizo para estabelecerem governo perduravel.

Os egypcios, dando leis á Europa, mostraram falta de senso, em se privarem de seiscentos mil israelitas, que lhe podiam ser uteis: demais, occuparam milhões de homens na construcção das pyramides, estereis monumentos do orgulho, em quanto adoravam animaes immundos!

Os hebreus, dizendo-se esclarecidos pela Divindade, gozando da sua presença, e ouvindo a sua voz, construiram

um bezerro de ouro, a quem adoraram, contra o preceito divino.

Os gregos, apezar de Solon, e de Lycurgo, achavam-se em iguaes circumstancias, quando faziam leis, para castigar a virtude! Em Esparta fizeram mais; condemnaram o povo a escravidão acerba.

Os carthaginezes desarmaram os cidadãos, para confiar a guarda do estado a mercenarios! Perderam-se. Julgando ser castigo do ceo, pretenderam aplacar a sua ira, sacrificando-lhe victimas humanas.

Os romanos julgaram-se destinados a reger o mundo, por terem achado a caveira de um homem no alicerce do Capitolio! Em quanto republicanos foram tão violentos, como depois desprezados escravos dos Neros, e dos Caligulas.

Os germanos consultavam os carvalhos, antes de legislarem! E tomavam o parecer das mulheres, para combater, ou retirar-se. Ariovisto foi vencido por Cezar, em razão de não combater em certo dia de lua.

Os inglezes, que blasonam de possuir bom senso, têm feito espalhar mais sangue humano em tres seculos, do que se derramou no vosso imperio em tres mil annos.

Os homens devem estimar a luz, que os allumia, e detestar o fogo atiçado, para destrui-los. Devem persuadir-se, de que as paixões perturbam a razão, e que só esta rege bem os entes da nossa especie.

Os povos da Europa não seguem em geral esta doutrina; differem em seus principios: o que é virtude em Londres, é crime em Roma. Em França é crime dizer, que o poder do rei nada tem com a Divindade; na Inglaterra é crime sustentar, que algum ente humano seja delegado do Ente Supremo.

Assim, não posso dar-vos relação exacta dos principios do governo europeu, em razão das alterações, que soffre por motivo dos vicios, e das virtudes influentes nos diversos estados. Comtudo, direi quanto baste, para vêrdes, que desfructaes na prática o bom governo, que apenas se conhece na Europa em theoria.

Virtude não é outra cousa mais, do que a natureza humana levada á perfeição; mas esta poucas vezes se encontra. Provém esta carencia, de não fazerem os homens o que mais lhes convém: a razão ainda não está bem cultivada. Os reis, e os ministros oppõem grandes obstaculos aos conhecimentos uteis; e só estes influem directamente na perfeição das leis, do governo, e dos costumes.

A philosophia não é outra cousa mais, do que o amor da sabedoria, e da verdade: porém, nenhuma sciencia é tão desprezada pelos insensatos, que imaginam a terra se fizera só para elles, suas familias, e valídos. Em todos os governos ha vantagens, e inconvenientes. O excesso do poder cria tyrannos; o abuso da liberdade, motiva licença: se o governo centralisa as forças, torna-se violento; se as espalha, enfraquece: qualquer dos extremos produz revoluções, e reformas.

O governo, seja qualquer o nome que se lhe dê, é bom, se faz ditoso o maior número; é optimo, se conserva aos cidadãos liberdade, para serem felizes. Só d'este modo, poderão os governos ser duraveis, como tem sido o d'este imperio.

Não é pelo fausto da côrte, e luxo das cidades, que póde avaliar-se a bondade do governo; mas sim pela agricultura, e industria: observando-se uma nação bem regida, e outra onde impera o despotismo, nota-se grande differença.

N'esta, campos incultos offerecem o espectaculo de lavrador cadaverico, a quem prematura velhice leva de rastos á sepultura; tenros filhos descarnados pela miseria, que debalde pedem pão á triste mãi, deprimida pela necessidade; manufacturas consagradas ao luxo dos impudentes, que ostentam fausto entre miseraveis.

Na outra, perfeita cultura dos campos, o lavrador cercado de familia robusta, e saudavel, annunciam a satisfação em que vivem. A generosa agricultura, a industria, o commercio, a liberdade, animam os cidadãos, e espalham a variedade, que deleita o espirito, e o coração.

A verdadeira politica consiste, em saber applicar a moral á legislação, e ao governo; porém, só no vosso paiz existe essa feliz união. Em verdade, os costumes chinezes são o complemento das leis: YAO, CHUN, CONFUCIO, o grande TAI-TSONG, e outros, mostraram aos chinezes as suas necessidades, e ensinaram a gozar com parcimonia, para gozar muito.

Vós sabeis, que só ha governo perfeito, onde existem boas leis, sabedoria no imperante, justiça nos ministros, e costumes nos povos; infelizmente, de todas essas cousas ha grande carencia na Europa.

Entre vós é delicto esconder os defeitos do governo: na Europa é crime descobri-los. Resulta d'esta loucura grande inconveniente: o público ignora os factos, o governo as opiniões. Eis quanto posso dizer-vos, n'esta occasião, ácerca dos principios do governo, seguidos na Europa. Reis, consules, decemviros, é tudo a mesma cousa![1]

---

[1] Deixemos os loucos disputar sobre as diversas fórmas de governo, diz Pope; o melhor é aquelle que bem administra.

CARTA LXXI.

DA NOBREZA HEREDITARIA.

Por que essas honras vans, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

Camões.

Entre as cousas, que hoje perguntei a um velho, e sabio chinez, foi uma, a razão de não haver nobreza hereditaria n'este imperio, além da familia de CONFUCIO: respondeu pelo modo seguinte:

«Tudo quanto separa os homens na sociedade, é nocivo; de um lado o orgulho, do outro a inveja, motivam oppressão, e revolução: as distincções hereditarias são immoraes. Deus não dividio a especie em peões, e nobres; dotou-a de mais, ou menos valor, força, ou fraqueza, razão, ou stultícia; e parece dar mais pessimos filhos aos soberbos infatuados, do que ás familias communs.»

«Nossos maiores foram iguaes em direitos: entretanto, alguns houveram a primazia obtida pela sabedoria, e vir-

tudes. Então cada um chefe de familia era o seu juiz natural; não havia perjurio, nem guerra: depois, augmentando a população, houveram crimes; foi preciso fazer leis, e eleger um rei, para vigiar na sua execução. Comtudo, somos felizes; seja pelo vinculo da moral com as leis, e o governo; seja por não haver entre nós distincções hereditarias, ou pela nossa disposição em favor da especie humana. »

« Sim; no estado natural, os homens são todos iguaes em direitos; se o povo ainda não descobrio esse importante segredo, e convém ao rei, ou a seus ministros esconde-lo, não abusem da ignorancia; respeitem o povo, como se fôra illustrado; evitarão assim grandes males. *A tyrannia dos grandes nasce da ignorancia dos pequenos:* os respeitos, e as ceremonias tem limites; é preciso obte-las por merito, e nunca por violencia: a força não póde agrilhoar o pensamento, e só n'elle consiste a dignidade do homem. »

« A nossa lei fundamental não tolera nobreza hereditaria. Como! negando o *Tien* ao homem essa herança, haviam os nossos legisladores institui-la? Se a utilidade pública é o unico titulo, que aos olhos da razão distingue os cidadãos; se a verdadeira honra consiste na estimação dos outros homens, merecida por trabalhos, e virtudes; se o governo esclarecido só premeia quem se distingue no serviço da patria; se a consideração, e o respeito são devidos aos mais abalisados em virtudes, e talentos; quaes são os homens que na sociedade devem preferir ao resto dos seus membros? O cidadão só é grande, quando trabalha mais utilmente em beneficio público. »

« A educação, e não o sangue, é quem fórma os cidadãos, e os faz credores dos empregos da nação: poucos se

dariam ao trabalho de adquirir merito, e praticar virtudes, sabendo, que bastavam seus nomes, para lhes dar honra, e fazenda. Eis o motivo de não haver nobreza hereditaria em nosso imperio. Além da familia imperial, só a de CONFUCIO goza d'essa preeminencia, sustentada com dignidade no longo espaço de vinte e tres seculos. »

Lembra-te do juizo, que fez o illustre *Bossuet*, ácerca da nobreza, e verás ser conforme com a doutrina chineza. « Ainda que os homens, inchados pela vaidade, queiram separar-se dos outros, diz elle, não deixa de ser verdade faze-los a natureza iguaes, formando-os do mesmo barro: qualquer desigualdade havida entre as condições, não lhes muda a essencia. Alguns combatem esta verdade, dando a preeminencia aos altos funccionarios, e ás riquezas; e o certo é, que essas cousas adquiriram tão grande estimação entre os homens, que lhes fazem esquecer a igualdade natural! Olham para os seus concidadãos, como se fossem creaturas de outra especie; mas a natureza, para conservar os seus direitos, e domar-lhes a loucura, imprimio-lhes signaes, pelos quaes fossem obrigados a reconhecer a sua igualdade; o nascimento, e a morte. »

Não ha contraste melhor, para bem avaliar as honras, e os titulos conferidos por monarchas, do que a nobreza da côrte de Sião. O rei dá aos seus elefantes mais dilectos, titulos iguaes aos que distinguem os grandes da sua côrte!

CARTA LXXII.

DIREITO DAS GENTES.

Vem branda paz, mas arregaça as fraldas,
Que não as manches de chocas,
Arrastando-as por tanto bruto sangue,
Que espargio raivosa
Politica enroscada em falso manto,
E á sombra dos altares.

Filinto.

Outro dia fui interrogado em casa de Cha-Amui, ácerca do direito das gentes, estabelecido na Europa. O assumpto dá logar a discurso extenso; pois tem sido controvertido por muitos: todavia, restringi-me ao juizo de poucos, e respondi pelo modo seguinte:

O direito das gentes, estabelecido na Europa, é inexplicavel: só existe em palavras, e essas ambiguas. Os estados em relação com o mundo politico, devem ser considerados como individuos; isto é, deve ter cada um liberdade, para fazer tudo quanto lhe seja necessario, sem offender os outros; e deve-se applicar o rigor das leis a todos, os que obrarem contra a liberdade externa. Eis a re-

gra essencial do direito das gentes; mas em logar de favorecer a justiça, serve de pretexto para violencias, iniquidades, e latrocinios.

Os publicistas deram o interesse por limite do bem, e do mal, que as differentes nações podem fazer na guerra, ou na paz; logo está no livre arbitrio de poucos (seja o governo absoluto, ou representativo) marcar esse limite. No princípio d'este seculo, um soldado feliz, *Napoleão*, quiz prolonga-lo aos confins da Europa; e vós sabeis, que os inglezes pretendem estende-lo até ao vosso imperio.

Na Europa escreveu-se sobre o direito da guerra, e das conquistas, como se o assassinio, e o roubo podessem erigir direito, ou fundar legitimidade. Nos codigos europeus encontram-se extravagancias, que parecem dictadas por assassinos, em demencia. O direito das gentes na Europa, é similhante ao dos scythas, no tempo de *Tamerlão:* consiste na força. Se este não chegou a invadir este imperio, como o tinha feito seu parente *Gengis-Kan*, assolou a Asia, desde o Mediterraneo, até ás fronteiras da China.

O direito das gentes deve ter por fundamento a razão; sem esta não ha justiça, e sem justiça não ha direito; assim como não ha virtude sem equidade. Em 1816, quatro homens poderosos, por seu livre arbitrio, repartiram a Europa entre si, e seus amigos! Que mais vos poderei dizer, ácerca do direito das gentes em voga na Europa?

A politica exterior, como a razão a define, e a moral a julga, funda-se na justiça, e na moderação; isto é, concilia os povos visinhos, ajuda-os em sua fraqueza; defende-os das pretenções do orgulho interno, e dos invasores externos. Eis quaes devem ser os pontos essenciaes d'este ramo diplomatico.

A natureza varía os fructos, segundo os climas; as artes, e as sciencias ajudaram as disposições da natureza, a fazer ainda mais variadas as producções: os diversos gráos da civilisação comprimem, ou dilatam as producções da industria, a fim de augmentar a ventura dos povos: logo, é no escambio das producções, e no modo de as repartir a bem de todos, que deve fundar-se a diplomacia. Esta doutrina é pouco seguida na Europa: os diplomaticos occupam-se tanto em encobrir a immoralidade dos seus principios, como a infamia dos meios, que empregam no alcance do bom resultado dos seus projectos. Por tanto, não posso deixar de louvar o governo chinez, quando o vejo repulsar a diplomacia europea, essencialmente a ingleza. O exemplo, que tendes em Aureng-Zeb, Tipoo-Saib, Dawla, e Subab, é sufficiente, para estardes álerta contra os ardís da politica britannica, enroscada em falso manto.

Um poeta inglez, lord Byron, descreveu em poucas linhas o direito das gentes, que se pratica na Europa: «Tornamos ás tuas delicias, ó civilisação das grandes sociedades; á guerra, ao despotismo, aos milhões de homens mortos por soldados a trôco da ração diaria; e ás scenas lupanares da septuagenaria Catharina, com a tomada de Ismael por entremeio. [1]»

De Catharina haviam os chinezes noticia; do lord não: porém, bastou dizer-lhes, que esse inglez havia pintado os britannicos taes, quaes são; isto é, turbulentos, orgulhosos, e injustos, para darem apreço ao juizo do lord.

[1] A quem domina soldados, não importa o direito das gentes, escripto por Samuel Pufendorf, nem por Vattel.

CARTA LXXIII.

TRIUMPHO DO GENERAL AKOUI.

> É tempo de lembrar á tribu mercenaria, que engorda com o sangue, e com a divida do paiz.
>
> *L. Byron.*

« O imperador Kien-Long, vindo de Chan-Tong, não entrou em Pekin; descançou em um dos paços imperiaes, uma legoa ao sul da capital. Demorou-se n'elle dois dias, rodeado de tudo, quanto ha de grande no imperio. Os quarenta e oito soberanos dependentes deviam achar-se n'aquelle ponto; mas não sendo advertidos em tempo, foram quites, para felicitar o imperador em Zhe-hol. [1] »

Kien-Long ía receber o general Akoui: o triumpho de um general victorioso é na China ceremonia distincta. Um mez antes, manda o tribunal dos ritos preparar a estrada, até sessenta legoas do ponto da recepção, com arêa amarella, como se tivesse de passar por ella o imperador. O triumpho concedido ao general teve logar em outro palacio imperial, oito legoas ao norte de Pekin.

[1] Memorias concernentes á China.

Kien-Long sahio do paço em habitos de ceremonia, por entre vistosas alas de coláos, grandes do imperio, e mandarins, até chegar ao logar destinado, para o recebimento. Já lá estavam os destacamentos das oito bandeiras.[1] Akoui, á frente das tropas vencedoras, marchou do outro lado, até chegar á baliza dos pilares vermelhos, onde se apeou.

Então o mestre de ceremonias convidou o imperador a subir a um throno, onde tremolava o estandarte imperial. A esse tempo rompeu a musica do paço, e o presidente do tribunal dos ritos convidou o imperador a dar graças a Deus. Todos ajoelharam, e tocaram o chão com a fronte, para d'esse modo agradecer ao *Tien* a mercê da victoria.

D'alli marcharam ao paço; o imperador subio ao throno; o general, e mais officiaes fizeram a ceremonia do Ko-tou. Acabada ella, o imperador desceu do throno, dirigio-se ao general, e abraçando-o, disse-lhe: «Tu vens cançado; repousa junto a mim.» Deu-lhe a mão, e levou-o ao throno, onde se sentou a seu lado. Os officiaes passaram a outras salas, e todos beberam chá, ao som do hymno da victoria, composto ha mais de quatro mil annos.

A provincia de Miao-Tse, tinha-se revolucionado, e motivado grandes estragos no imperio. O valor, e a prudencia de Akoui, deu morte aos rebeldes, e socego á China. Kien-Long premiou o general com a banda amarella, e manto igual ao da familia imperial. Tem por divisa quatro dragões, bordados com fio de ouro.

Verificando este facto, pelas memorias do reinado de Kien-Long, com um chinez illustrado, perguntou-me no fim, em que faziam os europeus consistir a gloria militar?

[1] Guarda imperial.

respondi: a gloria provém da sabedoria, e da benevolencia; é perduravel, se tem por fundamento a justiça, o valor, e a prudencia. Batalhas, e conquistas não são objectos de gloria: podem chamar-se triumphos da usurpação.[1]

« O guerreiro nutrido na servil obediencia, subjeito ao rigor da disciplina, que o não deixa cogitar nas ordens, que recebe, torna-se escravo invejoso da liberdade, que desfructam seus concidadãos. Costumado por habito a duro jugo, indigna-se, vendo os outros sem cadêas. Demais, vivendo de estipendio fixo, não pensa no dia futuro; pois não lhe pertence. Assim torna-se frivolo; mas zeloso de consideração, a que julga ter direito pela espada. A falsidade das suas idéas faz com que elle seja vingativo, injusto, e cruel a sangue frio,[2] sem lhe importar ver-se gordo com o sangue, e com a divida do paiz. »

É differente a conducta dos defensores da patria. O soldado, combatendo sem ambição de conquistas, nem roubos, adquire a verdadeira gloria militar; pois tem só em vista o verdadeiro interesse público. A vil paixão da avareza é incompativel com a gloria militar; esta só é devida ao bom patriota: e para que resplandeça, é necessario que o militar possua grandeza de alma, luzes, valor, coração honesto, e amor da patria.

No occidente tem havido alguns militares, que defenderam a patria, e a liberdade, cobrindo-se de gloria, no desempenho dos mais importantes deveres militares, e civís.[3]

[1] Lembra-te do bom senso do pirata, que Alexandre mandou enforcar. « Nós somos dois ladrões, disse o pirata; a differença consiste, em eu fazer com trinta homens o que Alexandre faz com trinta mil: elle vai levado em triumpho, e eu vou ao cadafalso. Oh! justiça humana! »

[2] Barão de Holbach.

[3] Lembrei-me n'aquelle instante de Washington, e La Fayett.

« A gloria de um militar só é complecta, quando elle sabe preencher os deveres de cidadão. [1] » Esta doutrina agradou ao chinez: não sei dizer-te quanto fui applaudido. [2] .

---

[1] Mirabeau.

[2] « A paz menos gloriosa é preferivel aos mais felizes successos da guerra. As victorias militares são como as chammas de voraz incendio; os que se ornam com seus louros, têm sêde de sangue humano; devem ser banidos da sociedade. Aos guerreiros vencedores apenas são devidas honras funebres, em memoria dos homicidios commettidos. O monumento das suas victorias deve ser rodeado de tumulos, e cyprestes. * » Esta doutrina, seguida pelos chinezes, não obstou a que apparecessem entre elles homens sanguinarios, como Alexandre, e Cesar; mas, para honra da humanidade, são inscriptos nos annaes do imperio, com o epitheto de tigres. Assim, não admira o muito, que os meus amigos chinezes louvaram o meu discurso ácerca da gloria militar.

* Tao-Te-King: Livro sagrado, que trata da guerra, e da paz.

CARTA LXXIV.

COSTUMES NA MESA.

Em dourada baixella, em porcellana
Vieram preciosas iguarias,
Agnçar desdenhosos appetites.
Com regalado cheiro.

Filinto.

Para te dar idéa complecta dos costumes na mesa, descreverei dois jantares; um dado a embaixadores, outro a particulares amigos, aos quaes assistio S. Croix, tão ingenuo, como ingrato: ingenuo, por não diminuir os obsequios recebidos; ingrato, por dar aos chinezes o epitheto de barbaros. Pelo que os chinezes lhe fizeram, e elle escreveu, se conclue, serem aquelles mais civilisados, do que o parisiense S. Croix.

« Pan-Kequa deu um jantar, na sua casa de campo, aos embaixadores de Sião: fui convidado com outros europeus, diz S. Croix; entrando no jardim, vi grandes lagos rodeados de bellas salas, mui bem dispostas, e arejadas; estavam ornadas com muita riqueza, ao gosto do paiz. »

« Na primeira estava Pan-Kequa, fallando com os embaixadores. Feitas as primeiras ceremonias, fui passear ao jardim; achei cousas deliciosas, e pictorescas. Grutas, rochas de varias côres, vasos riquissimos, muitas, e diversas flores odoriferas; passaros elegantes na fórma, e bellos em plumagem: tudo achei admiravel. »

« Ás cinco horas nos sentámos á mesa: começámos pelos postres: compunham-se de trinta bandejas de manjares diversos. Vieram depois mais de cem iguarias differentes; porém desagradaveis ao meu paladar. Pan-Kequa, e o seu bom sobrinho Con-sequa, andavam em tôrno da mesa, a fim de obsequiarem com igualdade a todos os convidados. »

« Os embaixadores comeram de tudo, e fizeram algumas saudes: o modo consistia em se levantarem todos, quando se bebia á saude de cada um, e mostrarem os copos vasios. No fim do jantar, disse Con-sequa aos europeus: « Meu tio não póde satisfazer-vos, n'esta occasião, com iguarias, e vinhos da Europa; mas, d'aqui a poucos dias, sereis indemnisados. »

« Tres dias depois festejou Con-sequa o seu natal: ás cinco horas da tarde entrei na sua casa; achei uma companhia de comicos, promptos a representar: na Europa costuma-se ir ao theatro, depois de jantar; na China, entre os ricos, gozam d'esse espectaculo durante a mesa. Principiámos a comer, e os comicos a representar; todos desempenhámos optimamente. O jantar foi mui bem servido: rica baixella, excellentes iguarias, e optimos vinhos. Depois, fomos convidados para novos divertimentos. »

Avalia agora quaes são mais civilisados, se os chinezes, tratando assim os europeus; se estes, que, recebendo

Dias da Costa lith. *Lith. da Imp.ª N.al*

SAOQUA.

tão generoso, e cortez gasalhado, os vituperam, chamando-lhes barbaros! Os chinezes levam a prática da civilisação a extremo gráo. No primeiro jantar, que SAO QUA me deu este anno,[1] apenas havia seis convidados, e todos europeus. A mesa era quadrada, coberta de panno escarlate, igual aos estofos das cadeiras. SAO QUA deu logar aos hospedes nos tres lados da mesa, e elle tomou o quarto, em cadeira mais baixa.

Observando os costumes na casa de SAO QUA, onde tudo mostrava tanta riqueza, como gosto sublime, não me escapou saber o motivo, de estar o dono sentado em uma cadeira, onde elle, sem embargo de ser bem apessoado, ficava inferior aos hospedes. Perguntei-lhe a razão da differença; respondeu: «Quando os meus escolhidos amigos vêm obsequiar-me, o seu logar deve ser em tudo superior ao meu!» Esta gente une sempre as acções ás palavras, e usa com frequencia d'aquellas, em logar d'estas. A cadeira mais baixa, significava o que SAO QUA me respondeu.

Estando sentadas á mesa sete pessoas, rodeavam-na quatorze servidores, vestidos de cabaias[2] de setim preto lavrado, tendo na cabeça barretes de abas levantadas, da mesma côr dos vestidos, com grandes borlas escarlates. Os manjares vinham á mesa trinchados: contei cincoenta cobertas! O jantar foi dado, segundo o uso chinez: serviam de copos, pequenas chavenas de louça transparente; pareciam cascas de meios ovos na grossura, e tamanho. Os vinhos eram trazidos em riquissimos bules: os europeus refrescam os vinhos, para usar d'elles; os chinezes mandam-os aquecer.

[1] 1832.

[2] Vestidos talares

Em occasião opportuna, convidei os amigos de SAO QUA para bebermos á saude do dono da casa, desejando a continuação da sua prospera fortuna. Confesso-te, que me deu grande prazer a resposta de SAO QUA, por se achar presente um inglez millionario, que nunca mais pôde tirar os olhos de mim. SAO QUA, com a modesta, e honrosa graça, que lhe é propria, disse: «Agradeço a todos vós o favor, que acabo de receber; e tenho grande satisfação em vos declarar, que se a minha fortuna é prospera, devo-a, em parte, ao Sr. Andrade.»

Nas expressões de SAO QUA, entrou grande porção da sua nimia civilidade; se pozessemos em uma balança os productos da nossa generosidade, o fiel penderia para SAO QUA.

CARTA LXXV.

PAGODE CHINEZ.

A si, que não aos Idolos, os Bonzos
Buscaram culto: a mira em si pozeram,
Alcançar nos pagodes bem rendados
Senhorios, poderes.

Filinto.

Hontem visitei o grande pagode, que existe além do rio, em frente de Cantão. Imagina um parallelogrammo composto de varias capellas, e dormitorios collateraes, formando na variedade dos edificios, outros tantos passeios ornados de pequenos jardins, e arvores, que dão sombra em todo o anno. Na primeira capella, estão as figuras de tres mulheres sentadas sobre o altar, com as pernas cruzadas ao modo oriental: uma d'ellas tem o dedo da mão direita tocando nos beiços, em attitude de pedir silencio. As figuras são gigantescas, e douradas.

Na segunda, está sobre o altar a estatua de CONFUCIO. Os chinezes, de todas as seitas, rendem-lhe culto de adoração: tão reconhecida foi a sua santidade, e sublimes as suas

virtudes! Na terceira, ha uma enorme figura humana, deitada sobre o altar, e de rosto prazenteiro. «É um homem divino, me respondeu um bonzo, a quem perguntei o que ella representava, goza de ventura celeste; feliz o que está n'essa posição, vive sem temor, e sem pena.»

Ha n'este pagode mais de trezentos bonzos: occupam-se no exercicio do culto, e nos enterros. Um dos mais officiosos brindou-me com um leque, onde se acha escripta a seguinte maxima de CONFUCIO: «*O silencio é indispensavel ao sabio; despreza os rasgos da eloquencia por inuteis; falla por suas acções. O ceo tambem falla; mas como nos diz o* Tien *ser o auctor de todas as cousas? O movimento é a sua linguagem: deu impulso á natureza, esta, como filha sua, obedece-lhe, e produz.*»

O governo chinez tolera os bonzos, como já te disse, mas não faz despeza alguma com elles; vivem á custa dos simplices, e ardentes devotos. Em verdade, esta nação é singular; distingue-se de todas as outras: até as maravilhas das suas épocas fabulosas, differem do maravilhoso poetico das outras nações. Partindo do ponto fixo, onde a sua historia attesta os factos com documentos, jámais se encontra vestigio de poesia: só apparece n'ella prosa, e senso commum. A historia de quarenta e dois seculos, acha-se limpa de acontecimentos sobrenaturaes.

No imperio chinez nunca houve religião, ou instituição dada directamente por Deus. Os chinezes tiveram sempre a acção providencial, que se faz sentir pelas inspirações da sabedoria Divina, commum a todos os entes da nossa especie, antes de se corromper pelo vicio. No tempo do famoso Hoang-Ti, o culto dos astros tinha sacerdotes, que fundavam o seu grande poder na sciencia da astro-

nomia: YAO, CHUM, YU combateram, e venceram essa turma enganadora, oppondo-lhe um Deus Supremo, e culto sem mysterios.

D'ahi em diante, foram escusados sacerdotes no vasto imperio da China. A politica entrou, sem dúvida, n'esta reforma; pois terminada a lucta entre os dois poderes, o civil foi revestido com os attributos da auctoridade soberana. Comtudo, os bonzos intrigam, e dão muitas vezes motivo a grandes males.

CARTA LXXVI.

FESTIVIDADE CHINEZA.

A benevolencia augusta
Honra e respeita da mãe as qualidades.
Do bom cheiro de candidos costumes
Recendem estes ares.

Filinto.

A solemne festividade com que o imperador Kien-Long honrou os annos de sua mãi acha-se descripta com prolixidade nas memorias chinezas; mas, dir-te-hei d'ella só quanto baste, para formares idéa de um festejo imperial. Kien-Long escolheu o palacio de Iven-ming-iven, quatro legoas distante da capital, para ostentar n'elle a sua grande opulencia, e extremadas virtudes.

Mandou erigir na estrada, que vai da capital ao palacio referido, arcos de triumpho, onde se escreveram, em letras de ouro, as virtudes de sua mãi. Por toda a extensão do caminho apparecia a natureza, embellezada pela arte. Edificios de grandezas, e fórmas diversas, destinados a receber os espectadores, que a solemnidade do dia chamou

das mais remotas provincias; collinas artificiaes, onde se viam arbustos floridos, e plantas aromaticas, que pelo viçoso pareciam ter nascido alli; as summidades estavam coroadas de cupulas, d'onde exhalavam deliciosos perfumes. Entre umas, e outras haviam bosques artificiaes, matizados de passaros de muitas côres, e fórmas. Os lados da estrada achavam-se ornados com flores, e fructos artificiaes: quando alguma pessoa distincta passava junto a ellas, sahia da flor, ou fructo nedio menino, que lhe offerecia bonito ramalhete de flores symbolicas.

De distancia em distancia levantaram-se theatros, onde os melhores comicos representaram dramas, que excitaram sentimentos generosos, e commoções agradaveis. O imperador convidou as mulheres dos coláos, e mandarins ao festejo, e mandou levantar casas em frente dos theatros, com gelosias para gozarem do espectaculo, não sendo vistas. N'estas demonstrações de alegria, chegou o imperador. Os principes, coláos, e mandarins, ricamente vestidos, e montados em soberbos cavallos brancos, precediam a cadeirinha imperial, levada, segundo o costume, por dezeseis officiaes militares. Distinguiam-se no cortejo as ordens do estado, pelos botões de pedras preciosas, de côres diversas, collocados no alto do barrete.

Os embaixadores dos reis tributarios reuniram-se todos na porta oriental; os deputados do grande Lama tambem occupavam logar distincto: seu aspecto grave indicava a sua cathegoria. A imperatriz mãi precedia o imperador: entrando na capella do paço, foram saudados pelo ministro dos cultos: ao som do hymno imperial, todos se prostraram.

Querendo o imperador fazer o dia mais solemne, dirigio-se ao campo sagrado, acompanhado de sessenta ve-

lhos, representando o número dos annos de sua augusta mãi, e fez com elles a ceremonia da lavoura, tão util como singular. Quando anoiteceu, brilharam fogos de alegria, de vistas differentes. Os mais curiosos foram balsas, que elevando-se a conveniente altura, transformavam-se em bellissimos vasos de flores; depois em navios, com todas as vélas largas, que por fim desappareciam no espaço, em chuvas de fogo.

No preparo d'este festejo trabalharam duzentos mil homens, tres mezes; custou quarenta milhões de taés, ou cem milhões de cruzados. O imperador deu vestuario, e viveres, para um mez, a cincoenta mil familias pobres. Tudo sahio do seu bolsinho particular. Admira a magnificencia dos festejos n'este imperio, e a riqueza particular do imperador dos chinezes.

CARTA LXXVII.

DOS ENTERROS.

Tudo acaba no mundo, e a morte dura
Arremeçando a formidavel lança,
Cerra as cinzas na avara sepultura,
E das obras immortaes deixa a lembrança.

M.

Ha chinezes, que se arruinam com os enterros dos parentes: julgam faltar a um dever sagrado, se não procuram aos auctores de seus dias honrosa sepultura. Qualquer chinez reputa-se desgraçado, se não deixa filhos, para lhe fazerem as honras da sepultura. Costumam embalsamar os corpos, vesti-los com habitos de ceremonia, mette-los em caixões de madeira aromatica, e deposita-los em quarto reservado, onde as mulheres, e filhos os vão carpir.

No terceiro dia são mettidos em segundos caixões, quasi sempre preparados antes da morte. Chinezes ha, que se privam do necessario durante a vida para serem honrados depois de mortos pelo enterro. No dia do funeral os filhos, parentes, e amigos seguem o feretro: as

mulheres, e filhas tambem o acompanham, fechadas em cadeirinhas.

O logar do tumulo é sempre fóra das muralhas da cidade: os mais ricos compõem-se de tres salas; uma para deposito do caixão, e as outras para receber as visitas dos parentes. Procuram sempre encostas de montanhas, para os edificar, e rodeam-nos de cyprestes. Os pobres contentam-se em abrir covas a seus parentes, em terrenos elevados, e collocar na sepultura uma pedra com o nome do fallecido.

No tempo do lucto usam de côr branca, persuadidos de que os seus parentes gozam, além da vida, luz resplandecente: assim, adoptaram para lucto, a côr propria ao logar do seu destino. Na Europa tiveram por melhor, tomarem para lúcto a côr do tartaro.

As honras, depois do funeral, limitam-se a dois festejos no anno: praticam-se nos tumulos, ou nas salas, onde têm escriptos os nomes de seus maiores. Rara é a familia, que não tenha um quarto reservado, para esse uso. Se não tem n'elles os bustos, ou os retratos em paineis, tem seus nomes, e o dia em que falleceram.

N'estas ceremonias juntam-se ás vezes milhares de pessoas, filhas do mesmo tronco, sem distincção de ordem; isto é, do artista ao coláo, só o mais velho, ainda sendo o mais pobre, tem o primeiro logar. Reunem-se em geral na primavera, e outono: começam por cobrir o tumulo de flores, e rodea-lo de bons manjares, e vinhos.

Depois de comerem, prostram-se diante do tumulo: o chefe da familia corresponde a esse acto de respeito; porém, todos em silencio. Os bonzos têm querido juntar a esta ceremonia outras superstições; mas, só a plebe as acredita, e usa.

CARTA LXXVIII.

DOS CASAMENTOS.

Ah! faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar he um dever além de um gosto.

Bocage.

Os chinezes ajustam em geral os casamentos, sem que os contrahentes se vejam. O negocio do casamento, aqui, trata-se do mesmo modo, que na Europa se negocêa uma galanteria. Ha velhas insignes no officio de procurar noivos ás raparigas: os noivos confiam no testemunho da sua medianeira, ácerca da belleza, e dos talentos da sua futura. Os parentes não usam consultar as inclinações dos noivos: a escolha compete áquelles, e decidem sobre as condições.

O homem jámais obtem noiva, sem fazer despeza com os parentes d'ella. Concluido o ajuste, e entregues os presentes, ou a somma contractada, juntam-se as familias dos noivos, em quarto reservado, a fim de praticarem as ceremonias do casamento. O pai do noivo inclina-se perante os nomes de seus maiores, invoca seus manes, lê os artigos

do contracto, e lança depois a escriptura em um brazeiro, preparado para esse fim.

No dia das nupcias entra a noiva em uma cadeirinha; e acompanhada dos parentes, e amigos da sua familia, parte para casa do noivo. Fazem parte do cortejo turmas de musicos, tangendo instrumentos; e muitos andores, levados por homens, com os symbolos do casamento. A pessoa de mais confiança, da familia da noiva, leva a chave da cadeirinha.

O noivo espera a sua futura esposa, á porta da casa paternal: assim que ella chega, recebe a chave, e abre a cadeirinha: n'esse momento conhece a sorte do lance, jogado pela sua medianeira, ou parentes. Algumas vezes, succede fecha-la com a mesma rapidez, com que a tinha aberto: e tornar a noiva para casa de seu pai. N'este caso, perde o noivo o dinheiro, que tinha dado ao pai da noiva.

Se esta agrada ao noivo, dá-lhe elle a mão, para sahir da cadeirinha, e leva-a para a sala do festejo: praticam alli, perante os convidados, as ceremonias, que apertam o laço do casamento; isto é, lavam as mãos de costas um, para o outro; depois faz a noiva quatro mesuras ao noivo, e este retribue com duas; entornam gotas de vinho pelo chão, e acabam as ceremonias, tirando os manjares, de que mais gostam, para um prato: comem ambos d'elle, bebem pelo mesmo copo, e começam a ter logar os conceitos da epigraphe.

De tarde conduzem a noiva ao quarto do marido: acha sobre uma mesa tesoura, linhas, agulhas, e algumas peças de fazenda, para saber, que se deve applicar ao trabalho. Sabes, que na Europa o uso é mui differente: a noiva acha no seu quarto um açafate com flores, fitas, e aguas

de cheiro, para se lembrar, que deve entregar-se aos enfeites, e á galanteria.

É tolerado juntar a uma mulher legitima, quando esta é infecunda, outras mulheres da segunda ordem: entram para casa, sem precedencia de formalidades. O homem dá aos pais a somma convencionada; promette-lhes, por escripto, tratar bem sua filha; é quanto basta. As segundas mulheres são em tudo subordinadas á primeira, como já te disse.

Os divorcios são mui raros na China, apezar de serem permittidos, em muitos casos. Os chinezes têm, por maxima, que juntar dois corações antipathicos, é o mesmo que ligar um corpo vivo a um cadaver. Eis o motivo de tornar a noiva, para casa de seus pais, se não agrada ao noivo.

CARTA LXXIX.

DO MATERIALISMO.

> Por isso huma he a morte dos homens, e dos brutos animaes, de uns, e outros he igual a condição.
>
> *Eccl.* C. 3. § 19.

Em outro ajuntamento de homens de letras, em casa de Cha-Amui, disse elle para mim: « Tendo-nos vós referido cousas tão importantes, ácerca do mundo, e do homem, e dito que, pelo systema do universo, se reconhece o Entendimento Supremo, no que somos conformes, desejâmos saber, que razão têm os materialistas para negarem a existencia de Deus? » Respondi com a doutrina dos nossos mais abalisados philosophos, pelo modo seguinte:

Muitas são as religiões, que, desde a origem da sociedade, têm dominado a opinião dos homens, nas diversas regiões do globo. Apenas o homem social, seguro da subsistencia pelo estabelecimento das propriedades, e primeiros ensaios da agricultura, e das artes, teve vagar para entregar-se a observações, tentou, com espirito curioso, e

atrevido, alcançar as causas dos phenomenos naturaes, que lhe feriam continuamente os sentidos.

Julgou então como, e quando foi creado o universo: d'onde procedem os bens, e os males, que experimentâmos: quem produz os nossos pensamentos livres: em que nos differençâmos dos outros animaes: como foi organisado o primeiro homem: qual destino nos espera depois da morte, etc.

Não tendo principios, para resolver estas questões, nem podendo persistir na ignorancia, fabricou systemas, com que se persuadio ter explicado tudo. Creou um Architecto para o universo; um espirito extenso, e immortal (mas formado em tempo) para reger o seu corpo: um instincto mechanico, para as outras especies animadas: um ceo delicioso, para ir habitar, depois de morto: um inferno, para os seus inimigos: e milhares de genios invisiveis, beneficos, e malignos: assim, tudo teve por causa motriz alguma intelligencia invisivel.

Deus, o homem, o paraizo, os anjos, e os demonios foram revestidos, nas diversas theogonias das nações, de attributos amaveis, ou horrorosos, segundo a imaginação de seus inventores: e suppostos existentes, serviram de fundamento, para dogmas, e ritos, que, differentes em cada seculo, e paiz, têm sido consagrados, e definidos a ferro, e fogo, com o titulo de religião.

Cada systema deu logo por valídos da Divindade, os seus instituidores, e primeiros sectarios; teve prophetas, santos, martyres, e oraculos; teve altares, e ministros, que, recebendo as offertas prestadas voluntariamente, pelos devotos, aos numens tutelares, lh'as tornaram depois em obrigação sagrada. Assim, cada religião tem seus ido-

los, templos, bonzos, offertas, dogmas, e ceremonias, falsas virtudes, e falsos crimes.

Tal foi, desde a origem das sociedades, o imperio da opinião sobre os povos, subjugados sempre por systemas mais, ou menos absurdos, e mais, ou menos carregados de práticas inuteis, ou sómente proveitosas a seus ministros. Porém, do seio das trévas rebenta a luz. Tendo-se engrossado os absurdos, e tornado mui penosos os deveres do culto, o espirito humano recuperou os seus direitos, e entrou em exames, que o despotismo dos bonzos lhe prohibia. Deu-se todo a cultivar as sciencias da razão, e experimentaes; e accendendo o pharol do entendimento nas luzes da natureza, penetrou com elle os reconditos abysmos da religião. O véo do prestigio foi então rasgado; descobriram-se erros, e contradicções, em todos os systemas; desmascarou-se o interesse dos ministros, embrulhado até alli no manto da Divindade; vio-se em todas as seitas a mão do homem; e foram derribados todos os phantasmas pela philosophia: das cinzas da religião nasceram o deismo, e o atheismo. Tal é a espantosa revolução, operada nas opiniões theologicas, por todo o mundo, em nossos dias.

Concordam os deistas puros, taes como vós, e todos os da eschola de CONFUCIO, com os atheos, em negarem auctoridade divina a todos os escriptos, e em terem por falsas todas as revelações, mas, discordam na existencia do Ente Supremo, e providencia da natureza: e posto que, todos os deistas convenham na existencia de Deus sabio, e providente; comtudo, apartam-se sobre as mais qualidades de Deus, e da natureza. Uns assentam que Deus, tendo formado o universo, e regulado os seus movimen-

tos, só cuida em vigiar na sua conservação, pela observancia das leis, que impoz á materia; que o homem, producto da creação, recebeu d'elle, além das forças physicas, as leis moraes, que traz no coração, e que só póde offende-lo, quebrando as regras da conservação, e do sentimento; mas é castigado por dôres, e remorsos, provindos de seus desmanchos. Para estes, o homem é ente caduco, e mortal, como as plantas.

Outros, vendo que o homem soffre males, antes de os ter merecido; que o innocente, e o virtuoso vivem continuamente opprimidos, quando o depravado goza dias de fortuna, e prazer; como achassem isto incompativel com a justiça, e bondade de Deus, concluiram, que esta vida não é a verdadeira, para o homem; mas sómente uma viagem, onde elle vem merecer, para depois da morte, bemaventurança, ou tormentos sem fim. Admittem, pois, no homem uma luz immortal, que na vida regula as acções, e no instante da morte solta-se de seus orgãos, para voar ao seio da Divindade, e receber o premio dos martyrios passados, ou expiar longe do paraizo as culpas commettidas. Tal é a substancia dos dois systemas de deistas.

O atheo nega a existencia de Deus; não reconhece no universo a obra da Sabedoria Suprema, nem da bondade consummada. Nega a existencia do princípio incorporeo, e immortal, que anima o homem; nega os principios inextensos; não admitte no universo mais, do que espaço, e materia: d'ahi lhe vem tambem o nome de materialista. Attribue todos os movimentos do universo, tanto nos entes sensiveis, como nos inorganicos, á energia da natureza, forças da materia, e combinações contingentes

de seus elementos, encontros imprevistos, á necessidade das causas, e, em fim, á cega fatalidade. Este systema é complicado: passarei breve revista aos seus fundamentos, e principios, a bem de satisfazer-vos.

CARTA LXXX.

CONTINUAÇÃO DA MESMA MATERIA.

Je cherche à penetrer tous les ressorts divers,
Les principes cachés, qui meuvent l'univers.

R. à Warrens.

O universo comprehende a immensidade dos ceos; isto é, o espaço infinito capaz de conter os corpos, que o povoam. A massa dos astros, seja qual fôr a natureza dos seus elementos, e particulas subtilissimas, porém, todas de extensão, attracção reciproca, e affinidades singulares, chama-se materia.

A eternidade do tempo, e a immensidade do espaço são dois infinitos naturaes, cuja existencia é independente de todo o systema de cosmologia. Assim, o espaço, e o tempo são increados, immoveis, independentes, infinitos, e estaveis por essencia. Logo, seja qual fôr a natureza da materia, é visto que ella toma por seus movimentos, e combinações, todas as fórmas de que estão revestidos os productos, que nos encantam, e maravilham no ceo, e na

terra. Tudo soffre no mundo contínua transformação. A materia da planta, e do fructo commuta-se na do animal, que a come: a do animal morto torna-se em terra, liquidos, e gazes, que se somem no chão, ou dissipam no ar, d'onde passam a combinar-se com as substancias da sua affinidade, que, no instante da analyse natural, acaso se acha mais visinha d'elle. Assim, nem as forças da natureza, nem as da arte podem crear, ou anniquilar a materia: e todas as operações do laboratorio da natureza se reduzem a synthese, ou combinação dos elementos da materia debaixo de fórmas, que as suas forças innatas lhe fazem tomar. D'aqui induz o materialista ser a materia eterna: e é o primeiro artigo do seu decantado systema.

Todos os movimentos são produzidos, pelas forças inherentes ás moléculas da materia. Taes são a *inercia*, a *solidez*, a *attracção*, e as affinidades chymicas, ou attracções privativas dos elementos dos corpos, pelos quaes se formam, e destruem as substancias da materia, e os productos terrestres. Vendo pois o materialista, que os corpos, e substancias physicas estão sempre em agitação, induz ser o movimento essencial á materia: é o segundo artigo do seu systema.

Os entes do universo são effeitos do movimento, excitado pelas tendencias da materia. Por combinações necessarias das suas monadas, ou entes simplices, e indivisiveis, fabricam-se os productos, que na serie dos tempos vão successivamente existindo, e perecendo. Dos despojos de uns entes, compõe a natureza outros de novas qualidades, e apparencias. Porém, quando os corpos organisados morrem, e os inorganicos se alteram, e destruem, não acaba a massa eterna, de que são compostos, mas sómente

as modificações, e apparencias. Mudam em toda a parte as fórmas, e combinações dos entes, mas persistem as substancias, e elementos. Assim, no entender dos materialistas, a materia é o ente eterno: terceiro artigo do seu systema.

Quem não vê na face da terra mais conspirações bellicas, e destructivas, do que sympathicas, e auxiliares da conservação? Pergunta o materialista: em que se funda pois esse *Alto Saber*, que dizem providenciára no arranjamento da natureza a reciproca duração de suas obras? Se algumas parecem indicar entendimento benefico, outras arguem proposito maligno. D'aqui conclue o materialista: 1.° que os productos naturaes não foram construidos com intuito algum; mas quando as forças da materia os combinam de modo, que os seus orgãos se podem soccorrer, para a subsistencia, e persistem por maior, ou menor tempo, sempre átomo da eternidade: 2.° que a *Providencia*, conservadora do animal, não está na mente da natureza, que o formou ao acaso; mas sim no mesmo animal, que tornado pensante, e activo pelas proprias necessidades, e estimulado a procurar a sua complecta satisfação, zela a existencia, e aperfeiçoa os sentidos com que se acha. Assim, a negação da providencia, da natureza cega, e destituida da menor intelligencia, excepto nos entes sensiveis, e organisados: é o quarto artigo do systema dos atheos.

O homem, e todos os animaes, são entes totalmente physicos, partes do globo em que vivem. Distinguem-se dos outros productos, em adquirirem no acto da sua organisação novas faculdades, que a materia inorganica não possue. Taes são o sentimento, a cogitação, a vontade, e os mais dotes da alma, ou modos de sensibilidade, a qual

consiste na aptidão, para perceber a presença dos objectos, e differençar as impressões apraziveis, das dolorosas, e o diverso gráo de cada uma. Esta alma, que, posto de maior finura, e capacidade, possuimos em commum com os brutos, nem é espirito inextenso, nem fluido, ou solido do corpo; mas sim propriedade dos orgãos communicados entre si, por sublime arranjamento. Reside no *cerebro*, mola real das sensações, nos nervos, que d'elle procedem, e nos sentidos externos, que com elle entretem estreito commercio, por meio d'estes. Nos sentidos se excitam as sensações, que se reduzem a dôres, e prazeres de diversos generos, e gráos: e na camera do *cerebro* laboram as potencias do entendimento; a saber: memoria, razão, phantasia, e os actos da vontade; isto é, desejos, e paixões: o que tudo são maneiras de sensibilidade.

Assim, parando a circulação do sangue, e dos espiritos vitaes, pela morte do animal, todas as visceras deixam de exercer as suas operações. O coração cessa de dar impulso ao sangue: os bofes de respirar, e assimilar o principio vital do ar atmospherico: o *cerebro* deixa de pensar, e receber as participações dos orgãos externos: os nervos perdem a excitabilidade: a fibra muscular não é mais irritavel, etc. O espectaculo do universo desapparece: destrue-se o sentimento: desvanece-se a alma; e a materia do animal torna ao estado de bruta, em que se achava antes de organisada.

Havendo pois a natureza combinado por suas forças algumas substancias, por certos modos (transcendentes á arte) resultaram entes sensiveis, e pensantes, por meio de orgãos differentemente delicados, e energicos, e pelo moto contínuo, que estes promovem, seguindo uma escala de

sensibilidades infinitamente variadas, desde o homem até á ostra. Mas, passado tempo, estas mesmas potencias os desmancham, e causam a cessação do movimento, e perda das faculdades intellectuaes, que a materia tinha contrahido, ao tomar o arranjamento proprio para sentir. Assim, a *alma*, *sensibilidade*, e *espirito* são (para o materialista) faculdades da materia organisada, que não podendo existir, sem orgãos em que se exercitem, devem perecer com a destruição d'estes: quinto artigo d'este systema

Assim como a pedra cahe necessariamente na direcção do centro da terra, quando a soltam no ar em liberdade; assim como a bussola se volta para o norte, quando a deixâmos livre sobre o seu eixo; assim o homem, e os brutos produzem necessariamente os seus movimentos voluntarios. Só podem dizer-se livres, em não terem estorvos exteriores, que os cohibam nos movimentos permittidos pelos orgãos, e determinados pela vontade; porém de nenhum modo, na escolha d'estes movimentos, impellidos sempre pela presença dos objectos externos, e pela impressão das imagens, que estes gravam, ou já gravaram no *cerebro*.

A lei do prazer, a tendencia a solicitar tudo quanto lisongeia o animal, e a repellir o que o atormenta, obra sobre elle, como a força da attracção sobre a pedra, e sobre a bussola. Os objectos, que julga poderem felicita-lo, fazem sobre elle a mesma impressão, que o ferro faz sobre a agulha de marear: volta-se para elles, e os procura em qualquer parte, que lhe appareçam, ou para onde se mudem.

Assim, a *fatalidade* exercita-se igualmente nos movimentos da materia bruta, e nos dos corpos organisados.

Tudo obra necessariamente no universo; e seja qual fôr a natureza de cada substancia, todas têm propriedades, e forças, que determinam os seus movimentos. A attracção, e as affinidades chymicas fazem tudo nos entes physicos: a sensibilidade, e o desejo da ventura nos moraes.

Os movimentos livres do animal são necessitados pela vontade: esta é impellida pela impressão agradavel, ou desgostosa da imagem dos objectos· a impressão dos objectos é determinada pela sua presença, e pelo estado dos sentidos, e do *cerebro:* a presença dos objectos provém da estructura do mundo, e do acaso, que nos põe na situação de os sentirmos: e o estado dos orgãos procede do exercicio, e perfeição das funcções dos diversos membros do corpo, o que depende das forças da materia organisada, e dos estimulos externos. Tudo traz origem das forças da natureza. Assim, no entender do materialista, a liberdade da vontade é quimera: e o homem, e os brutos são tão subjeitos ao imperio da necessidade, como a materia bruta: eis o sexto artigo d'este systema.

Concluindo aqui a exposição dos fundamentos do *materialista*, e a deducção dos principios, com que pretende explicar o grande phenomeno do universo, *pelo systema da natureza*, ou das forças cegas da materia bruta: passaremos a vê-lo, na qualidade de *atheo*, impugnar a existencia da Divindade, cuja negação constitue o último, porém o principal artigo d'este systema.

CARTA LXXXI.

CONTINUAÇÃO DA MESMA MATERIA.

Costumados a ver descer dos ceos
Granizo, raios, seccas, e diluvios,
A um morador de além dos ares deram
Do universo o dominio
Os homens, e ora ao sol, ora a quimeras,
Nascidas naôca idéa de embusteiros,
Levantaram altares.

Vilhena.

A idéa de Deus comprehende essencialmente a reunião de varios attributos; poder infinito; sabedoria suprema; justiça absoluta; e bondade consummada. Taes são as qualidades primarias do Ente Supremo, cuja existencia indagamos. É elle corporeo, e capaz de ser apprehendido pelos sentidos? ou é espiritual, incorporeo, inextenso, immaterial, invisivel, e imperceptivel aos sentidos, e incomprehensivel ao entendimento?

Se é corporeo, que figura tem? Que volume abrange? De que orgãos, e sentidos é dotado? Está em quietação, ou gira pelo firmamento? E não será subjeito ás condições

da materia, divisivel, variavel, limitado no espaço, no poder? etc. Tornando-se por tantas difficuldades insustentavel a asserção, de que elle seja de natureza physica, já desde o tempo de Socrates, e Platão foi declarado espiritual; e assim o consideram hoje todos os theologos, e deistas. Supposto tal, passemos a examinar os seus fundamentos.

A existencia de Deus não póde ser deduzida directamente do testemunho dos sentidos, aos quaes não cabe apprehende-la, nem *à priori* das causas da sua essencia, porque não deve te-las, sendo a causa de todos os effeitos. Mas os deistas deduzem-na *à posteriori* da existencia, e harmonia do universo, e das suas producções, obra prima do Entendimento Divino.

Assim, diz o atheo, reduz-se a questão a saber, se o mundo foi creado por um ente *espiritual*, *sapientissimo*, *justissimo*, e *optimo*. Para a resolver, vejamos o que nos dá em resultado a analyse de seus attributos; e se elles são compativeis com as leis da natureza. Como póde Deus, sendo incorporeo, gozar do espectaculo do universo? Como póde ver a luz, sem ter olhos? Cheirar o incenso dos altares, sem olphato? Escutar os homens, sem ter ouvidos? Abranger á vastidão dos corpos, á immensidade do espaço, e á eternidade dos tempos, se não passa de um ponto inextenso, sem partes, nem grandeza?

Deus é misericordioso, livre nas determinações, providente, impassivel, immutavel, etc.; dizem os theologos: mas quem deixa de ver, continúa o atheo, que a reunião d'esses attributos dá ente quimerico? Se Deus, pela clemencia, perdoa a quem o offende, não é justo: e se pela rectidão castiga o culpado, não é compassivo. A compaixão repugna com a impassibilidade. Repugna tambem a summa

bondade com plena liberdade. Pelo primeiro predicado está Deus inhibido de obrar, não sómente o mal, mas ainda o bem mediano; e obrigado a marchar sempre pelas veredas do optimo: e por tanto não é livre. E se pela liberdade prefere o que não acha optimo, quem lhe póde attribuir a bondade consummada? Repugna igualmente a inteira justiça com a liberdade. Como chamaremos livre ao julgador, que não póde condemnar o innocente, nem absolver o culpado? Livre é o ímpio, que o injuria; e não elle, que offendido, já não póde perdoar-lhe: ou se póde, não é justo.

A sua immutabilidade é destruida pela creação do mundo, em cujo acto elle sahe do ocio primitivo: e pela conservação, que elle torna dependente da perpétua mudança, e destruição dos entes. Se elle não atalha os padecimentos das suas creaturas, ou não se importa com o seu bem; ou lhe falta a omnipotencia; ou se recrêa com as miserias das suas obras.

Remontando á causa primaria, pelos effeitos, que são as provas da sua existencia, acha o atheo, que esta encontra difficuldades invenciveis, quando pretendem deduzi-la da creação da materia, do arranjamento do universo, ou da providencia, com que zela a conservação da natureza physica.

É necessario um Creador ao universo, diz o deista: sem elle nunca teria existido a materia: e este Creador é Deus. «E quem creou a Divindade?» É eterna, e independente. «Ah! torna o atheo: por que não diremos antes, a materia do universo é eterna, e independente por essencia?» Pelo menos, este principio não contém mais do que uma difficuldade; a da idéa da eternidade; porém, o do deista contém duas, a da eternidade, e a da espiritualidade de Deus.

« Por que passou Deus uma eternidade nas trévas do cahos, sem se resolver a fabricar o mundo? Que interesse determinou a sua vontade a dar, em certo tempo, existencia ao universo, do qual se tinha dispensado até então? Não podia forma-lo d'antes, sendo omnipotente? Não quiz produzi-lo mais cedo, sendo obra boa? Que motivos prenderam a sua vontade, até ao acto da creação? Quaes a mudaram n'esse instante? Por amor de quem formou elle o universo? De si mesmo? Pois não existio elle completamente satisfeito, na eternidade anterior á creação? Carece a sua immensidade da presença de alguma cousa, para ser bemaventurada? Tem elle a quem dar gloria, e opinião do seu alto poder? Póde a sua mesma obra fazer na sua mente impressão attendivel, e digna de entreter a sublime comprehensão? Foi por amor do mesmo mundo? Mas qual ente, á excepção dos animados, póde conhecer o primor, e magnificencia d'esta obra portentosa? Como podem as grandes massas do universo, sem intelligencia, nem sentidos, gozar o admiravel espectaculo dos ceos, e da terra? Foi por amor de nós? E quem se atreve a crer, que a pomposa creação foi operada por causa de creatura tão mofina, e miseravel? Que podemos nós alcançar no curto instante da nossa existencia, sendo condemnados a cerrar os olhos, mal os temos abertos? Que conhecemos, com tão apoucados sentidos, e tão escasso entendimento, da immensidade dos mundos, que passam sobre nossas cabeças, quando jazemos em somno profundo? Poderemos dizer, que o Omnipotente fabricou o mundo assombroso, e povoou a infinidade do espaço de espheras enormes, e sem conto, por amor do ente, a cuja sciencia escapa a maior parte, pela immensa distancia, que as separa, pela curta existencia

do primeiro interessado, pela limitação, e penuria de seus orgãos, e pela estreita prisão em que jaz encarcerado, na superficie terrestre?»

« D'onde tirou Deus a materia no momento da creação? Do nada? Então póde o nada conter alguma cousa em si. Extrahio-a de si mesmo? Então havia elle materia em si. Quem póde admittir a existencia da materia, sem lhe conceder logo as suas propriedades, das quaes resulta fórma, e movimento? A materia é eterna, e increada: é coeva com o tempo, e com o espaço. Porém, não se attribuam os mais dons da Divindade: ella não póde realisa-los. E como não haja prova directa da creação do universo por Deus, e esta implica em tantas difficuldades, e contradicções, torna-se impossivel admitti-la, sem se renunciar ao uso da razão, e dos sentidos. »

Sendo a materia inerte por essencia, é preciso subir a uma causa, da qual recebesse a attracção, e as mais forças, que a movem, e animam. O movimento curvilineo dos astros nas suas orbitas, presuppõe projecção primitiva, rectilinea, e uniforme; e attracção central, que os affasta da direcção, e uniformidade anterior. É logo necessario admittir um primeiro Motor, que désse impulso primitivo aos astros errantes; e imprimisse a attracção central na materia solar, e planetaria. Assim deduz NEWTON do movimento dos astros, a existencia da Divindade.

Porém, transportemo-nos ao instante, em que o Espirito Divino pretende imprimir a attracção, e as outras forças na materia, e dar o primeiro impulso aos astros errantes. Sendo Deus incorporeo, não os podia abalar, nem impellir ao movimento; pois não se póde fazer projecção, sem mão; digo, sem oppôr corpo a corpo, para mover este com as

forças physicas d'aquelle. « Se a projecção se não fez por contacto physico, diz o deista, fez-se por determinação da vontade. » « Mas como póde a materia bruta, e sem entendimento, continúa o atheo, comprehender a vontade Divina? Preceito, e obediencia só pertence aos entes pensantes. Em conclusão, ou a projecção dos astros foi physica, e mechanica; e então segue-se, que Deus tem mãos para impelli-los: ou foi intellectual, e perceptiva; e então tinha a materia entendimento, para comprehende-la. » Assim argumenta o atheo; pois é bem sabido em physica, que as forças só se communicam por contacto.

« Pecca o raciocinio de NEWTON em suppor, que as forças da materia lhe devem provir de fóra. Mas por que assentam, que a inercia lhe nega toda a energia? Que! não é a inercia força viva nos corpos, que estão em movimento, em quanto tende a conserva-los no mesmo estado; isto é, a continuar-lhes o movimento por direcção constante, e com velocidade uniforme? Por que deve pois a materia receber de outrem a sua energia motriz? Como provam estes atilados engenhos, que ella herdou os poderes, e virtudes, de que a vemos dotada? Que não lhe são inherentes, inseparaveis, e coeternos com ella? Eis o principio indestructivel; e pelo qual deviam preparar a demonstração da existencia de Deus. »

« A conservação do mundo, prosegue o atheo, repugna inteiramente aos attributos da Divindade; pois é fructo de mil destruições, e guerras, entre os elementos da natureza, individuos, e especies de productos. N'elle, as mais das creaturas capazes de sentimento vivem desgostosas: e é tal mundo obra de um Deus sabio, e benefico? Em que formais, diz o atheo ao deista, as vossas asserções ácerca da

Divindade? Na formosura de um mundo attribulado? Em quanto n'elle houver um só queixoso, como sustentareis, que é governado por um Ente de summo poder, e bondade, a quem nada escapa? Por que não livra elle a todos os entes sensiveis, de males, e soffrimentos? Como não póde conseguir, que todas as suas creaturas vivam contentes, e ditosas nos postos, que lhes assignou, e com a sorte, que lhes confere? »

A noção de *bondade* é abstracta, intellectual, e meramente relativa ás creaturas animadas, e capazes de sentimento. É *bom* para estas, quanto lhes causa prazeres: *máo* o que lhes excita dôres: e indifferente o que lhes não dá gosto, nem pena. Assim, a *bondade de Deus* só póde ser sentida, pelas creaturas viventes: e as bellezas da creação, e arranjamento do universo referem-se ás sensações dos animaes, e ás affecções, que a perspectiva dos ceos, e da terra, e o jogo das forças de natureza produz em seus sentidos, e animos. Logo, só poderá dizer-se *bondade consummada*, a que não permittir a mais leve occasião de pena, a um ente capaz de soffrimento. Tal deveria ser a *Divina*, se gozassemos a ventura de viver em um mundo, cujas operações naturaes fossem dirigidas por tão sublime, e virtuosa intelligencia. Assim, nega o atheo a *bondade Divina*, pelos males, que soffre a humanidade, e pelas multiplicadas desordens, e destruições da natureza, incompativeis, no seu entender, com a existencia da *Divindade*.

Apezar de serem deistas todos os chinezes, que se achavam nesta occasião em casa de Cha-Amui, notei não lhe ser estranha a doutrina dos atheos, e de não repugnarem, nem mesmo as idéas mais atrevidas.

CARTA LXXXII.

AGRICULTURA.

Arte vil, dizem! Que insolente audacia!
Qual excede em proveito? Qual em gloria?
Esse arado invencivel, essa enchada,
Brilham mais, que os adornos vãos da côrte.
Acceita, ó Povo, os meus sinceros votos;
Parcamente mantido, e sem regalos,
A teus trabalhos devem cultos campos
A medrada colheita, os pingues fructos.

Thomás.

O mar, em outro tempo, cobria parte da China; porém seus moradores, repulsando, e contendo as aguas do oceano, deram ao seu imperio maior porção de terreno. Oppõem á constante acção do universo a reacção da industria: quando outras nações celebradas ajudam, pelo furor das conquistas, o tempo voraz na devastação do globo, os chinezes combatem, e retardam o progresso da destruição, por modo incrivel a quem o não observa, ou não vê a comprovação do facto.

Não satisfeitos em cultivar a terra, applicam-se maravilhosamente á cultura das aguas, isto é, cuidam solicitos

na propagação dos peixes, e mariscos, dos quaes tiram grandes proveitos. Os canaes, e os rios acham-se cobertos, em grande parte, de villas fluctuantes, compostas de embarcações cheias de povo, destinado a viver sobre as aguas, no exercicio da pescaria. Quando se demandam as costas da China, antes de se avistarem os cumes das montanhas, descobre-se espessa matta, formada pelos mastros das embarcações piscatorias.

A cultura n'este paiz varía, segundo as zonas: na glacial, e na temperada, cultivam cereaes, e legumes: na torrida, dão-se mais á cultura do arroz. As aguas são bem aproveitadas; os estrumes bem preparados, e bem distribuidos: o que sahe da terra, torna a fecunda-la. O systema da natureza, que se reproduz dos seus despojos, é mais bem imitado na China, do que em outra qualquer parte do mundo.

O bom resultado da sua economia rural provém do seu caracter laborioso; a sua constituição physica exige pouco descanço; demais, todos os dias do anno são empregados utilmente: só ha dois perdidos em devoções; o primeiro do anno, destinado a visitas reciprocas de familia, e o último consagrado á memoria dos antigos. Este é reputado culto domestico, aquelle um dever da sociedade. Tudo quanto une, e civilisa os homens, é religioso entre os chinezes. O preceito essencial da sua religião, consiste na prática das virtudes sociaes. O culto interior é o amor de seus pais, vivos ou mortos; o exterior reduz-se ao amor do trabalho: reputam a cultura da terra pelo mais nobre, e honroso.

Ainda reverenceam a generosidade de dois imperadores, que, preferindo o estado ás suas familias, excluiram

do throno seus proprios filhos, para subirem a elle homens tirados da charrua! Veneram a memoria d'aquelles varões, por terem lançado nas entranhas da terra os germens da ventura; isto é, sementes, fonte inexhaurivel da producção das messes, e da multiplicação dos homens.

A exemplo d'aquelles dois lavradores, todos os imperantes da China se honram no exercicio d'essa arte sublime. A mais brilhante das funcções imperiaes é lavrar a terra, em dia solemne, para render culto á primeira das artes. Isto não é a fabula da Grecia, onde os numens guardavam os rebanhos dos principes; é o bemfeitor dos povos, que abrindo o seio da terra, mostra aos subditos os verdadeiros thesouros da nação. Os chinezes usam do adagio seguinte: «*Vale mais um alqueire de arroz, do que dois de perolas.*»

Os lavradores têm o primeiro logar, entre as classes productoras. O imperador convida, para dia assignalado, em cada anno, quarenta lavradores respeitaveis por merito, e idade, para o acompanharem n'aquella funcção. Dirige-se ao templo, dá graças a Deus, e sahe depois com os lavradores, principes, e presidentes dos tribunaes superiores, para o campo sagrado, levando cada um, em pequenas bocetas, sementes escolhidas. O Chou-Kin, segundo livro sagrado, diz que a origem mais pura, abundante, e capaz de fazer a prosperidade do estado, é a da generosa agricultura.

O imperador, entrando no campo, toma a rabiça do arado, e abre alguns regos: os principes, e coláos fazem o mesmo; depois, semêa o imperador o terreno, que lavrára; os principes seguem o exemplo do imperador; e os lavradores acabam de lavrar, e semear o espaço restante. Os europeus, que têm presenceado esta ceremonia, fallam d'ella com respeito: lamentam não ser esta funcção pública, cujo

fim é promover o trabalho, substituida na Europa por tantas festas religiosas, que parecem inventadas pelo fanatismo, para esterilisar os campos. Este impulso dado aos costumes, é sustentado por saudaveis leis, e premios honorificos.

Os bonzos, sempre atrevidos em pretenções de interesse, na China não o podem ser. Abundam no imperio, mas vivem do suor do seu rosto: não recebem do estado pensão alguma, nem dos povos congrua obrigatoria. Uma nação esclarecida não podia deixar de considerar corrupto o bonzo, que pretendesse receber imposto, em razão do seu emprego. Quantos ha, vivem do seu trabalho, e da caridade dos seus devotos.

Tudo quanto por natureza é indivisivel, como são mares, e rios, é commum a todos. A navegação, e pescarias gozam de perfeita liberdade. Os chinezes foram os primeiros em demonstrar, que tanto mais, e maiores são os impostos, mais diminue a riqueza da nação. Em verdade, a moderação dos tributos complecta n'este imperio a perfeição da arte agricultora. Reduzem-se de dez, a tres por cento, na razão da qualidade do terreno, pingue ou magro. Observa-se esse costume desde o tempo de YU, até aos nossos dias; isto é, no espaço de quarenta seculos!

A equidade, no acto de receber, é tão paternal, como no de lançar os impostos. A pena dos remissos, na entrega da sua quota, limita-se em receber alguns pobres em casa, para sustenta-los, em quanto não se mostra quite, pela despeza, que faz com elles. Assim, vai a humanidade no aspecto da fome, solicitar no coração do devedor, o cumprimento da sua obrigação.

O tributo é um mal necessario: o interesse público exige, que elle seja diminuto, e recebido, sem a violencia

das penhoras, o que succede na Europa, quando os exactores vão estabelecer as vorazes bôccas do fisco, nas casas dos devedores. Exigir pouco dos homens, e fazer-lhes o bem possivel, é princípio de moralidade; é a grande arte de viver bem na sociedade, e o methodo mais acertado, para governar homens. Eis o que se pratica, por costume, e lei, n'esta parte do mundo.

Além de cereaes, arroz, legumes, e fructos, produz todas as qualidades de gado, caça, e peixe, sal, assucar, canella, seda, linho, algodão, chá, vinho, etc. A cultura das vinhas é mui antiga na China. Cento e quarenta annos antes da era Christã, ainda se usava n'este imperio vinho de uvas; porém, descobrindo-se modo para faze-lo de arroz, e legumes, ligaram-se ao princípio fundamental da sua agricultura, que exige a maior abundancia em cereaes, arroz, e legumes; por tanto, desprezam a cultura das vinhas, em razão de aproveitar melhor o terreno.

Não ha paiz, onde a cultura da terra seja tão apreciada: simples em seus principios, parece pouco importante; comtudo, nos campos existe o fundamento da utilidade humana. População, alimentos, artes, commercio, navegação, rendimentos, exercito, riquezas, tudo caminha, segundo a prosperidade da agricultura. Quanto mais ella florece, mais força, e vigor tem a nação.

Na provincia de Chen-se ha rochas, que distillam uma substancia inflammavel, com que os chinezes se allumiam, a que chamam azeite de pedra. É uma especie de petrolio, do que se encontra nas fendas dos rochedos em muitos logares da Italia.

CARTA LXXXIII.

CULTURA, FABRICO, E VIRTUDES DO CHÁ.

> Póde saborear-se, jámais exprimir a doce tranquillidade, que se fica devendo a uma chavena de bom chá.
>
> *Imperador Kien-Long.*

Observando entre os chinezes o modo de cultivar os arbustos do chá, e preparar-lhe as folhas, escreverei sobre esse objecto, quanto baste, para te dar noção exacta d'este vegetal, e verificar o que sobre elle disse o nosso *Brotero*, referindo-se ao Dr. *Lettsom*, e outros.

Na provincia de Fo-kien, chamam ás folhas dos arbustos bohy, e samló, the: nas outras, chá. O nome the, usado em Fo-kien, é rustico: na linguagem polida de Nankin, diz-se, chá. Quasi todos os povos da Europa seguiram o uso rustico; porém, nós adoptámos o polido, seguido na côrte, e no resto do imperio.

O chá bohy tomou o nome da montanha, onde primeiro fôra cultivado, na provincia de Fo-kien: o samló tambem tomou o nome de outra montanha assim chamada,

na provincia de Nankin. Os dois arbustos apresentam caracteres differentes. O bohy tem as folhas ellipticas, e verde-negras; dão infusão amarellada, e suave. O samló tem as folhas mais agudas, e verde-claras; dão infusão da mesma côr, e corrosiva.

Alguns escriptores dizem, que a differença procede dos climas, do terreno, e da cultura, julgando ser uma especie, que, igual a todas as outras plantas cultivadas, produz muitas variedades; mas o certo é, que o arbusto bohy, é differente do arbusto samló, excepto na corpulencia. Aquelle tem de cinco a seis pés de altura; as folhas escuras, alternadas, e adentadas: dá flor isolada nos sovacos das folhas, sobre curto, e grosso pedunculo. O calix tem cinco divisões, cinco pétalos brancos, e muitos estames: o ovario é triangular; dá tres sementes esphericas do tamanho de avelãs.

O arbusto samló tem as folhas mais agudas, mais claras, e mais acres: dá flor de calix maior, e de nove pétalos. Ha terceiro arbusto de caracter particular. Dá flor de seis pétalos escarlates, e grande borla de estames: as folhas, depois de seccas, tomam côr sanguinea.

Os arbustos do chá prosperam em planicies; mas as folhas têm melhor sabor, e aroma, quando são cultivados nos declives de montanhas expostas ao sul. Aos tres annos principiam a dar boas folhas; aos sete dão menos folhas, e mais inferiores. Chegando a essa idade, cortam-os junto á terra, para darem boas folhas, em novos ramos. Quanto mais velho é o arbusto, mais duras, e acres são as folhas. Por esse motivo os decotam, ou renovam a plantação de seis em seis annos. Não sendo cortados, tomam com o tempo corpulencia de arvores; mas dão folhas muito inferiores.

Ha tres colheitas no anno: a primeira começa em Março, a segunda em Maio, a terceira em Julho. O chá da primeira é o melhor. O vulgo dá-lhe o nome de chá imperial. Na segunda, tem as folhas maior crescimento: separam as mais pequenas, e tenras, a fim de terem mais uma qualidade de chá superior. A terceira colheita dá chá muito inferior: serve para consumo dos pobres.

As terras, onde se fazem as plantações de chá, são adubadas com estrumes preparados de modo, que depois de purificados, tem cheiro agradavel. Despreza as fabulas inventadas por alguns europeus, sobre a colheita do chá. Chegaram a dizer, não só, que os trabalhadores usavam de luvas, para colher as folhas, mas tambem tomavam alimentos simplices, para não as deteriorar com o halito: como se os trabalhadores usassem de comidas compostas, ou as folhas fossem colhidas com a bôcca.

O chá verde torra-se em tachos de ferro, collocados sobre fornilhos de tres pés de altura. As folhas são molhadas antes de serem lançadas no tacho, e mechidas com rapidez, até o homem, que as revolve, poder sopportar nas mãos o calor das folhas. Assim escaldadas, botam-se sobre mesas, onde uns as esfregam na mesma direcção, em quanto outros as ventilam, para abbreviar o resfriamento, cuja promptidão torna o enrolamento duravel.

O movimento deve ser uniforme, e dado com a palma da mão: as folhas assim comprimidas, expulsam succo esverdinhado, incommodo aos manipuladores, pelo ardor, que lhes faz nas mãos; porém, é necessario continua-lo, até esfriarem; pois sem grande calor, não se podem enrolar, e para conservar o enrolamento é preciso esfria-las debaixo das mãos. Este processo é repetido, até se extrahir

das folhas toda a humidade. Em cada operação, deve o lume ser mais brando, e haver mais cautela.

As qualidades do chá verde, que se encontram no mercado de Cantão, são oito.

1.ª Aljofar: dá-lhe este nome o bom enrolamento. A infusão é verde-clara, e saborosa.

2.ª Perola: dá-lhe este nome a côr prateada, e o enrolamento. A infusão é similhante á do aljofar; porém, mais acre. As folhas são igualmente pequenas, e tenras.

3.ª Chulan: são folhas do arbusto samló, como as do aljofar, e do perola, todas da primeira colheita, e preparadas com o aroma do arbusto lanhoa. A infusão é verde-clara, e de sabor agradavel.

4.ª Hyson: o enrolamento é sobre o comprimento da folha; a infusão é pura, verde-clara, e agradavel. As folhas sahidas da infusão devem ter igual côr, e ficar inteiras.

5.ª Uxim: as folhas são mais escuras, e partidas: a infusão é igualmente escura, e menos agradavel, do que a do chá hyson.

6.ª Ton-kai: tem muitas folhas amarellas, e partidas: a infusão é menos agradavel, que a do chá uxim.

7.ª Samló: nome do arbusto, que produz todas as qualidades referidas. É similhante ao ton-kai: as folhas são grandes, e mal enroladas. A infusão é pouco agradavel.

8.ª Sequim: quer dizer refugo. As folhas são partidas, tem côr desigual, máo aroma, e sabor desagradavel.

Fabrico do chá preto. Depois de lhe extrahirem toda a humidade, a fogo lento, em tachos de ferro, dão o conveniente enrolamento a cada uma das qualidades, e põem-nas depois a seccar em taboleiros, onde não lhes dê sol ardente. Encontram-se n'este mercado dez qualidades de chá preto.

1.ª Bohy: tem as folhas grandes, escuras, e pouco enroladas; aroma forte, e pouco agradavel. Dá infusão amarella, e de sabor igual ao aroma.

2.ª Canfu: quer dizer escolhido.[1] Em verdade, as folhas são mais tenras, e tem melhor aroma. A infusão tem côr de ouro, e melhor sabor, do que o chá bohy.

3.ª Campui: quer dizer muito escolhido. As folhas são mais inteiras, a infusão mais esverdinhada, e saborosa. Ao canfu, e campui reunidos, partes iguaes, chamam congo.

4.ª Sutchou: quer dizer escolhido, e fabricado com desvelo. Tem gráo de perfeição alheio do nosso conhecimento. Os chinezes, quando se reunem em seus banquetes, levam pequenas bocetas de sutchou, e cada um pretende preferencia, como na Europa se disputa o gosto de possuir o melhor vinho. As folhas são grandes, roxeadas, bem enroladas, e têm aroma de melão maduro. A infusão tem côr de ouro, e bom sabor. Não deve depositar sedimento no fundo da chavena. Maior defeito é este no chá verde: mostra serem as folhas colhidas, quando já não tinham seiva.

5.ª Ankai: é uma das qualidades do chá bohy, da provincia de Nankin; e seja pelo terreno, ou pelo fabrico, é mui superior ao melhor chá bohy da provincia de Fokien. As folhas são mais escuras, assim como a infusão; porém, tem bom aroma, e sabor.

6.ª Son-chai: é o chá sutchou, preparado com as sementes aromaticas do arbusto koueiráo. Assim, conserva a sua boa qualidade por mais tempo.

[1] As differentes qualidades do chá preto, e do chá verde, procedem da escolha, e do preparo.

7.ª Pauchou: é escolhido folha, a folha entre o sutchou; de cem arrobas d'este, tiram-se duas d'aquelle. As folhas são grandes, pouco enroladas, e pardas: tem aroma suave; a infusão é esverdinhada, e mui saborosa.

8.ª Pahó: quer dizer, ponta branca. A esta qualidade dão os europeus o nome de chá pêco. É tirado da primeira colheita do arbusto bohy. As folhas são pequenas, tenras, aromaticas, e têm as pontas esbranquiçadas. A infusão é côr de palha, e tem fragrancia de rosas.

9.ª Ankai chulan: é o chá ankai, preparado com as sementes do lanhoa, arbusto, cuja fragrancia attrahe a gente, e obriga estar muito tempo junto a elle. Assim, torna o chá muito agradavel.

10.ª Chá vermelho: são folhas do terceiro arbusto: depois de escaldadas, e sêccas ao sol, tomam côr sanguinea. Tem bom aroma, e optimo sabor; porém, mui raras vezes se encontra n'esta cidade.

Tambem reduzem as folhas de chá a massa, de que fazem pastilhas de fórmas, e qualidades differentes. As mais ordinarias, são do tamanho de uma laranja: os macaenses chamam-lhe chá pelouro.

A descripção do arbusto do chá, traduzida por *Brotero*, da obra de *Lettsom*, tem algumas inexactidões. *Brotero* affastou-se de *Linneo*, a este respeito, para seguir o Dr. *Lettsom*, e contentou-se em este assegurar, que achava nos caracteres dos arbustos samló, e bohy, a mesma uniformidade.

Linneo applicou os nomes bohy, e verde, a duas especies, por ter achado, que os arbustos davam flores, e folhas differentes um do outro, e que estas tinham propriedades igualmente differentes. Se o arbusto, mudando de

terreno, muda de qualidade, não deixa de haver por isso diversas especies de chá; as videiras têm similhança, comtudo, dão vinho tinto umas, e outras branco: o sabor, e aroma tambem são differentes. Em fim, ha qualidades distinctas, mesmo nas vides, e nas folhas.

Os medicos mais acreditados, que viajaram no Japão, e os que têm conhecimento da China, e se deram a observar as virtudes do chá, dizem: « O chá livra de obstrucções, purifica o sangue, e faz expulsar as particulas tartarosas, origem do calculo, e da gôta; recreia o espirito, impede a somnolencia, ajuda a digestão, e dá ao sangue a fluidez precisa; isto é, desenvolve as materias, que obstam ao seu movimento. As partes oleosas, e balsamicas contidas em suas folhas, fazem expellir os saes acres, origem de mortiferas enfermidades. »

Centos de milhões de chinezes, japonezes, e tartaros consideram o chá, como genero da primeira necessidade. Para avaliares o uso, que se faz d'elle em nosso tempo, bastará dizer, que se exportam de Cantão, annualmente, mais de quarenta milhões de arrateis. Os inglezes no fim do seculo passado, consumiam tres milhões de arrateis; agora consomem além do dôbro.

Lettsom foi exacto ácerca do uso d'esta bebida, apezar de referir o que outros escreveram. Os chinezes desvelam-se muito no preparo do chá: nem toda a lenha serve, nem todo o barro é proprio, para ferver a agua; e só os bules de certas provincias prestam, para n'elles se fazer a sua infusão. Dar chá com polidez, n'este imperio, é uma arte de mais, entre as que servem ao regalo da vida; tem preceitos, e regras, que entram na ordem da boa educação.

No Japão usam d'esta bebida, preparada de outro

modo; não se contentam com a infusão: as folhas são reduzidas a pó; vêm á mesa em pequeno cofre; e cada um lança em sua chavena a porção conveniente ao seu gosto. Os pobres costumam ferver as folhas, para extrahir d'ellas toda a sua virtude.

O judicioso *Brotero*, confiando em alguns medicos seus amigos, não acredita as immensas virtudes, que outros dizem ter o chá; comtudo, escreveu: «Não se lhe póde negar a propriedade de alegrar, alentar, e avivar os espiritos. Estas circumstancias parecem indicar no chá um princípio activo, penetrante, e capaz de excitar promptamente a acção dos nervos: nas constituições summamente irritaveis, esta acção chega a tal gráo, que motiva sensações assaz incómmodas, e affecções espasmodicas; e nas menos irritaveis causa immediatamente um certo prazer, e satisfação.»

«Confesso, diz o Dr. *Lettsom*, não ter assaz experiencia, nem talentos, para ponderar todas as gradações, no vário temperamento da especie humana, a que póde ser util, ou nocivo o uso d'esta bebida; direi sómente, que uma grande quantidade de chá, raras vezes póde ser proveitosa, a não ser applicada como medicamento, ou depois de grande fadiga; que não se deve tomar mui quente; e que os chás finos são tidos por mais nocivos, do que os ordinarios: essencialmente os verdes.»

CARTA LXXXIV.

COMMERCIO.

O commercio he toda a sociedade,
Como o trabalho he toda a riqueza.
Destutt de Tracy.

Ha poucos annos, levantou Adão Smith na Europa, o véo, que tantos seculos havia escondido os verdadeiros canaes da producção, e desthronisou o ouro, e a prata, considerados, ainda por seus contemporaneos, origem das fortunas públicas, e particulares!

Na China, ha mais de quatro mil annos, já esses dois metaes eram reputados simplices mercadorias. Já então faziam consistir a riqueza nacional na agricultura, industria, e commercio; isto é, no trabalho. Assim, não admira haverem na China abundantes productos dos dois primeiros ramos, para occupar o terceiro no trafico interior do paiz, e na troca dos generos exteriores, dando por esse modo energia a toda a sociedade.

N'este imperio abundam as manufacturas de todas as especies. Os tecidos de algodão, linho, seda, e brocados são

optimos. Os chinezes fabricam papel superior, porcellana magnifica, e riquissimo charão. A arte de imprimir foi conhecida na China, muitos annos antes da era Christã. Exportam chá, gangas, sedas, louça, canella, rhuibarbo, etc. Importam da Europa, tecidos de lã, prata, chumbo, azougue, relogios, etc. Da India, anfião,[1] e algodão; da costa malaia, pimenta, ninho de passaro, asterias, ou estrellas do mar: das Molucas, madeira de sandalo, e cravo.

Anfião compõe-se de folhas de papoulas fermentadas; narcotico funesto a quem o toma: motiva embriaguez tão deliciosa, dizem, que alguns em o saboreando, jámais podem abster-se do seu uso. É consumido na China, e em toda a costa malaia. Sahe das provincias de Patena, de Berar, e de Malwa: os habitantes d'estes logares só usam d'elle, mascando-o. Na Turquia tambem cultivam a mesma droga, mas só os chinezes, e os malaios a fumam, e produz n'elles effeitos contrarios: aquelles ficam em extasis; e estes furiosos. Do princípio de Abril d'este anno, 1835, até Janeiro, consumiram os chinezes doze mil quintaes d'este genero, comprado por nove milhões de pesos duros.[2]

Ninho de passaro: é uma substancia mui estimada na China. As andorinhas de Borneo, e seus contornos, extrahem de vegetaes marinhos particulas gommosas, de que formam a parte interior do ninho. Esta vale aqui de duas, a tres mil patacas o quintal.

Asterias: chamam-lhe em Macáo, bicho do mar: é

[1] Esta carta foi escripta em 1835: ainda o governo chinez não tinha declarado guerra aberta contra esse veneno, e a seus introductores.

[2] No anno de 1837, importaram os inglezes 31:836 quintaes, que venderam por 21.234:000 pesos; em 1839, 44:000, no valor de 22.550:000 pesos! É preciso notar, que a importação d'esta droga, em 1795, apenas foi de 1:070 quintaes, vendida por 411:950 pesos.

outra substancia marinha. Pesca-se em quasi todas as ilhas do grande oceano. O preço varía de quinze, a trinta pesos duros o quintal. A differença de preço n'estes dois generos não é tanto pelo estado do mercado, como pela qualidade, e pureza da mercadoria.

Comtudo, o commercio exterior é diminuto, se o comparâmos com o trafico interior. A riqueza particular de cada provincia, a facilidade dos transportes, pela commodidade dos muitos canaes, fazem este paiz tão florecente, que não admitte comparação com algum da Europa. As provincias da China podem reputar-se, como extensos reinos, entre os quaes ha tão grande permutação de riquezas, que fazem ligar os habitantes entre si, e reinar a maior abundancia em todas as cidades, e villas.

CARTA LXXV.

JUIZO SOBRE A POESIA, EXTRAHIDO DO CHOU-KING.

Sacro furor, que as mentes estimula ;
Pintura, que palavras articula.

Ferreira.

« A vista dos objectos sensiveis abala os affectos da alma; as commoções d'esta, germinam pensamentos, e desejos; o intellecto cuida em manifestar as paixões, pelo dom da palavra; porém, como nem todas as palavras exprimem os sentimentos do coração, e os vôos do pensamento, é preciso escolhe-las, e cadencia-las; eis a poesia, ou a arte de pintar a natureza physica, e moral, em estilo cheio de imagens. Todavia, não bastando algumas vezes a linguagem metrica, para expressar a impetuosidade do sentimento, recorre ao canto, e ao movimento dos corpos dotados de animação; eis a musica, e a dança. »

« A poesia é a linguagem das paixões; d'ahi provém o seu triumpho. Essa arte encantadora, ou harmonia magica, arrebata o espirito, e attrahe o coração. Os imperadores antigos serviam-se d'ella, para fazerem amar a vir-

tude, e desempenhar cada um os seus deveres. Mas ah! se a poesia tem servido, para eternisar a memoria dos justos, e esclarecer a timida innocencia, tambem ha sido contraria á ventura da especie humana. »

Este livro sagrado encerra os versos adoptados pela nação, como timbre da sua antiga sabedoria, e sincera expressão dos seus usos, e costumes. É dividido em quatro partes: á 1.ª chamam Koue-foung; isto é, costumes de todas as provincias. N'esta parte ha versos sobre muitos, e differentes objectos.

Á 2.ª, e 3.ª chamam Ya: á 2.ª Ya pequena, á 3.ª Ya grande. Esta palavra Ya vale o mesmo que dizer: rectidão, e conveniencia: idéa sublime de um objecto bem representado. Estas duas partes abrangem as cousas mais importantes do que a primeira, e são cantadas em tom magestoso. Têm por fundamento a decencia, o respeito, o amor da virtude, e o horror do vicio.

Á 4.ª chamam Soung; isto é, elogios em verso, e canto, dirigidos ao *Tien*, e á memoria dos antigos. Acham-se n'esta obra alguns conceituosos versos feitos a Tcheng-Tang, no anno 1400, antes da era Christã.

Quando tratei da educação chineza, fallei da piedade filial, e reservei para este logar uma ode, que improvisára o famoso Toung-Fang-Chouo, despedindo-se da universidade, no anno 150, antes da era Christã: será ella a materia da carta seguinte.

CARTA LXXXVI.

ODE DE TOUNG-FANG-CHOUO.

Não sigo os trovadores imprudentes,
Largos de sons, vasios de sentido,
Cujo estro infrene espalha na carreira
Abundante diluvio de palavras,
Sobre esteril deserto de conceitos.

Bocage.

= « Adeus, livros, adeus, para sempre: o estado não « precisa da minha sciencia, e a paz do meu espirito ca- « rece do trabalho dos meus braços. Pejo-me de ser ainda « alimentado por meu pai idoso, e cançado: se a espe- « rança de gloria basta á sua ternura, não satisfaz o meu « coração. » =

= « Como! poderei contentar o pensamento a ler, e « a meditar com os letrados, lembrando-me de meu pai, « curvado sobre o arado, tangendo os bois, e affrontando « com elles o rigor das estações, para assegurar por mais « tempo o meu descanço! » =

= « Qual seria o fructo dos meus estudos, se fosse « tido por filho ingrato? Poderiam meus filhos ter-me o

« respeito, que seu pai desapprovava por sua conducta? « Se tiver o desgosto de os ver esquecer de mim, não « ha de ser o meu exemplo, de hoje em diante, quem os « seduza. » =

= « D'aqui a um anno abrir-se-hia para mim o ca- « minho da fortuna; concedo: mas, a arvore abalada cahe « ao menor impulso: a mais leve doença póde abater meu « pai; que poderei fazer, para minorar o seu padecimento, « estando ausente? » =

= « Ó mentira! Ó illusão da minha juventude! que « fortuna seria equivalente ao apreço em que eu tenho a « piedade filial? Grande falta seria não prestar desvelado, « a quem me dera a vida, para entregar a um districto « os cuidados do meu emprego. Querendo ser mandarim, « deixaria de ser homem. » =

= « Muitos ha, que ambicionam tão deslumbrada car- « reira: a provincia superabunda em letrados, e o meu idoso « pai tem só a mim. Vamos dar-lhe trabalho, por trabalho. « Ah! quanto me hei demorado! a piedade filial manda, « a rabiça do arado espera-me, adeus, livros, adeus, para « sempre. » =

= « Muitos guerreiros, e ministros conspicuos, toman- « do a charrua, tiveram por melhor acabar seus dias, em « remotas aldêas. A lembrança do passado mostrava-lhes no « presente a sua prudencia, acompanhada de virtudes per- « feitas. Corramos a procura-las; sim, as virtudes muda- « rão o meu trabalho em nimio prazer. » =

= « Eu apenas tenho visto a natureza em palavras: « vamos saciar os olhos no espectaculo, sempre novo, da « sua generosidade. A valla, que profundar, os torrões, « que desfizer, mostrar-me-hão cousas ignoradas até hoje

« por mim. Assim como a herva se levanta, sahindo de-
« baixo dos pés, assim se elevará o meu pensamento. » =

= « O silencio do gabinete illumina o espirito, mas
« affrouxa o corpo, resfria a alma, e diminue a energia.
« YAO, e CHUM, imperadores sublimes, formaram-se nos
« campos. O trabalho tornou-os mais sensiveis ás desgra-
« ças do povo, e mais activos, em procurar meios de o ver
« contente. » =

= « Se o tempo me levar a empregos do estado, saberei
« por experiencia o que deve o ministerio aos trabalhos
« agricolas. É preciso ter sido soldado, para bem comman-
« dar, e camponez, para bem reger o povo. Na solidão das
« aldêas têm amadurecido muitos homens de estado. » =

= « Em qualquer ordem vivirei como homem, que
« despreza a morte, e teme offender a Divindade. Quem
« deixa os livros, para tirar o arado das mãos a seu pai,
« entrado na velhice, tem feito bons estudos. Quem é bom
« filho, é bom cidadão; e é preciso ser uma, e outra cousa,
« para viver, e sobreviver. » =

Han-Ou-Ti, subindo ao throno no anno 140 antes da era Christã, tomou a peito fazer resurgir as letras. Para isso convidou os sabios do imperio a irem á capital, para conhece-los, avaliar a sua capacidade, premia-los, e empregá-los de modo conveniente.

Toung-Fang-Chouo foi um dos primeiros escolhidos. O seu discurso de introducção no paço, versou sobre as qualidades necessarias a quem pretende exercer o emprego de mandarim. « Entre outras cousas disse: « O exterior do mandarim deve ser brilhante, doce, e magestoso: deve ser valoroso como foi Mong-Pen; penetrante como Tsin-ki; desinteressado como Pau-chou; e fiel como Ouei-Cheng. »

Toung-Fang-Chouo foi empregado pelo imperador, e em poucos annos subio aos mais altos empregos do estado, sempre coherente com o que havia dito no seu discurso de introducção. As sciencias mais amplas, e variadas foram os fructos dos seus estudos, pelas quaes grangeou brilhante corôa de louvores.

Toung-Fang-Chouo recebeu, mesmo em sua vida, a recompensa mais lisongeira, que podia esperar de suas virtudes, e trabalhos. A sua terra natal, de quem este sabio foi o ornamento, fez á sua memoria honras immortaes.

CARTA LXXXVII.

CANÇÃO DO PHILOSOPHO LEAN.

Passando vida alegre, não procura
Ver os soberbos paços
Em que busque os favores,
Que grangeiam sómente aduladores.
F. A. do Oriente.

= « Um dia segue outro dia; atraz de um anno vem « outro anno; receba-se o tempo, como elle se apresenta: « cem annos de estrepito não valem um dia de tranquil- « lidade. A fonte dos prazeres surge do coração; quem os « procura n'outra parte, ultraja a Divindade. » =

= « Todos os meus desejos, e as minhas esperanças, « estão limitados em mim. Os rios correm ao mar, e não « o perturbam: succede o mesmo ao meu coração. Tendo « a verdade, e a razão por bussola, e a moderação por le- « me, sopre qualquer vento, todos são proprios ao meu des- « tino. » =

= « Levantem-se densas nuvens, lancem graniso, e « raios; nada me abala. Se me encobrem o sol, vejo de

« noite as estrellas. A mansa andorinha vê, sem temor, a « peleja dos abutres; seja qual fôr o vencedor, d'ahi não « lhe resulta pena, nem gloria. » =

= « Uso de vestidos grosseiros, alimentos ordinarios; e « cada estio renóvo a minha choça: de que serve ámanhã, « trajar hoje de seda, ou ter digerido manjares exquisitos? « Tectos dourados jámais deram somno, nem tiraram cui- « dados; e se ha terremotos, são perigosos. » =

= « O meu patrimonio está em meus braços; cada « dia desfructo a sua colheita. Se o sol me incommóda, des- « canço á sombra de frondoso salgueiro; se ha frio, aquece- « me o trabalho seguido. Chega a velhice: tenho filhos obri- « gados a dar-me o que lhes prestei. » =

= « Os ceos, e os campos são livros naturaes: ensinei-os « por elles. Serão felizes, se lerem o que têm escripto em seu « coração, e o praticarem pôr suas acções. Sendo virtuosos, « cem annos de vida não lhes custarão um suspiro. » =

= « Ó tranquillidade, doce encanto da vida, os reis ven- « deriam suas proprias corôas, para comprar-te, se conhe- « cessem o teu inestimavel valor. Ah! põe remate aos teus « beneficios; ajudaste-me a bem viver, ajuda-me a bem « morrer. » =

CARTA LXXXVIII.

JARDIM DE SSE-MA-KUANG.

Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á primavera as flores,
E á Aurora as galas de gentís primores.

Villela.

= « Satisfaçam outros na côrte a sua cobiça; eu apre-
« cio a solidão: trinta geiras de terra bastaram ao meu
« plano. Tem no meio uma casa, onde reuni cinco mil vo-
« lumes, para consultar n'elles a sabedoria. » =

= « No lado antarctico, ha outra casa cercada pelas
« aguas, que, descendo do occidente por entre cascatas,
« formam uma bacia d'onde partem ramos, similhantes ás
« garras do leopardo. » =

= « Na margem do primeiro, eleva-se uma rocha em
« tromba de elephante, onde se acha bellissima casa, para
« tomar o fresco, e ver os rubins, com que a vigilante au-
« rora corôa o sol. » =

= « A poucá distancia, divide-se o segundo, e vai rodear
« vistosa galeria sobre dois socalcos, guarnecidos de romei-

« ras em latadas. O ramo occidental curva-se, para o norte: « d'esse lado ha pequena insula, com bons pesqueiros. » =

= « Os outros dois separam-se, e procuram-se, seguindo « o declive de prado ameno, opulento em relva, e vão af- « frontar intrincado labyrintho de asperos rochedos, d'onde « sahem cantando victoria, em alvas catadupas. » =

= « Pouco ao norte da minha livraria ha bons gabine- « tes de verdura; uns nas encostas de alçados outeiros, outros « nas gargantas. O terreno é vestido com selvas de bam- « bú, cortadas por estradas, onde o sol não póde entrar. » =

= « No lado oriental, ha uma planicie dividida em pla- « cas, onde vegetam plantas medicinaes, e formosos arbus- « tos, abrigados por frondoso bosque de cedros. Zephyro, « e Flora têm alli o seu asylo. Rico laranjal termina o « jardim ao sul. » =

= « Ha n'esta parte, sobre pequena collina, bellissimo « gabinete: sobe-se a elle por vereda aspiral, alcatifada de « relva: tem assentos de distancia em distancia, para se « descançar, e ver o jardim por todos os lados. » =

= « Na parte occidental, ha rica alameda: conduz á « margem de limpida corrente, sahida em jorro de escar- « pada rocha, onde existe curiosa gruta. Tem no tecto uma « abertura forrada de hera, e de vinha brava, por onde « entra a luz. » =

= « Penedos dispersos dão facil passagem, e servem de « cadeiras. Corre de um lado purissima fonte, que enche « a cavidade de uma grande pedra, e vai entrar em uma « casa, destinada para banhos, d'onde se despenha em ma- « gestoso lago. » =

= « Quão bella me parece esta solidão! Da superficie « das aguas sahem pequenas insulas, onde ha viveiros de lin-

« dissimos passaros. São unidas com pontes, umas em li-
« nha recta, outras em ziguezague. Quando as ninfeas das
« margens do lago estão floridas, parecem cobertas de bri-
« lhante purpura. » =

= « Para sahir da gruta, é preciso tornar por onde se
« entrára, ou subir ingreme ladeira, em frente do lago.
« Parece que as rochas curvaram a cerviz, perante as
« aguas, para darem passagem por este lado. Sobe-se es-
« cada feita a picão, mas, ha no fim boa casa, para des-
« cançar. » =

= « Descobre-se d'ella painel admiravel, na extensa pla-
« nicie, por onde o Kiang vai serpeando, entre verde-ne-
« gras varzeas de arroz. Os immensos lavradores áquem,
« e além no campo, as embarcações, que pelo rio sobem,
« e descem, embellezam mais esta paizagem. » =

= « Quando estou fatigado de compôr, e de escrever,
« entro em um bote; e conduzido por mim, vou exigir pra-
« zeres do meu jardim. Afférro ás vezes na ilha da pesca:
« um chapéo de palha resguarda-me em parte os raios do
« sol, em quanto me divirto a cevar os peixes. » =

= « Ah! quantas vezes em seus enganos estudo cuida-
« doso as paixões humanas! Depois tómo o arco, e de al-
« java ás costas, subo acima de elevadas rochas, em busca
« de coelhos: mais prudentes, do que o homem, mal sen-
« tem o perigo, cuidam em preveni-lo. » =

= « Entrando, de volta, no meu jardim, aproveito gos-
« toso o tempo restante. Trato com desvelo as plantas me-
« dicinaes, e depois as flores: se alguma tem sêde, régo-a;
« as visinhas utilisam. Os fructos colhidos por minha mão,
« parecem mais saborosos ao meu paladar. » =

= « O fundo de um bosque, a ponta de uma rocha, a

« margem de um lago, tudo é igual para sentar-me. Se « vejo as cegonhas fazer guerra aos peixes, tómo o kin: [1] « aos primeiros sons vem logo rodear-me o bando voador, « attrahido pela doce, e saudosa harmonia. » =

= « Alguns dias, vem o sol do occaso distrahir-me da « attenção, que presto á inquieta andorinha, na guarda « dos filhinhos, que astuto milhano pretende roubar-lhe. « Outras vezes, a lua vem achar-me reclinado na sombria « floresta: é um prazer de mais! » =

= « O murmurio das aguas, o rugido das folhas, a bel- « leza dos ceos, tudo falla á minha alma, pela voz da na- « tureza: retiro-me, escutando-a. A lua vem já sobranceira « ao horizonte, e eu apenas entro o limiar da porta. » =

= « A esta solidão vêm os meus amigos ler-me as suas « obras, e ouvir as minhas. Se me obsequeiam em jantar « comigo, o vinho alegra a nossa frugal comida, a philo- « sophia a tempéra. » =

= « A côrte chama deleites, mas arma laços; affaga ca- « lumnias, e forja cadêas: nós invocâmos a sabedoria. Os « meus olhos estão virados para ella; mas, os seus raios « apenas me esclarecem, por entre nuvens. Oxalá se dis- « sipem, ainda sendo por medonha borrasca! » =

= « Esta solidão será para mim o templo do prazer: « porém que digo? Esposo, e pai, cidadão, e letrado, sou « obrigado a muitos deveres: a minha vida não me pertence. « Adeus, meu jardim, adeus: o amor da patria, e o amor « do sangue arrastam-me á côrte. Guarda teus primores: « outra occasião sustentarás com elles a minha virtude. » =

Lembra-te da dinastia 19.ª, na qual floreceu Sse-Ma-Kuang, como historiador, e grande homem de estado.

[1] Especie de lyra de sete, ou nove cordas de seda.

Dias da Costa lith. *Lith. da Imp.ª N.al*

IMPERADOR KIEN - LONG.

CARTA LXXXIX.

ODE DO IMPERADOR KIEN-LONG. [1]

Afortunada he a gente no universo,
Que em regosijo os dias seus desfructa;
Afortunado o rei que a mesa cérca
Com homens uteis.

Filinto.

= « Innumeraveis são os beneficios, que tenho recebido « da Providencia Divina! O que hoje desfructo, rodeado de « tantos varões respeitaveis, occupa a minha particular at- « tenção. Recordo-me do tempo, e da idade em que os ca- « bellos soltos me ornavam a cabeça: [2] então olhava para « tudo, sem tirar consequencia de cousa alguma. Muitos « annos, ah! tem decorrido! » =

= « De todos os espectaculos dados n'esse tempo, o « que ainda hoje affecta o meu coração deliciosamente, foi « o solemne festejo, para sempre memoravel, que hoje re- « nóvo: ainda me recordo d'esse dia, com saudade. Senti-

1 Improvisada em um banquete nacional.

2 Os chinezes só na juventude usam trazer o cabello curto, e solto.

« mentos de respeito encheram a minha alma, vendo en-
« trar os principes na sala do festejo; tomarem seus loga-
» res em tôrno de meu avô: servirem-no, e serem servidos
« ao mesmo tempo todos os convidados. As mesmas igua-
« rias, o mesmo vinho, a mesma abundancia era igual para
« todos. Não havia distincção de ordens; era uma assem-
« bléa de amigos: brilhava em todos os rostos exuberante
« alegria. » ==

== « Agora, por mercê Divina, gózo de igual especta-
« culo, com a mesma effusão de inexplicavel prazer. Os
« nossos descendentes terão sentimentos do mais terno res-
« peito, quando virem na historia, que dois imperadores,
« o avô, e o neto, celebraram ditosos, um sessenta annos,
« outro cincoenta, de seus reinados, regosijando-se em um
« banquete familiar, com toda a nação, representada nos
« velhos de todas as classes! » ==

Os versos chinezes não dependem de linhas curtas, nem estiradas; o sentido, e a cadencia faz conhecer a medida aos entendidos. Não usam pontos, nem virgulas: o que entre nós seria defeito, torna-se perfeição na poesia, e nos discursos elevados dos chinezes.

Foram convidados tres mil velhos: todos comeram na mesma sala, onde estava o imperador. Os filhos, e netos d'este andavam em tôrno das mesas, cuidando não faltasse cousa alguma aos convidados, servidos pelos grandes do imperio. Haviam na sala coros de harmonia. Todos os convidados receberam presentes do imperador.

CARTA XC.

DA MUSICA.

Castas filhas do ceo, candidas Musas,
Quantos gostos me haveis mettido na alma!
Pelos vivos transportes, que em meu peito
Se alteram, reconheço ser-me aberto
Por vossas mãos o templo da ventura

Costa.

« A musica, diz o imperador YAO, ensina a unir a rectidão, com a doçura; a politica, com a gravidade; a bondade, com o valor; e a desprezar os divertimentos, por nocivos. A poesia, exprime o sentimento da alma; a musica, modêlo do canto, e da harmonia, une o coração ao espirito. »

Os chinezes foram os primeiros homens, que souberam contra-ponto; isto é, os primeiros, que souberam combinar as vozes, e os instrumentos em contraposição harmonica, e observar as leis da consonancia; porém, differentes das nossas. A sua harmonia consiste na ligação geral das cousas physicas, moraes, politicas, religiosas, e do governo,

cuja sciencia de sons é mais uma representação, do que uma imagem, ou phantasia.

Eis como elles se exprimem, ácerca d'esse objecto: «A musica é uma especie de linguagem, destinada a exprimir sentimentos: se o homem padece, os sons, que fórma, exprimem a dôr; se tem o coração alegre, a sua voz o manifesta; o tom é claro, e as palavras sonoras; se está colerico, o tom é forte, e ameaçador; fallando a quem estima, a pronúncia é honesta, e affavel. Cada paixão tem sons proprios, e linguagem particular: a musica só é boa, quando vibra na unisonancia das paixões, que pretende exprimir.»

«É preciso haver sempre o tom proprio; pois cada tom possue um modo de exprimir, que só a elle pertence. Por exemplo: a modulação grave deve representar o imperador, amigo dos povos; a forte, representar o ministro, pesando justiça; a doce, e unida, a submissão ás leis; a rapida, a exactidão com que devem ser tratados os negocios do estado; a brilhante, deve representar a universalidade das cousas, e as differentes relações, que têm entre si, para chegar ao mesmo fim. Sendo estas modulações empregadas a tempo, e exprimindo só o que devem representar, formam a verdadeira consonancia. Os tons são as palavras da linguagem musical; as modulações as phrases; a voz, e os instrumentos encadeam, e complectam o discurso. As arias da nossa musica passam do ouvido ao coração, e do coração ao espirito; sentimos o seu effeito, e comprehendemos o seu juizo; o que não succede, quando ouvimos as composições europeas.»

O certo é, que a melodia elegante, e viva de *Rossini*, não é para os ouvidos chinezes, nem as suas consonancias,

para os nossos. Aquelles, não apreciam a musica sublime, que tem o emprego reunido, e mais, ou menos variado das tres partes distinctas, melodia, harmonia, e metro; e o dos seus tres generos, o diatonico, o chromatico, e o enharmonico. Quem teve o gosto de ouvir os nossos bons amigos D. C. B. TORRES, *João Evangelista*, *Turriani*, e *Manoel Innocencio*, não póde tolerar as consonancias chinezas.

Apezar do desacôrdo reconhecido entre os ouvidos chinezes, e os europeus, conclue-se da opinião que uns, e outros fazem da musica, ser esta arte sublime mui apreciada na China, e na Europa. Se os chinezes julgam ter na musica uma especie de linguagem, capaz de exprimir as paixões; mais alto sobem os europeus; dão-lhe attributos divinos: pretendem augmentar com ella a intelligencia humana! «A musica duplica a idéa, que fazemos da alma, quando esta se acha disposta aos mais nobres esforços. O coração absorve os sons puros, e deliciosos, que parecem ensinar a descobrir o segredo do Creador, e o mysterio da vida.[1]»

Ah! quantas vezes, por teus sons deliciosos, me inflammaste o coração, e accendeste o espirito! Só em fallar da musica, se despertam na alma sensações deliciosas; porém, longe de ti, martyrisam-me, pelo augmento da saudade.

[1] M.me de Staël.

CARTA XCI.

DA PINTURA.

Ditoso tu, que os fructos seus recolhes;
Que entre os mestres da Grecia e os de Roma
C'os thesouros do engenho adornas a alma,
E sabes ser feliz, viver contente. [1]

Costa.

Os chinezes apenas fazem uso da verdade simples; não conhecem o bello ideal, em que o nosso immortal SEQUEIRA é grande nos pensamentos, no engenho, na riqueza das invenções, na correcção do desenho, nas attitudes, na expressão, na elegancia dos contornos, e na intelligencia do claro-escuro. Para veres quanto as suas obras são apreciadas nos paizes estrangeiros, ahi te remetto o juizo, que d'ellas fizeram eximios pintores, na côrte de França.

« Daremos as honras do Louvre ao CAMÕES do Senhor SEQUEIRA... O rosto do velho poeta, n'este quadro, é

[1] Fallando da pintura, lembrei-me do nosso bom amigo Domingos Antonio de Sequeira. Verás no fim d'esta carta o soneto que lhe fez o nosso Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

bello; bem entendido, belleza poetica. Nos membros devorados pela velhice, e miseria, por entre barba desgrenhada, avistam-se ainda os signaes da grandeza de alma, e os vestigios da organisação superior, que fazia juntamente o grande poeta, e o guerreiro valoroso. Este quadro, despido de todas as seducções da arte, arrebata muito além do ordinario; o assumpto é representado com singeleza, e energia. Em fim, este panno encerra o que todos os pintores devem procurar, a verdade, e o pathetico.[1] »

Se avalio a pintura, pelo meu sentimento, e pela estimação, que d'ella fizeram alguns homens célebres, devo reputa-la mais feliz do que a suas irmãs. *Alexandre Magno* premiou *Apelles*, cedendo-lhe a formosa Campaspe! *Francisco I* fez tudo quanto lhe pedio *Leonardo de Vince*. *Carlos V* deu a *Ticiano* as honras de grande de Espanha. *Bernine* foi tratado por *Luiz XIV* como principe de sangue; isto é, da sua familia. Ao nosso Affonso Sanches Coelho, chamava Filippe II Ticiano Portuguez; ía muitas vezes á sua casa de estudo, a fim de o ver pintar, e punha-lhe a mão no hombro, para que não se levantasse. *Mengs* gozou na Espanha tão grande estimação, que deixar de o admirar, parecia um attentado contra a monarchia; e não lhe render tributo de adoração, um crime contra a Divindade! Mais fariam elles a SEQUEIRA, se o tivessem por contemporaneo.

Os chinezes não têm grande enthusiasmo pela arte da pintura; apenas copiam da natureza: levo alguns paincis da sua flora; admirarás n'elles a riqueza das tintas, e a belleza das flores, que ornam os seus jardins.

Se algum dia mandares imprimir estas Cartas, manda

[1] Correio francez, n.° 264, anno de 1824.

Dias da Costa lith.

Lith. da Imp.ª N.al

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA.

tambem juntar-lhes os retratos de RODRIGO, o de SEQUEIRA, e os nossos tirados por elle: podem ser reduzidos pelo seu distincto discipulo Mauricio José Sendim; bem como os que agora te envio, dos meus generosos amigos, Cha-Amui, e Sao qua. D'esse modo farás lembrar mais á posteridade os nossos amigos, mostrando-lhe as virtudes de uns; as obras, e as virtudes de outros.

Ao insigne Domingos Antonio de Sequeira, *quando desenhou, e fez construir em tudo por officiaes portuguezes, o triumpho, e baixella offerecida ao general Wellington, por determinação de Sua Magestade Fidelissima.*

SONETO.

Hum Monumento mais perenne ainda
Que a Fama das Victorias passageira;
Lavraste em Portugal, Grande Sequeira,
D'Altos Emblemas, e de Obra Linda!

A gente Lusa, que em vencer não finda,
Esmeraste nas Artes a Primeira:
Pintaste com metaes, que he a maneira
Que as Artes todas ao mais alto guinda.

Das Tres Naçôes os Louros entreteces,
Dellas c'o General Nobre Memoria
Repartes nos Emblemas, que offereces!

Mas nas Artes foi só tu'a Victoria:
Seja-te a Nação grata, que o mereces,
Repartindo com ella da tua Gloria. [1]

[1] Foi copiado fielmente de um impresso, revisto pelo auctor.

CARTA XCII.

QUADRO DO MUNDO MORAL.

> Qu'est il plus farouche que de voir une nation où, par legitime coustume, la charge de juger se vende, et les jugements soyent payez à purs deniers comptants, et où legitimement la justice soit refusee à qui n'a de quoy la payer.
>
> *Montaigne.*

Um dia em que se juntaram em casa de Cha-Amui alguns dos meus amigos chinezes, fui interrogado sobre os costumes das ordens, ou classes diversas, que povoam a Europa. Prestei-me com difficuldade, por saber quão negras deviam ser as côres empregadas n'esse quadro: modifiquei-as, quanto pude, a fim de dizer tudo, sem faltar á verdade, o que fiz pelo modo seguinte:

Encarando o mundo moral com olhos penetrantes, vejo por toda a parte lucta contínua de sentimentos, e opiniões contrarias, como são os interesses entre as diversas classes, cujo aggregado inconsolidavel, constitue a monstruosa politica, e os costumes das nações, essencialmente na Europa.

« Os reis, diz Montaigne, são actores em scena; e muitas vezes mais despreziveis, do que o mais vil estrião; subjeitos ás mesmas paixões, e aos mesmos vicios. » Em verdade, o rei anniquila o povo, que lhe mantem a pompa; e medita derribar outros principes, sacrificando nações estranhas, e os proprios subditos.

O nobre jactancioso, com a distincção do nascimento, julga-se desobrigado, pelo heroismo de seus maiores, de arriscar a vida, e de praticar virtudes, que exigem penosos sacrificios. Despreza os ricos, considerando-os simples validos da fortuna; e os nobres de origem moderna, por se acharem escorados em novos pergaminhos; mofa dos doutos, como estereis especuladores, que no caminho das honras, por mais que subam, ficam-lhe sempre inferiores.

O rico ambiciona distincções, e privilegios: desdenha dos nobres, se não o igualam em teres; considera-os elevados, pelo titulo quimerico de safados pergaminhos. Zomba dos doutos, e virtuosos, como habitantes de paizes imaginarios: só se determina em suas acções, pelo brilho do ouro. Quebra as leis, corrompe o julgador, peita as testemunhas, alcança tudo o que medita, e calca aos pés a multidão.

O douto considera os reis, como protegidos do cego destino, e muito indignos das grandezas, que ostentam; entende que os povos, só deviam ser governados por sabios. Despreza o rico ignorante, por incapaz de estimar as artes, que adornam o sabio, as sciencias, que sublimam o entendimento, e as bellezas da moral, que maravilham o coração. Aborrece o vulgo, e toma, quando lhe parece, o verniz da eloquencia, para embellezar quadros quimericos; e sacudindo do peito o temor da outra vida, substitue

ordinariamente aos principios da moral, desprezo atrevido dos costumes, e virtudes, que mil vezes sacrifica a mofinos interesses.

O clero estuda o modo de entreter o mundo na ignorancia; apascenta cuidadoso as preoccupações do vulgo; intriga, quanto póde, as outras classes da nação; dispõe dos bens alheios, á cabeceira do agonisante; e desconhece qualquer vantagem, que não influa directamente no bem-estar da sua classe.

Os magistrados, considerando-se entes privilegiados por leis, que elles, ou os da sua classe fizeram, não só vendem a justiça, como diz Montaigne; mas tambem vendem as injustiças a peso de ouro; salvo algumas honrosas excepções. Leis barbaras, e enredadas motivam essas torpezas.

O povo abomina o rei, que o exhaure; machina contra os poderosos; medita espoliar o rico de seus cabedaes; despreza a sabedoria, quando não é revestida da toga, e cercada da pompa dos lictores; isto é, de cordas, e algemas. Sempre descontente do seu estado, e deslumbrado pelo fausto dos grandes, véla por elevar-se acima da sua condição; e qualquer passo, que dê para lhe sobresahir, já se peja de descender de seus maiores.

Armam-se nações contra nações, e só a força decide dos deveres, e direitos do homem. Os povos mais polidos nutrem bandos de salteadores, que os rodeam. Corsarios atrevidos infestam os mares, e reduzem á miseria o arriscado navegante, que transporta de logares remotos os productos da natureza, e os primores da arte.

Egoismo, fraude, e traição minam solapadamente o coração da especie humana. O maior inimigo do homem, é outro homem. Este cuida em ampliar as suas possessões;

aquelle em destruir as alheias! Assim, na Europa não ha moral, e sem esta não ha costumes.

Não ha interesse commum, nem ponto central de cogitações, e acções. O proveito particular é o motor dos pensamentos, e obras de cada individuo. Codigos confusos, e leis enredadas dispõem da existencia, e felicidade dos homens!

Governos insensatos, e magistrados venaes (como diz Montaigne, e Montesquieu) administram a fazenda pública, e a dos particulares! Eis o estado moral, e por consequencia os costumes da malfadada Europa!

Observei que os chinezes na presença d'este quadro exultaram, por se verem tão longe das nossas terras. Comtudo, a sua estimação, para comigo cresce todos os dias. Raro é aquelle, em que não receba algum mimo, e tu não sejas lembrada.

SAO QUA deu-me hoje, para offerecer-te em seu nome, um adereço de muito gosto, e valor.

CARTA XCIII.

DO SUICIDIO.

> ..... Não ouviste já
> Das romanas e gregas com que esforço
> Morreram só por gloria sua?
>
> *Ferreira.*

Perguntas-me na tua última carta, se a morte de Sapho deve reputar-se verdadeiro suicidio? Se por direito natural este é permittido? E quaes são as causas da morte voluntaria? Cada uma d'estas questões daria assumpto, para fazer um livro; comtudo, responderei com breves raciocinios. Para fallar ao coração, e mesmo ao entendimento de quem tanto abunda nos dotes da intelligencia, não são precisas muitas paginas: basta apontar as razões singelas, que mettam o espirito no caminho da verdade. Respondendo ás tuas perguntas, inverterei a ordem d'ellas.

A morte voluntaria foi sempre o recurso dos infelizes, a quem o habito do mal não póde costumar ao soffrimento. Não basta o fraco presentimento de males futuros, e incertos, para suffocar na alma os impulsos, a que arrebata o

peso de mortificações, e dores contínuas. Lugubres quadros da morte, ou o horror das privações da vida, podem resfriar animos cobardes; porém, mal subjeitam os espiritos fortes, quando amarguras prolongadas convidam o espirito a depôr a materia. Attentado contra a propria vida, é sempre o triumpho do sentimento sobre a opinião.

Se o homem perseverasse no gozo da tranquillidade, e dos prazeres; se não soffresse o aguilhão das precisões, o verdugo das doenças, a guerra das païxões, mal chegaria a cogitar na morte. Absorvido pelas sensações actuaes, sempre uniformes, só cuidaria em comer, e dormir. Tal é o periodo das occupações do homem natural, em quanto a fome, o estro, ou a guerra das feras não lhe perturbam o socego. Porém, sentindo precisões, appetites, paixões, e dores fórma idéa do mal, e não póde persistir na mesma situação. Pela recordação dos prazeres da vida, torna ao passado; e pelo desejo de repellir o mal, cogita no futuro. Embora forceje, para sahir do presente; apenas póde conseguí-lo pela razão, ou pela phantasia. Aquella dá-lhe então o conhecimento da morte, e esta a esperança de uma vida futura: pinta-lhe o paraiso dos bemaventurados, e o supplicio dos reprobos.

Vendo nascer um menino, reflecte no passado, em relação a si mesmo: e conhece, que houve tempo em que elle não existia. Vendo morrer um velho, encara o futuro: e conhece, que virá tempo em que ha de deixar de existir. Então distingue na materia estados de bruta, e sensivel, e vê como se passa de um ao outro, pela organisação animal; fórma idéa da vida, e da morte; concebe o encadeamento das existencias animadas, que se perpetuam, pela reproducção; e finalmente conhece, que todos os viventes

serão abysmados no golpho, em que individuos, e especies tendem a submergir-se.

D'esta certeza, confirmada por exemplos, nasce no espirito forte a indifferença pela vida, e resignação para a morte; nasce a desconfiança dos prazeres da existencia, que arrojando-nos voluntariamente aos perigos, obrou em todas as épocas prodigios de heroismo. Só quem affronta a morte, é capaz de grandes emprezas.

A historia abunda em exemplos de mortes voluntarias, perpetradas, para terminar dias amargurados. Mas, tódas ellas presuppõem dois principios: 1.° que o mal presente não póde ter fim, senão com a morte: 2.° que em tal situação, é licito ao malfadado curar-se da desventura, ou encurtar tormentos, buscando a morte. D'estes dois sentimentos revolvidos na alma, pelas horas da desesperação, têm resultado multidão de suicidios: e por cúmulo de males, muitas pessoas abaladas a tão penosa execução, até escolhem os meios mais crueis.

Rejeito o primeiro princípio, como falso na maior parte dos lances, em que a cega paixão o julga verdadeiro. Se os males da existencia fossem puramente physicos, não duvidaria em conceder a sua cura radical, pela extincção da vida. Porém, os males physicos matam voluntariamente. Morte voluntaria só póde ter por causa males moraes: só estes determinam a alma, na sua fortaleza, a cortar o fio da vida. Ora, que mal moral, sem ser acompanhado de dôr physica incuravel, e superior a todo o soffrimento, póde ser verdadeiramente reputado incuravel? Não cura o tempo os achaques do espirito com maior, ou menor esforço d'este? Não se mitigam todas as penas, e privações, uma vez calejada a paciencia, e resignado o animo?

O outro princípio, e n'elle está a resposta á segunda questão, que me propões, tenho-o por verdadeiro. É licito, e por direito natural, a cada um dispôr da sua existencia; pois é esta uma das prerogativas inherentes á propriedade pessoal, como entes livres. A natureza, creando o homem, deixou-o entregue á sua discrição: deu-lhe o prazer, a dôr, principios motores das suas acções: deu-lhe amor proprio, princípio conservador da sua existencia. Se o amor proprio, e o prazer não têm força, para prende-lo á vida, e a dôr não póde obstar á propria destruição, porque razão se lhe disputará a faculdade de dispôr plenamente da sua existencia? Qual motivo externo póde embaraçar de direito os effeitos, que o Princípio Eterno, e regular não póde embaraçar?

Dizem os moralistas, que recebendo o homem a existencia do Creador, deve, qual sentinella, esperar as ordens d'elle, para sahir do posto: dizem mais; que no estado social, tendo-se o homem votado por inteiro ao bem de todos, não póde privar-se da vida, sem commetter roubo á sociedade. Porém, conhecida a existencia de um mal moral insopportavel, e insanavel, que ordem mais expressa do Creador, para largar a vida, do que a progressão do mal? Elle é naturalmente o annúncio da morte, e últimas despedidas da existencia animada. Quem padece, a ponto de não poder sopporta-lo, é por elle convidado a sahir da vida, e passar de um ponto transitorio a outro estavel, fim geral de todos os viventes.

Que bem póde o homem fazer á sociedade, quando não póde presta-lo a si proprio? Se ella póde dispôr da minha vida, não poderei eu fazer o mesmo? Tem a sociedade sobre mim algum direito, que eu não lhe haja dado? Se eu

renuncio as suas vantagens, poderá ella obrigar-me a soffrer seus incommodos? Por que tomei sociedade com outros homens, não poderei um dia retirar-me d'ella, para embrenhar-me no deserto? Que mais faz o ente, que se mata, do que retirar-se da sociedade? Assim, ou consideremos o homem no estado da natureza, ou no da sociedade, é-lhe permittido, pela lei natural, dispôr dos seus dias; pois não ha direito, para obrigar a viver a quem só quer morrer.

A terceira questão, que me propões, não é mais difficil de resolver do que as outras. Se te parece, que o espirito religioso com que Sapho se precipitára da rocha de Leucadia, lhe tira a imputação de suicidio, enganas-te. Não se exime por isso a morte de ser voluntaria; logo commetteu suicidio. Morreu do salto de Leucadia, por querer da-lo: se não o quizesse dar, viveria mais tempo. Pela intenção religiosa, não muda a morte de natureza.

Sapho pretendia curar-se da paixão: concedo; mas por que meio? Por aquelle, cuja consequencia era morrer. Esperaria ella salvar-se da quéda? Não podia espera-lo: a consequencia natural d'aquelle salto é morrer: quem o dá, já conta com isso. Ninguem a obrigou: foi acto positivo da sua vontade, deu-o; morreu: logo foi suicidio; exerceu um direito, que possuia. Comtudo, foi desgraçada, e bom é não tratar de desgraçados, quando já não se lhes póde valer: fallemos de nós.

Quanto é penoso estar continuamente separado do objecto, com o qual se deseja viver, vendo-nos rodeados de creaturas fastidiosas, que nos affrontam a cada momento. O que mais nos agrada, mais depressa nos foge! Em uma grande ausencia, e na longinqua distancia, em que nos achâmos, soffrem grandes penas os corações, que se amam.

Tudo é compensado, dizem, pelas delicias do primeiro encontro: mas viviremos nós tempo sufficiente para as desfructar! como nos acharemos então? Velhos, mudados, com outras opiniões, e outros gostos: assim, não experimentaremos, talvez, mais do que a surpreza de termos podido sentir, e desejar por tanto tempo.

Ah! mui extenso é o mundo, e mui curta a vida humana, para as almas sensiveis: ou, para melhor dizer, tudo se acha assim arranjado, para impedir de nos ligarmos apaixonadamente, durante esta penosa, e rapida carreira. Razão tinha Sapho, em pretender curar-se da paixão.

CARTA XCIV.

SYSTEMA DA LIBERDADE HUMANA.

As acções do homem não são livres, mas sim effeitos necessarios ao seu temperamento, e educação.

A.

Em uma das últimas palestras a que assisti em casa de Cha-Amui, perguntou-me um letrado seu amigo, ignorando que eu sabia ter elle viajado na Europa, qual era o systema da liberdade humana, seguido entre os europeus. Então já eu andava muito alvoroçado com a minha sahida d'este imperio, para correr a ver-te: n'esse estado nega-me o espirito a faculdade de pensar em objectos, que não te sejam relativos. Assim, por amor de ti, fui superficial, sobre limitado, em materia tão vasta. Ahi te envio o que pude dizer-lhe, a fim de corroborar o que elle teria visto na Europa.

Os homens são entes physicos, subjeitos á natureza, e por consequencia á necessidade. Gerados, e nascidos, sem a propria approvação, foi a nossa organisação indepen-

dente de nós, e até as idéas nos vem involuntariamente. Cada acção é consequencia do impulso de um motivo. Tenho sêde; vejo uma fonte, é impossivel que deixe de beber. Asseguram-me que a fonte está envenenada; abstenho-me de beber. Dirão que sou livre? A sêde determina-me necessariamente a beber; porém, como o segundo motivo me parece mais forte, do que o primeiro, não bebo. Mas, o independente beberia. Então, o segundo impulso seria mais fraco para elle. Em todo o caso, os dois actos são necessarios. O que beber é insensato; porém, as acções dos insensatos são tambem necessarias, como as outras.

A escolha não prova a liberdade do homem: acaba a deliberação, e a perplexidade, quando a sua vontade é determinada por motivos differentes. Póde elle deixar de cobiçar o appetecivel? Não. Porém, dizem, póde resistir aos seus desejos, reflexionando nas consequencias. Mas é elle sempre senhor de as ponderar? As acções do homem jámais são livres: resultam do temperamento, das idéas recebidas, e da educação. O motivo, que determina o homem, é superior ao seu poder.

Apezar do systema theorico da liberdade, na prática não têm os homens podido deixar de estabelecer as suas instituições, sobre a necessidade. De que serviria a educação, a religião, a moral, e mesmo a legislação, se não suppozessemos esses motivos capazes de arrastar a vontade? Querer dirigi-la por estes meios, é estar convencido de que elles a subjugam. Com effeito, essas instituições são a necessidade mostrada aos homens: a mesma necessidade, que regula o movimento do mundo physico, dirige tambem o mundo moral.

Sendo a liberdade indispensavel á faculdade dos povos,

e não sendo possivel vigiarem todos na sua conservação, escolhem um homem de virtudes, e merito, a quem dão esse encargo; porém, mal se acha investido n'elle, muda as virtudes em vicios! Em logar de conservar a liberdade, concedida a cada um no pacto social, cuida só em escravisar os que haviam depositado n'elle a sua confiança!

Vergar uma nação á vontade, e phantasia de um homem, é o ponto essencial da realeza: e jámais a consideram poderosa, em quanto a sociedade oppõe o menor obstaculo ás suas paixões. O emprego, que dá o titulo de rei, não só tira aos homens a faculdade de estudar no preterito, e de cogitar no futuro, mas tambem de conhecer a verdade presente: excitado por ministros cortezãos, e conselheiros, que para tyrannisarem, querem ver em seu amo o primeiro dos despotas, faz-se detestavel a todos os que de boa fé o tinham eleito.

Eis o motivo da lucta permanente, havida entre o rei, e os povos. Fazendo-o estes dispenseiro das graças, e do rendimento público, destinado a manter o socego na sociedade, reverte (com seus ministros) o prestigio das honras, e o sangue dos povos, em proveito das suas paixões. D'esse modo, alcança os meios de comprar os venaes, para esmagar os virtuosos. Trahidos assim os povos por cidadãos degenerados, vendidos ao primeiro dos traidores, ficam impossibilitados de conter a furia das turmas mercenarias.

Os antigos, ainda que mui zelosos dos seus direitos naturaes, não deixaram definição alguma da liberdade. Era entre elles uma divindade adorada por fé. Para os athenienses tornou-se licença: jámais deixaram de ser voluveis, injustos, e crueis: puniam a virtude! Socrates, e

Aristides, foram condemnados por leis immoraes. Os romanos, julgando-se livres por banirem os reis, e estabelecerem os consules, não fizeram mais, do que mudar de nomes. Durante a republica, foram escravos turbulentos, dirigidos por tribunos ambiciosos, contra os patricios confederados, para exercerem sobre o povo a mais nefanda usura, e cruel tyrannia. O povo impacientado de soffrer enganos, e abatido pela guerra civil, subjeitou-se ao dictador, que o deixou em legado a imperadores detestaveis.

Debalde Pompêo, e Catão brigaram a pró da liberdade: Cesar com o prestigio das victorias, e linguagem seductora, arraigou na patria a arvore do despotismo, por mãos de Augusto. Ainda hoje se acha amortecido no povo romano, o amor da liberdade.

Descendo aos modernos, e mais abalisados philosophos, ouvimos-lhes: «A liberdade consiste em depender sómente da lei; ou, em não fazer, o que a lei prohibe.» Esta definição é verdadeira, quando a lei é legal; isto é, quando emana da vontade geral; porém é falsa, se provém de dictadores, cujo empenho se limita á escravidão dos povos.

Houve quem dividisse a liberdade, em politica, civil, e dogmatica; mas, estes nomes não lhe mudam a essencia de natural, modificada segundo as relações, e invenções humanas. O vulgo imagina consistir a liberdade, em usar cada um das suas faculdades, sem constrangimento: o cortezão, sopportando o ferreo jugo de seu amo, não póde soffrer o imperio da lei: ainda tendo a certeza de ser ella a defensa da sua vida. [1]

[1] Incrivel parece o aviltamento dos cortezãos: Astyages, dando a comer ao servil cortezão Harpagus a carne do proprio filho, perguntou-lhe: «Que tal te sabe?» O infame respondeu: «Na mesa do rei tudo é saboroso!» Cambyses,

Sendo certo o amor, que os povos têm á liberdade, não deixa tambem de ser verdadeira a sua tendencia, para o estado servil. Os cortezãos provam esta asserção: se alguns podem fugir-lhe em parte, não o podem fazer no todo. Cada uma classe soffre o peso da cadêa, que lhe é propria. Preoccupações, necessidades, tudo agrilhôa os pulsos, e abate o espirito do genero humano. Os cortezãos, diz Chamfort, são pobres enriquecidos pela mendicidade.

O globo está coberto, não só de victimas sacrificadas ao trabalho, mas tambem a grandes abusos. Subjeitar-se cada um, para subjeitar os outros, é doutrina seguida em todas as partes do mundo, seja qualquer o systema de governo. Todavia, nôs paizes onde a liberdade da imprensa espalha luzes, a razão aperfeiçoa-se, a industria augmenta, apparece o amor da patria, e o valor, que tem por base a justiça. Em tal paiz, é o zeloso cidadão sentinella do estado; cada penna eloquente desempenha as funcções de orador público; e ás vezes, de profundo retiro, scintillam chispas, que allumiam o governo no tenebroso caminho da politica.

Comtudo, a liberdade de imprensa não basta, para haver um perfeito systema de liberdade humana, nem para unir os povos aos reis, quando estes, obstinados em suas opiniões, ou dirigidos por seus valídos, obram como Jaques I. « Assim como nas creaturas humanas é sacrilegio destruir as leis do Creador, disse elle; assim é orgulhosa

querendo mostrar a seus valídos a sua destreza, tomou o arco, e atravessou o coração de um joven, filho do valído, que estava a seu lado. O pai exclamou: « Nem Apollo fez tão certa pontaria! » Se estes factos antigos são atrozes, os modernos são ridiculos, e vergonhosos. Adoecendo um rei, diz Holbach, levantou-se junto á sua camera disputa renhida, entre um criado particular, e o principe camarista mór, sobre qual d'elles tinha o privilegio de vasar o bacio de S. Magestade: o direito ficou ao principe, que cheio de gloria levou debaixo da capa o objecto da sua demanda!

sedição destruir o que o rei faz, no alto do seu throno. Do mesmo modo, que o bom Christão obedece á vontade de Deus, revelada em suas palavras, deve o subdito obedecer á vontade do rei, revelada em seus decretos.[1] »

Jaques ainda teve partido comprado, para sustenta-lo, apezar da sua errada doutrina; não succedeu o mesmo a Carlos I: os cortezãos empregaram todos os seus esforços, para esconder ao rei a opinião pública, por escriptores da sua facção, sem lhe importar leva-lo ao cadafalso, com tanto, que satisfizessem seus torpes desejos.

A lição dada pelo rude Cromwel, apenas foi util a Carlos II; não se estendeu a Jaques II, que teve de fugir, para não soffrer a sorte de Carlos I. Tal é o ascendente da verdade, quando vem a dominar sobre as intrigas dos cortezãos.[2]

Se os reis inglezes não aprenderam, pagando lições tão caras, os reis francezes tambem não aproveitaram o exemplo, que lhes deram seus visinhos. Luiz XVI, e Carlos X foram victimas sacrificadas á torpeza de seus parentes, e valídos. O certo é, que nem os reis, nem os povos aprendem a contentar-se com o que é justo; assim, jámais houve, nem haverá systema complecto de liberdade humana.

Os chinezes viram n'este quadro algumas feições, que lhes pertençem: todavia, applaudiram a verdade, que n'elle pintei, se não igual á imagem do sol, acha-se ao menos com honesta desnudez. Quando se diz sempre a verdade, combatem-se algumas vezes as mesmas pessoas da nossa estimação.

---

[1] Blasckstone.

[2] Tomei para exemplo a Inglaterra, por ser o paiz onde ha mais tempo existe liberdade de imprensa.

CARTA XCV.

A DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA,
DE MACÃO A ROMA.

INTERESSE, E VENTURA DO HOMEM.

Por outra estrada trepa ao cume excelso
Rasteiro cortezão, reptil do paço,
Ao estado inutil, perfido aos amigos:
Que atado com vaidade ao jugo regio,
De um rasgo de olho espera o bem supremo.

Costa.

Os homens ligam o interesse á felicidade, segundo o seu temperamento, e jámais serve a todos a mesma ventura. Em cada homem está ella, na razão composta da sua organisação, e opiniões. Entre os varios entes da nossa especie, o objecto dos desejos de um é indifferente, e mesmo aborrecivel a outro. Logo, ninguem póde ser juiz da felicidade alheia. Comtudo, obrigados a estudar as acções humanas, pelo que ellas influem a nosso respeito, e pelo resultado, que das mesmas provêm á sociedade, avaliâmos, mais ou menos, o interesse, que as anima.

Assim, não te dou os emboras de haver o teu genro acceitado o titulo de conselheiro. Que satisfação póde dar

um diploma, que devendo ser caracteristico do merecimento, bons costumes, e serviços prestados á nação, é prodigalisado a homens sem nome, nem prestimo, egoistas, e invejosos, sobre servís? Os titulos são bens quimericos; e tanto menos valiosos, quanto prostituidos. Tu sabes, Domingos, que na vida ordinaria, não se póde considerar grandeza em uma cousa, se o desprezo, que d'ella se faz, tende a grandeza.

Taes são as honras dos que se adornam com fausto exterior: esses bens nunca passaram por verdadeiros, na opinião do sabio. Grande vantagem é ter valor, para despreza-los. Em verdade, pelo que me dizes, o teu genro tem dircito á corôa do merito; mas dá-se ella, em nossa terra, a quem o possue? Se assim fosse, ha muitos annos estarias laureado. Os homens reflectidos, como tu, têm por unico distinctivo serem virtuosos.

Sim, Domingos, virtude é a sublime arte de cada um se fazer feliz, cooperando para a ventura dos outros: eis o fundamento da moral. A virtude, e o merecimento nascem da natureza humana, e das suas precisões. O homem virtuoso desfructa prazeres a cada instante, descobrindo no rosto dos que o cercam a estimação, que tem ganhado em seus corações. O vicio é constrangido a ceder á virtude, cuja superioridade reconhece envergonhado.

Se o homem de virtude, e merito esmorece ás vezes, por não lhe darem o premio devido; consola-se em breve tempo, confiado na sua dignidade. Os egoistas não podem sentir essa consolação: não acham em sua consciencia mais, do que desenganos, pezares, e remorsos.

Indaga a ventura d'esses infelizes; e verás o mirrado avarento gemer sobre thesouro inutil, amontoado á custa

de mil inquietações: a alma ferrea do egoista, a quem os suspiros do miseravel não poderam embrandecer; e o vingativo cortezão alimentando-se de fel, e serpentes, devorado por seus mesmos furores!

Bem sei, que te affectam os tormentos dos perversos; porém, consola-te com a paz do teu coração. *Se o premio da virtude, é a virtude, e o castigo do vicio, o proprio vicio;* basta que tenham remorsos, para soffrerem punição horrivel.

CARTA XCVI.

DIALOGO ENTRE O IMPERADOR YONG-TCHING, E O ABBADE RIGOLET.

Houve idade dourada, hoje saudosa,
Em que o ceo recebia as honras della.
A hypocrisia exige dos humanos
Não culto cordial, mas dons, e offertas:
E o vicio cada dia as aras mancha.

Costa.

Quando em rapaz li o dialogo entre o abbade Rigolet, e o imperador Yong-Tching, julguei ser um conto de Voltaire: estou persuadido do contrario. Existe nas memorias chinezas, para em tempo ser lançado, por extracto, nos annaes. Pude obter uma cópia, e extrahir d'ella quanto basta, para verificar o que Voltaire escreveu a este respeito.

Pelas maximas de tolerancia geral entre os chinezes, admittem n'este imperio os bonzos de todas as seitas, e deixam espalhar seus desvarios: mas, se chegam a amotinar o povo, são enforcados: assim os toleram, e os reprimem. A religião Christã foi introduzida na China, como já te disse, e os missionarios obtiveram licença, para a

exercer publicamente; mas, as suas renhidas disputas os tornaram de prompto odiosos.

Os chinezes desconfiaram do seu zelo, vendo que pretendiam estabelecer no imperio doutrina, em que elles mesmo discordavam.[1] Os tribunaes dirigiram ao imperador memorias contra os missionarios controversistas, e o mesmo se fazia em Portugal, e na França contra os Jesuitas.

O processo ainda estava por julgar, quando morreu o imperador Kan-Hi, em Dezembro de 1722. Succedeu no throno Yong-Tching, que á bondade de seu pai juntava maior firmeza, e precisão. Assim que tomou o poder, recebeu de muitas partes do imperio representações contra os missionarios, mostrando-lhe: que elles, com o pretexto da religião, faziam commercio lesivo, e prégavam doutrinas tão subversivas, que no Japão tinham excitado uma sublevação, onde morreram mais de quatrocentas mil pessoas: que eram agentes de um pontifice do occidente, o qual tinha fulminado sentenças contra os ritos chinezes; e que a não se reprimirem de prompto, era de temer uma revolução.

O imperador, antes de deliberar, quiz ouvir os missionarios: sabendo que um chamado Rigolet, tinha convertido alguns moços do paço, mandou chama-lo. Rigolet não era homem de côrte, como *Verbiest*, e *Pereira*, tinha a simplicidade, e o enthusiasmo de um visionario. Assim, compareceu Rigolet perante o imperador, julgando que em pouco tempo teria a honra de lançar-lhe agua no rosto.

Imperador: Dizei-me, Rigolet, em consciencia, que religião é essa que andais prégando aos moços de minha casa?

[1] Os Jesuitas, em materias theologicas, differiam muito dos Jansenistas.

Rigolet: Augusto soberano; a minha religião é a unica verdadeira. Chinezes, tartaros, japonezes, indios, persas, arabes, turcos, egypcios, mouros, e os inglezes, todos serão condemnados, por que não servem a Deus como os francezes: a minha religião chama-se catholica; isto é, universal.

Imperador: Percebo: a vossa seita está em um canto da Europa, e chama-se universal. É que pretendeis estende-la por todo o mundo?

Rigolet: Justamente, senhor: logo que somos enviados a qualquer parte do mundo, pelo padre geral, cuidâmos em cathequizar os espiritos, que ainda não estão pervertidos com o maldito dom de pensar. Começâmos pelo povo miudo, rapazes, e mulheres; estas nos entregam os maridos convertidos. Assim, tornâmos-nos poderosos, pelos muitos proselytos; e obrigâmos o soberano a ganhar a vida eterna, rendendo vassallagem ao Papa, que é o vice-Deus na terra.

Imperador: Com effeito, Rigolet, os soberanos vos estão muito obrigados; e os povos não menos. Mas, que Deus adoram os Christãos?

Rigolet: O nosso Deus nasceu ha 1723 annos, junto a uma mangedoura...

Imperador: Basta, Rigolet: não digais mais, a vossa religião é galante; e disse para o ministro, que estava a seu lado: «*Pereira*, e Bouvet, nunca fallaram assim! Acabo de crer, que estes missionarios são velhacos; trazem de proposito comsigo alguns toleirões, destinados a seduzir a plebe. Estes brutos estão capacitados, e persuadem: vós, que estudasteis a historia da Europa, não me direis, como uma religião com tal princípio, se introduzio n'essa parte do mundo?»

Ministro: Assim como os fanaticos introduziram n'este imperio a seita de Fo, seduzindo a plebe, assim penetrou o Christianismo por toda a Europa: são pasmosos, e horriveis os males, que alguns padres fizeram n'esses paizes. Este mesmo vem de confessar, que os seus confrades, depois de arraigarem na plebe os dogmas feitos para ella, a sublevam contra o governo. Destruiram o grande imperio romano, e anciosos por dominar o espirito das nações, derramaram sangue humano, por mais de quatorze seculos. Persuadiram os principes, que sem padres não podiam reinar seguros: depois, revoltaram-se contra as corôas. Desthronisaram o imperador chamado *Debonaire*, Henrique IV, um Fredêrico, e mais de trinta imperantes; assassinando muitos. Se a prudencia do governo tem podido refrear os bonzos de Fo, talvez não possa fazer o mesmo aos Jesuitas. Estes homens são fanaticos, devora-os um zelo frenetico mais ardente, que o dos bonzos de Sião: entre elles os tolos prégam, e os velhacos intrigam. Subjugam os homens, pelas mulheres, e estas pela confissão: senhores dos interesses das corôas, e dos segredos das familias, promptamente absorvem as riquezas, e o respeito das nações; porque, a sua maxima principal é chegarem ao poder, pela humildade; á opulencia, pela pobreza; e á crueldade, pela doçura.

Imperador: Basta, amigo: e virando-se para Rigolet, que não tinha entendido o ministro,[1] disse: «Retirai-vos; estou satisfeito com a vossa franqueza, sereis premiado com dinheiro, para fazerdes uso d'elle no vosso paiz.»

No dia seguinte, mandou recolher á côrte todos os missionarios, de differentes ordens, e em dia dado, fallou-lhes

[1] Os coláos fallam entre si de modo, que o vulgo não os entende.

pelo modo seguinte: «A tolerancia sempre me pareceu o laço dos homens, e das nações, e o primeiro dever dos soberanos. Se alguma religião podesse arrogar direitos de verdadeira, sería a chineza. Vós mesmos confessais, que damos ao Ente Supremo culto honroso, e digno: e damos-lh'o de muito antes, que tivesseis nas côstas occidentaes o uso da escripta. Ainda as vossas pequenas nações não existiam, já formavamos imperio regular, e poderoso. Mas, como a sua duração désse azos a corromper-se a religião do povo, tolerámos os bonzos de Fo, os talopões de Sião, os fanaticos de San-Kium, e a vós mesmos: e olhando todos os homens como irmãos, nunca os castigámos de errarem; pois o erro não é crime. Os tribunaes do imperio não criminam os vossos absurdos, antes se compadecem; mas, não podem perdoar-vos, virdes do cabo do mundo roubar-nos a paz, e semear em um povo tranquillo os erros, e os odios que vos devoram. Larga noticia temos dos males, que causasteis no Japão. Florecendo alli doze religiões, debaixo dos auspicios de governo prudente, e moderado, apenas apparecesteis, logo a discordia perturbou as ilhas, e correu por todas ellas sangue humano. O mesmo succedeu em Sião, e nas Molucas, e viria a succeder entre nós; assim, devo preservar o imperio de flagello tão perigoso. Sou tolerante; mas expulso-vos por que não o sois; e odiando-vos uns aos outros, quereis infestar o povo chinez com a peçonha, que trazeis no coração. Não vos condemno á morte, nem vos mando encerrar em masmorras, como fazeis na Europa aos homens de melhor juizo. Na China não se convence pela violencia, nem se sustenta a religião, por meio de algozes. Partí pois: levai para outra parte os vossos desvarios: oxalá venhais a ser mais sabios. Estão

promptos os carros, e embarcações, para conduzir-vos a Macáo, e soldados, que vigiem na vossa segurança. Ide-vos; sêde na Europa o vivo testemunho da minha justiça, e clemencia. »

Quando assim obrava o imperador da China em Pekin, mandava *Martinho de Mello*, de Lisboa, estabelecer em Macáo grande casa, para as missões da China! Bons commentos se podem fazer, tanto sobre o juizo do imperador Yon-Tching, como sobre a deliberação do nosso ministro. Terei o gosto de os ouvir da tua bôcca.

CARTA CXVII.

ILHA DE SANTA HELENA.

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos.

Camões.

A ilha de Santa Helena, descoberta em 1502, por *João da Nova*, servio de calabouço a NAPOLEÃO, e hoje de deposito a seus restos mortaes.[1] Basta isso, para haver interesse em fallar d'ella.

Está no parallelo de 16° ao sul do equador, e 3°¼ ao oriente do meridiano de Lisboa. Tem dez milhas de comprimento, seis e meia de largura, e perto de cinco mil habitantes, de raças, e côres diversas.

Sendo montanhosa, não tem faldas, ou terreno plano, excepto o logar, onde *João da Nova* mandou edificar uma capella a Santa Helena, e hoje occupa a cidade James, se

[1] Aportei na ilha de Santa Helena, vindo da China em Abril de 1836; e os restos mortaes do imperador Napoleão foram trazidos para França em Dezembro de 1840.

é que se póde chamar cidade, a pouco mais de cem barracas levantadas no antro de medonhos rochedos.

Algumas d'ellas são cobertas de ardozia, outras com terra sobre taboas! Sendo a casa da alfandega d'esta última construcção, succede, que na estação chuvosa as taboas, por mal unidas, deixam entrar agua, e avariar as fazendas. Eis uma cidade ingleza, em 1836!

As encostas, de um, e outro lado das cavidades, formam ápices de angulos agudos, do fundo aos cumes. As mais d'ellas são compostas de granito, e tufo escuro; outras de lava compacta, signaes evidentes de ser esta ilha mesquinho despejo de grande vesuvio.

Os declives, onde corre agua, são aproveitados em pequenos taboleiros de horta; nos mais ingremes germinam salgueiros, sem cultura, nem ordem. O porto é mais defendido pela natureza, do que pela arte; é seguro, em razão de ficar do lado opposto ao vento geral do sueste. Tem abundantes, e excellentes aguas; o ar é saudavel.

Produz varias qualidades de fructos; mas inferiores, se os comparo com os da China, e de Portugal. As laranjas não têm sabor; as uvas só, na fórma, o parecem; ananazes, bananas, e pecegos são toleraveis; os figos nem os passaros os comem; as maçãs, de verdes passam a podres. Eis os mimos com que Pomona brindou Santa Helena!

A carne de vacca é soffrivel; custa de 160, a 200 réis o arratel: a de carneiro é superior; custa o preço da carne de vacca: a de porco é inferior; tem o preço do carneiro. Ha muitas aves; entre ellas bellissimos faisões; mas só os privilegiados os podem caçar. Nas terras inglezas ainda têm grande voga os privilegios!

Ha muitas, e boas qualidades de peixe: o melhor custa

60 réis o arratel. Algumas cousas necessarias á vida de seus habitantes, e provimento dos navios, que aportam n'esta ilha, vindo da Asia, são importadas do Cabo de Boa Esperança; isto é, farinha, e gado. Este é inferior ao que se cria na ilha.

Tem um governador militar, um batalhão de infanteria, e uma companhia de artilheria de posição. As causas crimes, de pouca importancia, julga-as o major da praça: as graves, e as civís, verificam os jurados a prova do facto, e o juiz applica a lei ao facto verificado.

Os costumes pouco differem dos que os inglezes praticam na Europa; porém, na plebe ha uso singular. Os conjuges, antes de ceremonia alguma, tiram prova de boa vida, unidos dois, ou tres annos pelos vinculos do amor; se n'esse tempo se contentam, praticam depois a ceremonia do rito conjugal; mas, ordinariamente passam a vida sem esse sacramento.

Sendo aqui as mulheres mui fecundas, os filhos apertam os laços do contracto civil. Jámais homem algum d'esta ilha vendeu sua mulher em praça, como se pratica na Inglaterra. A raça de côr segue de perto as leis da natureza aperfeiçoada; goza mais pela simplicidade dos costumes, do que perde por míngua de civilisação: assemelha-se aos naires.

Ha n'esta ilha duas igrejas, e um só padre: estando uma no campo, outra na cidade, officia de manhã n'aquella, de tarde n'esta. Por esse trabalho domingueiro tem o bom do padre tres contos de réis annuaes.

Não sei por que motivo imaginaram os poetas contínua primavera nos paizes, que julgaram por melhores? E o caso é que, eu mesmo acreditava essa ficção, como se em alguma parte do nosso globo houvesse primavera eterna.

E quando a houvesse, satisfaria ella os desejos humanos? Por certo não. A variedade é fonte de prazeres; em estes ficando habituaes, a origem sécca. Aqui não se renovam as arvores todos os annos, como em Portugal: ha muitas ahi, que remoçam centos de vezes em sua vida: que ditosas creaturas!

A relva, que veste alguns pedaços de magro terreno, isolado áquem, e além nos cumes, ainda na estação chuvosa, tem côr verde amarella, imagem do terror. Primavera eterna, só existe em romances; e a periodica agradaria menos, se não succedesse a inverno rigoroso.

Na cidade desfructa-se atmosphera serena, mas paga-se mui cara: o corpo, e o espirito soffrem muito pelo calor. As molas da máchina humana perdem a sua elasticidade; a faculdade de sentir está sempre em deliquio: a energia, e o vigor, para fugirem, têm sempre caminho aberto nos poros.

Só nos cumes das montanhas, se encontra atmosphera temperada, e varios grupos de pinheiros mansos. Nos mais elevados, dois mil e setecentos pés acima da superficie do mar, apenas se avistam, entre brejo espesso, algumas arvores curvadas com o peso de constante noto.

Na parte fronteira ao noroeste, pouco abaixo do cume occidental, ao abrigo do vento geral do sueste, tem Mr. Samsão uma quinta, com o que ha de mais primoroso nos dominios de Flora; isto é, uma alameda de camelias polymitas, do tamanho, e fórma de grandes larangeiras!

Esta ilha não só foi descoberta por nossos maiores, mas tambem povoada. Assim que *João da Nova* levou a Portugal a noticia de a ter encontrado, no dia de Santa Helena,[1] começaram as armadas, vindas da India, a tomar agua no seu porto.

[1] 22 de Maio de 1502.

No anno de 1513 chegou AFFONSO DE ALBUQUERQUE a dominar no Malabar, época em que pôde obter dos serracenos os portuguezes, que para elles tinham desertado. ALBUQUERQUE, sempre justiceiro, e sempre austero, mandou cortar-lhes as orelhas, e remette-los a Portugal, a fim de pagarem a enormidade do crime, com a vergonha da mutilação.

Um d'elles, Fernão Lopes, chegando a esta ilha, no mesmo anno, pedio licença, para ficar n'ella; tendo por melhor findar seus dias n'este rochedo, do que apparecer na patria, sem orelhas, perdidas com tão grande infamia. Desembarcou na ilha com alguns escravos seus, e deu por esse modo começo á nova povoação.

Elrei D. MANOEL protegeu desvelado a terra escolhida pelo vergonhoso Fernão Lopes: mandou para ella, da Africa, e da India, mulheres, sementes, e animaes de varias especies: prosperaram de modo, que já em 1519, dava abundante refresco aos navios, que n'ella aportavam.

Ficando Portugal debaixo do jugo dos Filippes, e deixando elles as colonias portuguezas em abandono, os batavos apossaram-se d'esta ilha. Depois, os britannicos, crescendo em poder, e precisando de uma atalaya no oceano austral, acharam esta ilha propria ao seu designio: usando de força, e de fraude, arrebataram-na das mãos hollandezas.

Agora vou dar-te relação da minha primeira romaria a Longwood, e ao tumulo de NAPOLEÃO; logares, que muito aviltam o governo da Grã-Bretanha.

Para subir da cidade, por qualquer dos lados, caminha-se por estrada, aberta a picão, em ziguezague: o lado occidental é tão ingreme, e alto, que chegando-se acima,

mette pavor olhar para a cidade. A estrada oriental é mais suave, por serem mais longos os ziguezagues.

É por este lado, que se vai ao tumulo: acompanhou-me, n'esta minha primeira romaria, o meu bom amigo W. G. Scott, official do regimento 91, de guarnição n'esta ilha. Tendo subido a encosta, seguimos para Longwood, deixando á esquerda o caminho do tumulo. A estrada, que vai d'este a Longwood, orla a borda de horrivel precipicio.

Chegando á barraca, onde habitou o IMPERADOR NAPOLEÃO, entrámos na casa do bilhar, unica onde se podia descançar, por ser menos asquerosa. Da alcova fizeram cavallariça, do gabinete, immundo palheiro, da livraria, capoeira, e dos quartos restantes, pocilgas!

Defronte da barraca ha um pequeno jardim, onde levantaram outra de madeira preparada em Londres, para residencia do maior homem do nosso tempo. As salas são lageadas, os frontaes de faia polida. Tem alguns fogões; pois só com o preservativo do fogo, se póde resistir á humidade n'este alto deserto.

Quando a nova barraca se estava levantando, já o imperador andava enfermo; e fosse por esse motivo, ou por desprezar serviços tardios, disse ao conde Bertrand, e aos que o rodeavam: « Debalde trabalham; jámais entrarei n'esta casa. » Assim aconteceu. Concluio-se, antes de NAPOLEÃO deixar de fazer os passeios do costume, porém, jámais entrou o liminar da nova casa.

Estes logares mostram-se aos estrangeiros, a trôco de alguns tostões dados ao guarda. Sahi de Longwood, lembrando-me de NAPOLEÃO, da França, da Inglaterra, e de quanto são abjectas a maior parte das raças, que povoam o globo terraqueo.

Havendo ainda uma hora de sol, quando chegámos de volta ao caminho do tumulo, descemos a elle. Estava guardado por um soldado veterano: abrio a grade de páo, que rodêa outra de ferro junto do tumulo, e offereceu-nos agua da fonte, que muitas vezes saciou o IMPERADOR NAPOLEÃO.

O tumulo está collocado em uma encosta inferior á pequena casa, onde morou o conde Bertrand. A encosta fórma uma especie de concha angular, em cujo vertice construiram o tumulo. D'elle para cima, é o terreno cultivado; e para baixo, até ao mar, só apparecem ribanceiras incultas.

Havia no logar do tumulo frondoso salgueiro, nutrido pelas aguas de fonte crystallina: foi esse o ponto escolhido por NAPOLEÃO, para vir nas tardes calmosas sentar-se na sombra da sua copa. D'alli contemplava na vastidão dos ceos, e na instabilidade das cousas humanas.

Ligou a phantasia a esta arvore de modo, que pedio a seus amigos, o sepultassem junto a ella. Errou tanto no modo de dar sombra a seus ossos, como no projecto de reger exclusivamente no continente europeu. Os amigos, zelosos em cumprir a última vontade do novo Prometheu, abriram sepultura junto ao salgueiro, e fizeram em roda da arvore largo fôsso, que encheram de alvenaria, a fim de não entrar a agua da fonte na sepultura.

Fanando assim as raizes do choroso, e desventurado salgueiro, vedando-lhe a humidade com que podesse crear outras, deseccou-se de modo, que n'este logar só existe o feretro de NAPOLEÃO, acompanhado de moribundo tronco: porém, na França existe o seu codigo, e em todo o mundo o seu grande nome.

Na entrada para o tumulo está do lado direito pequena

guarita, onde ha um livro, tinteiro, e penna, para os romeiros escreverem, e subscreverem, o que lhe aprouver, ácerca de NAPOLEÃO. Já é grande o número dos livros, cheios de pensamentos, e nomes consagrados á memoria do IMPERADOR DOS FRANCEZES!

Sempre que alli fui com o bom *Scott*, pedia-me elle, que escrevesse algum pensamento relativo a NAPOLEÃO; mas, julgando eu, que tão immenso tinha elle sido pelo espirito, como ambicioso pelo coração, não escrevi prò, nem contra.

Algumas vezes tocavamos as flores plantadas (em um alegrete, que rodêa o tumulo) pelas mãos da condessa Bertrand, como se fossem objectos de culto religioso. O capitão *Scott*, ao entrar a grade de páo, achava-se involuntariamente de chapéo na mão, e jámais o punha, sem largar este magico recinto.

Eu, sendo mais impassivel, distrahia-me em observar o respeito, que elle tributava aos restos mortaes de NAPOLEÃO: assim, gozava sempre da sua melancolica abstracção, em quanto não deixavamos o logar, que elle reputava sagrado.

Na factura da campa houve renhida contenda entre os amigos de NAPOLEÃO, e o cruel carcereiro Hudson Lowe. O general Bertrand quiz mandar abrir n'ella simples epitaphio, onde se lia: «NAPOLEÃO IMPERADOR DOS FRANCEZES.» O carcereiro não consentio, que elle se abrisse com esse titulo: o judicioso Bertrand, e seus amigos tiveram por melhor deixar a campa rasa.

O homem, que derribou thronos, elevou thronos, e deu thronos, jaz em um valle na ilha de Santa Helena, debaixo de tosca pedra, que d'antes fôra destinada, para banca da sua cozinha. Todavia, os homens não aprendem.

Mr. Saul Salomão, em cuja casa fui hospedado n'esta ilha, depois de esgotar os abundantes meios, que tinha para obsequiar-me, ainda achou dois trastes, que haviam sido do IMPERADOR NAPOLEÃO, para offerecer-me; um aparador de mogno, da casa de jantar em Longwood, e um espeto de prata.

Estes dois trastes seriam reputados, em qualquer casa franceza, monumentos de familia; em nossa casa terão o uso, que lhe dava NAPOLEÃO em Santa Helena; além de nos recordarem, nas horas da comida, os feitos brilhantes da sua laboriosa vida.

Ahi te envio um soneto improvisado por um amigo nosso, na minha sahida da China, estando rodeado de muitos, e bons macaenses. Como tens parte n'elle, apresso-me em t'o remetter.

Volve ao Tejo outra vez, oh digno Andrade.
Sempre propicio o mar, propicio o vento
Te reponham em breve, a salvamento,
Junto ao teu caro bem, tua metade.

Tu tens no sacro altar da probidade
Queimado aromas, sempre cento, a cento:
Ah! recebe o sincero offrecimento
De meus votos, que são os da amizade.

Venturas tenhas tu em abastança;
Nunca exp'rimentes o que são azares;
De longa vida frue, sempre em bonança.

E o bravo Adamastor, que assanha os mares,
Deponha a antiga, e horrida vingança,
E um sorriso te dê, quando o passares.

CARTA XCVIII.

A D. A. DE SEQUEIRA,
DE LISBOA, A ROMA.

ENTRADA EM LISBOA.

E inda ha quem diga, que este mundo seja
Dos mundos o melhor? Velhaco, ou nescio
Foi quem tal escreveu. Não vio os males,
Que o universo alagam.
Não vio pestes, nem guerras, não vio fomes,
Terremotos, vesuvios? E mais feias
Traições não vio? E alcives? Não vio homens
Avarentos sobre hypocritas.

Filinto.

Na minha chegada a Lisboa, não permittindo o estado do tempo tomar piloto, valeu-me o bom soccorro da carta, e roteiro do nosso antigo, e prezado amigo M. M. FRANZINI: que certeza nas distancias, nas sondas, nas balizas, e nas direcções! Este nosso profundo mathematico, e insigne statistico, mostrou n'esta sua obra, perfeito resultado da sciencia hydrographica. Por trabalho tão honroso ao seu auctor, e util á humanidade, recebeu premios honorificos do imperador da Russia, do imperador da Austria, e do rei dos francezes. O certo é, que tu, elle, e o

nosso R. F. DA COSTA, têm feito nas bellas artes, nas letras, e nas sciencias mais do que é dado a nove homens bem organisados, e estudiosos.

Assim que desembarquei, tive a fortuna de ver M. G., e saber por ella, que o meu SEQUEIRA desfructava saude. Depois, com a vista das tuas letras, senti na alma o jubilo, que sempre costumam produzir as memorias dos amigos ausentes, tanto mais preciosas para mim, quanto são raras hoje as amizades, em que possam ter communicação as bellas artes, e a litteratura, que tanto alimentam no decurso dos annos, longe dos combates da ambição, da inveja, e mesmo das opiniões. A lembrança das nossas effusões de espirito, e do coração, o bom senso, que respira em tuas cartas, avivam os affectos, e o respeito devido, não sómente ao amigo, mas tambem ao philosopho sempre recto, e prudente.

Grande mestra da vida é a experiencia das paixões humanas; grandes documentos recolhemos todos os dias na eschola do mundo, essencialmente se observâmos os caracteres originaes, cuja conducta tanto se affasta das regras da razão, e da justiça. «O homem, dizem certos dogmaticos, nasceu para cuidar na sua felicidade; deve preferi-la a tudo. Se é sufficiente a si, trabalhe só para ser feliz: tudo o mais seja para elle, como se não existisse.»

Basta haver senso commum, para se conhecer pela experiencia, que nenhum ente humano é sufficiente a si: fraco, limitado, não bastando ás suas precisões, deve reflectir nas linhas, que o prendem aos objectos, que o rodeam: carecendo de estranho soccorro, para levantar o edificio da sua ventura, jámais deve esquecer-se de que para complectar essa obra, usa de faculdades alheias. «Tu

és homem; nós tambem o somos: se nos offenderes, que deves esperar? Negoceia sem fraude; quanto mais iguaes forem as condições, melhor preencheremos o nosso dever.[1] » T. já não é nosso amigo: segue os principios dos dogmaticos.

O certo é, que o desejo immoderado de riquezas lança o homem em perigos, ondé quasi sempre naufraga. Assim como é difficil, em tempos de costumes corruptos, achar magistrado, que julgue com rectidão, assim é raro encontrar homens, que não estejam seduzidos pelo amor de ganho desmedido: por tanto, não me admirou a sua conducta.

« O homem, que recebe serviços de outro homem, e depois o detrahe, ou deprime, mostra haver sordida ambição, pois julga, que todas as relações havidas com os entes da sua especie, devem reverter em seu unico beneficio.[2] » Quanto não devem os homens acautelar-se contra os argumentos do interesse, e terem por mais rendosos bens a beneficencia, e a amizade!

Em verdade, o amor do bem-estar, sendo moderado, é princípio de perfeição; mas desordenado, torna-se paixão corruptora: assim, o egoismo vem a ser a causa da maior parte dos males que flagellam a especie humana. Sim, pelo egoismo se desprezam as leis da natureza, rompem-se as linhas da amizade, e fazem-se idéas falsas da virtude. O egoista, devassando a moral, fecha o espirito á equidade, e vexa até mesmo o que reputa seu amigo! Aqui vem a proposito dizer-lhe: « Tu não vês como a vida miseravel é pó ligeiro, exposto a forte vento? »

[1] Confucio.
[2] Plutarco.

Quando estava a concluir esta carta, recebi a tua de 29 de Março. Ainda ninguem disse tanto ácerca da amizade, nem d'aquellas generosas commoções de amor da patria, que no teu coração tem constante aposento. Poderei eu lê-las sem me enternecer? Sem me affectar de jovialidade? Sem me inflammar de heroismo? Ah! por frouxas que estejam as fibras da alma, não podem deixar de vibrar, e fortemente, no unisono dos teus sentimentos; d'elles serão echo remoto as minhas debeis forças. [1]

---

[1] Não entro na moda, seguida em nosso tempo, de pôr na ordem dos grandes homens, aquelles com quem temos relações intimas: D. A. DE SEQUEIRA possuia documentos incontestaveis do seu grande merito.

CARTA XCIX.

A FRANCISCO JOSÉ DE PAIVA,
DE LISBOA, A MACÃO.

ESTADO DE PORTUGAL.

Ouvirás lá contar nossos enganos,
Haverás dó de nossas esperanças,
Que quando mais aprazem,
Em pó n'um breve espaço se desfazem.

Caminha.

Meu caro Francisco. Chegando ahi navio de Lisboa, deves esperar letras minhas, e receber por ellas ampla noticia do estado, em que se acha Portugal. *Assim como nós cá somos enganados, tambem tu lá te enganaste, se concebeste essa esperança:* não ha côres proprias, com que se pinte um paiz arruinado, e tratando de curar as feridas, que lhe deixou a guerra civil.

É certo, que o progresso da civilisação faz, com que a historia preste suas paginas, não só aos reis, e seus ministros, mas tambem aos povos; e é outro axioma de direito natural, estarem as forças da nação fóra do ponto central do governo, quando este não tem sciencia, e arte, para fundir os partidos, ou conciliar as opiniões. D'aqui

pódes conjecturar o estado, em que se acha o paiz, que te creou, e que tu muito estimas.

Depois que os serviços publicos são pagos em moeda, todos os que requerem empregos, pedem dinheiro.[1] O governo, para manter os seus apaniguados, a cem, por exemplo, dá-lhes todos os empregos do estado; mas, ficam novecentos a gritar: «Tudo está perdido: o governo despreza os seus mais fieis partidarios.» Assim, não ha governo, que preste, nem dinheiro, que chegue; pois, satisfazendo-se os novecentos, subiriam os requerimentos, a nove mil!

Não ha maior loucura, do que fundar a estabilidade do estado no zelo de homens, que dão por unica fiança de seus bons serviços no futuro, a necessidade que têm de empregos lucrativos.

«Não é aos que exigem pagamento de seus ordenados, a quem urge primeiro satisfazer, diz Mr. Fiévée,[2] mas, sim aos que pagam; a nação proprietaria, industriosa, e commerciante, não pede nada para si; quer só o que lhe pertence das liberdades públicas: para isso dá ao thesouro o que este prodigalisa a outros.»

O governo deve encarar o povo nos seus trabalhos, e na porção de felicidade, que elle póde gozar. Em toda a parte trabalham os muitos, e gozam os poucos; mas é preciso não desgostar os muitos, para que os poucos gozem em paz.

O povo tambem tem vicios, dizem: e como não os teria, sendo aggregado de homens? Porém, escuta mais a voz da natureza, do que os opulentos; sente menos vivas

[1] Bem sabes tu haver tempo, em que os romanos os pagavam com sal, e que d'ahi vem a palavra salario.

[2] Affamado realista.

as grandes paixões; e offerece mais raros os crimes, que affligem a humanidade.

Não é preciso ser publicista, para fallar sobre este assumpto: espirito recto, alma sensivel, conhecimento da historia, e do coração humano, é quanto basta. Sabes, que a reunião de homens não passa além de um ajuntamento de traições secretas; e que a reunião dos espiritos só é boa, e duravel, quando se funda em doutrinas puras, e sãs; isto é, na alliança de verdades.

Quando no estado ha doutrinas públicas, e doutrinas secretas, influentes na acção do governo, é impossivel reprimir outras doutrinas occultas, que não são portuguezas, nem constitucionaes. Assim, vês que todos somos enganados; e que *Pedro de Andrade Caminha* dissera mais em quatro versos, do que eu poderia dizer-te em quatro paginas. Por tanto, espero que me dês quite ácerca da ampla noticia, que de mim esperavas.

Melhor é fallar da amizade, e da litteratura:[1] assim diminuiremos as penas motivadas pelos males, que flagellam a especie humana, nas quatro partes do mundo.

Na minha despedida de Macáo, pediram-me alguns amigos nossos, e tu mesmo, quando apressurado escreveste o soneto improvisado pelo estro feliz do nosso estimavel PEDRO,[2] que t'o enviasse impresso com outro, onde R. FERREIRA DA COSTA se retratára.

Chegou o tempo de satisfazer a todos, juntando não só

1 O Sr. FRANCISCO JOSÉ DE PAIVA, é dotado de grandes talentos, e tem muita instrucção, adquirida não só no curso regular de seus estudos, mas tambem nas suas viagens, em differentes reinos da Europa. Tem conhecimento geral da litteratura, da historia, e das bellas artes: no piano faz maravilhas. Reune a estes conhecimentos, alma nobre, e coração virtuoso.

2 Carta XCVII. pag. 241.

esses dois sonetos á obra, que tenciono mandar imprimir, mas tambem os retratos de RODRIGO, e de SEQUEIRA, feitos por este, enviando-te a obra na primeira occasião.

Justo parece, que os meus bons amigos vejam os retratos dos homens, de quem têm visto as obras. Ahi te remetto as que RODRIGO FERREIRA DA COSTA imprimio em sua vida.

1.ª *Principios de Musica.* São os preceitos, e prática deduzidos de seus verdadeiros principios, por um modo rigoroso, e adequado; mostrando-se ao mesmo tempo as modificações, e excepções, que elles podem, e devem ter.

2.ª *Lyra ingenua.* Contém algumas cançonetas eroticas, com unção sentimental: ou peças philosophicas, com elevação de idéas, e pureza de dicção.

3.ª *Deducção philosophica da desigualdade dos sexos, e de seus direitos por natureza.* Opusculo cheio de pensamentos novos, e bem ligados, em estilo culto, e conciso.

4.ª *Reflexões, e observações prévias, para a escolha do melhor systema de orthographia portugueza.* Esta memoria contém cousas de muita utilidade.

5.ª *Orthographia portugueza deduzida das suas tres bases, a pronunciação, a etymologia, e o uso dos doutos.* É digna das meditações, que a produziram.

6.ª *Elementos de arithmetica, e algebra,* tratada promiscuamente, em reciproca dependencia. Escreveu a passo igual os rudimentos de uma, e outra; considerou a algebra, como arithmetica theorica, e sublime; e a arithmetica, como exemplar das abstracções algebricas applicadas á prática. A algebra dá as regras do calculo das quantidades; e a arithmetica os exemplos.

7.ª *Resumo das doutrinas contidas nos elementos*

de analyse de Bezout. Reduzio em breve a substancia das verdades technicas, e de práticas operatorias; tornou-se o deposito do essencial da sciencia, que importa guardar na memoria.

8.ª *Exposição dos direitos, e obrigações do homem natural, e social; e dos principios da ordem politica*. Esta é, sem dúvida, a sciencia da associação dos homens, e do governo social. Comprehende tanto o conhecimento da formação da sociedade civil, como o da causa da sua dissolução. Logo, no estado da politica deve principiar-se, indagando o que é o homem, e o que foi antes das suas associações. Depois deve examinar-se, como se instituem as sociedades civís: que diversas fórmas podem receber: quaes vinculos as produzem: como se ordenam, e mantêm os governos: que principios tendem a corrompe-los, e a destrui-los: como possa conservar-se a instituição politica: como obstar-se á sua destruição. Que vasto campo de doutrinas! O compendio do nosso amigo acha-se n'isto mui rico.

9.ª *Theoria das faculdades, e operações intellectuaes, e moraes*. Expoz n'esta obra os principios da psychologia de maneira constante, com as luzes actuaes da physiologia, offerecendo collecção de generalidades uteis, para entrar-se nos estudos da moral, das humanidades, e dos ramos politicos. Ahi tens as obras, que pretendias ler, e os retratos, que tanto desejavas possuir.

Olhos brandos, sobrolho arregaçado:
O nariz aquilino, a bôcca miuda:
Rosto aberto com barba cabelluda:
Corpo em boa estatura, mas delgado.

Frugal co'o bom, paciente co'o máo fado:
Da razão sempre attento á voz sisuda:
Em ser ditoso por si mesmo estuda,
Das vaidades do mundo despegado.

Amigo dos que amigo o consideram:
Aos mimos da belleza nunca ingrato:
Para os destinos prompto, que o esperam.

Tardo, e seguro; intrepido, e pacato:
Tolerante com todos, que o toleram:
Pinta assim, GRÃO SEQUEIRA, o meu retrato.

Continúa, meu bom amigo, nos teus estudos de philosophia, e poesia; mas não desprezes os classicos portuguezes, que se tornam necessarios, para bebermos n'elles a pureza da linguagem, e gentileza do estilo. Muito convem illustrarmos o espirito com as luzes brilhantes, e visos philosophicos espalhados nos livros francezes, e inglezes; mas, será sempre necessario misturarmos com esses estudos, o de nossos oradores, e chronistas, que, posto nos dêem pouca philosophia, comtudo, inspiram frescura, e amenidade em linguagem grave, concisa, e ordenada.

Entrando em Lisboa, achei alguns amigos nossos, com bigodes até á cinta! Mas, sendo os talentos bellicos mui diversos dos pacificos, e as virtudes inteiramente oppostas,

Por D. A. de Sequeira. Em Janeiro de 1822.

RODRIGO FERREIRA DA COSTA.

vejo os que têm costumes amenos, demittirem de si as controversias politicas, e guardarem-se, para a administração da paz, e organisação da ordem, deixando aos feros disputarem aos oppressores a continuação do governo.

Por mais que digam, e promettam, é Portugal tão pequeno na extensão, apoucado na industria, escaço nas artes, desigual nas fortunas de seus naturaes, e dependente dos estranhos, que a sua sorte nunca será resultado de suas proprias combinações.

Recommenda-me á lembrança da tua veneravel familia; e dize ao Sr. MANOEL PEREIRA, que nunca me esquecerei da boa hospedagem, que me deu em Cantão, nem das visitas, que fizemos aos estabelecimentos fabris, que tanto abundam nos suburbios d'aquella cidade. Entre as cousas, que alli admirei, nenhuma me fez tão grande impressão, como a sua prematura capacidade!

CARTA C.

A DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA,
DE LISBOA, A ROMA.

REFUTAÇÃO DE OUTRAS FALSIDADES.

.....Quem mal cae,
Mal jaz, e dizem que á luz
Por tempo a verdade sae.

Sá de Miranda.

Tendo refutado as lesivas fraudes escriptas por George Staunton, e Henrique Ellis, vim achar na Europa o livro de J. F. Davis, intitulado a *China*, no qual esse detractor lançou as mais hediondas calumnias contra os macaenses. Ainda bem, que estando alli com todos aquelles escriptores, testemunhei factos, e guardei razões efficazes, para demonstrar a inexactidão das suas asserções.

Na memoria dos feitos macaenses, contra os piratas da China, estão os inglezes[1] pintados por elles mesmos; pois, encerra a sua correspondencia, com o governo de Macáo, de Setembro, a Dezembro de 1808. Assim, tens, pelos seus mesmos escriptos, verdadeiro conhecimento de quanto J. F. Davis foi aleivoso.

[1] Alli mencionados.

Desprezando as inexactidões do 1.° capitulo da sua obra, até paginas 29, começarei d'aqui a convence-lo de falsario. «Em meio do seculo XVII, diz elle, tomaram os portuguezes posse de Macáo, unico estabelecimento europeu, que existe nos dominios do imperio chinez.»

Para que retardaria J. F. Davis o acto da posse de Macáo noventa e tres annos? Residindo elle n'aquella cidade, e querendo fallar da sua origem, por que não consultou os seus archivos? Para que foi tomar notícia d'ella, em livros estranhos? [1]

Seria para negar os serviços prestados por nossos maiores á nação chineza? Que importa os negue Davis, achando-se elles exarados nos annaes d'aquelle imperio, e nas chronicas dos nossos descobrimentos, apreciadas em toda a Europa.

«A historia dos serviços prestados contra os piratas da China, continúa Davis; e um pretendido decreto imperial, que dizem concedêra Macáo aos portuguezes, parece despido de fundamento; o unico privilegio, que elles possuem, é o de se regerem por leis portuguezas.»

Que tal é o escrevedor das cousas de Macáo? Estando alli muitos annos, não vio o decreto do imperador Chin-Tsoung, gravado nos paços do concelho! N'esse decreto está confirmada, não só a posse dada no seculo XVI, mas tambem as condições com que ella fôra tomada. [2]

Em 1560, já os portuguezes tinham erguido casas, edificado igrejas, estabelecido governo, conforme com as leis de Portugal; e tinham consortes chinezas, e do Japão, sem que para isso tomassem o exemplo dos *romanos*, no roubo das *sabinas*.

[1] Davis aponta a origem, onde bebêra essas noticias.

[2] Veja-se a carta XXXII.

A paginas 29 diz: que os portuguezes tomaram posse de Macáo em meio do seculo XVII; e a paginas 30 diz: que os chinezes levantaram, em 1573, um muro divisorio, para separar da ilha o isthmo de Macáo; isto é, para separar os portuguezes dos chinezes. Assim, vês que Davis diz em uma pagina, e desdiz-se na seguinte.

« O derradeiro imperador da última dinastia chineza, continúa Davis, recebeu de Macáo o fraco soccorro de alguns canhões, e artilheiros, contra os tartaros moutchous; porém, no anno de 1651, os habitantes d'essa colonia foram alistados, como subditos chinezes. »

Querendo J. F. Davis retardar o acto da posse de Macáo, tornou-se contradictorio. Querendo negar os serviços, que os nossos prestaram aos chinezes, confessou terem os portuguezes mandado soccorros militares á côrte de Pekin. Querendo em tudo deprimir os portuguezes, fez-lhes grande elogio, pois assevera, que os estrangeiros são tratados na China como brutos; e que os portuguezes de Macáo entraram no censo do imperio, no anno 1651! Alli, o imperador trata os subditos como a seus proprios filhos; logo, distinguio os portuguezes, mandando que entrassem no censo do imperio, no mesmo tempo em que reputava os inglezes como brutos.

Davis refere, a paginas 69 da sua obra, a seguinte maxima chineza: « Os estrangeiros são como os brutos animaes; não devem ser tratados, como são os chinezes: quando se ensaia dirigi-los pela razão, tornam-se peiores. » Em verdade, os chinezes reputam os estrangeiros na ordem dos barbaros; porém, os inglezes são considerados na China, como barbaros avarentos de estragos inauditos. Os macaenses são acatados pelas auctoridades chinezas; mas,

é falso entrarem no censo do imperio. Como deixaria o governo chinez, que alguns subditos d'elle se regessem por leis estranhas? Alli mostrou Davis não ter conhecimento dos costumes, nem do caracter d'aquella nação.

«Em 1809, diz ainda a paginas 30, quando os piratas chinezes se fizeram temer ao governo do imperio, Macáo, em virtude de uma convenção, armou seis navios para soccorre-lo. Os piratas foram obrigados, por outros motivos, a dissolver a sua confederação, e os portuguezes exigiram por aquelle serviço certas vantagens; mas ficaram no mesmo estado.»

George Staunton, alterou as épocas das nossas mais brilhantes acções, para escurece-las: Davis não só alterou as epochas, mas tambem negou os factos! Tens a prova da sua existencia no testemunho de outros inglezes, a quem elles foram evidentes. Os sobrecargas da companhia ingleza escreveram de Macáo ao almirantado da Grã-Bretanha, em 1810, pelo modo seguinte:

«As patrioticas applicações, e desvelos dos portuguezes de Macáo, adquiriram a esta cidade muitas vantagens; ao governo portuguez glória, e a todas as mais nações commerciantes, a liberdade dos mares da China.»

Na presença d'esta espontanea declaração, quem poderá negar as vantagens, e a glória alcançada n'aquella epocha, pelos macaenses? Davis, a quem o furor de deprimir os nossos, leva a contradizer os seus, e a negar as vantagens, que elle mesmo desfructou!

«Inutil parece fallar das embaixadas portuguezas á China, diz elle a paginas 31; a última teve logar em 1753; vio-se n'ella o espectaculo da arrogancia de um lado, a submissão do outro.»

Davis julga todas as embaixadas, áquelle imperio, pela de Macartney! É certo, que nenhum estrangeiro entra na China, sem que mostre submissão ás auctoridades do paiz; mas, é igualmente certo, que os portuguezes nunca soffreram o aviltamento de prestarem a ceremonia de Ko-tou, perante o retrato do imperador: essa rasteira humiliação estava reservada, para ser transmittida ao rei da Grã-Bretanha, pelo seu embaixador Macartney.[1]

Davis fallando, a paginas 48, da má recepção, que fizeram os chinezes aos britannicos, em 1637, diz: « Os navios inglezes, esperando sobre véla a resposta dos mandarins, na volta da lancha souberam os nossos, que os seus perfidos alliados, os portuguezes, os tinham pintado aos olhos dos chinezes, como ladrões, ou ainda peiores. »

Os macaenses não deviam esquecer, em 1637, o que os inglezes tinham praticado, em 1622; isto é, que se tinham prestado aos hollandezes, para os ajudar a tomar Macáo, se o fructo do saque fosse todo para elles! Que nome conviria dar a similhantes alliados? O de ladrões não bastava.

Os macaenses sabiam, em 1637, dos roubos, e assassinios perpetrados por Francisco Drak, em 1577, e por Thomás Cavendisk, em 1588. Davis trata os portuguezes de perfidos, por dizerem aos chinezes, que certos aventureiros inglezes eram ladrões; peior seria, se elles lhes dissessem, que a rainha Isabel premiára os mais affamados!

Quando os chinezes não tivessem outras provas das acções britannicas, agora conhecem por experiencia, que taes ellas são. Que perfidia mais atroz, do que introduzir veneno no seio de uma nação, a ferro e fogo, para tirar-

[1] Veja-se a carta XXXV.

lhe a vida, e roubar-lhe os thesouros?[1] Tanto não disseram os macaenses aos chinezes, em 1647.

« Os portuguezes, que tinham denegrido os britannicos aos olhos dos chinezes, continúa Davis, não pararam alli; collocaram peças de 46 em uma fortaleza, que levantaram de noite na margem do rio; e quatro dias depois, julgando-se bem fortificados, deram muitas descargas sobre os navios inglezes, quando se dirigiam ao ancoradouro; mas, as suas tripolações obraram de modo, que lhes fizeram abandonar a fortaleza. »

Tudo quanto Davis escreveu na pagina 48, são aleivosias. O combate referido teve logar no rio Tigre, entre chinezes, e britannicos; e Davis fez entrar n'elle cem portuguezes! Depois que os nossos se estabeleceram em Macáo, nunca mais ergueram fortalezas, em outros pontos da costa chineza.

« A paz feita com os hollandezes, em 1668, diz ainda, animou a companhia ingleza, a mandar outra vez os seus navios á China: para o fazer de modo conveniente, dirigio-se ao nosso embaixador, em Portugal, Roberto Southwell, a fim de obter d'aquelle governo recommendação favoravel aos britannicos. »

Alli, tinham os inglezes obrigado os lusitanos a ceder-lhe uma fortaleza! Aqui, pedem os inglezes a Portugal, carta de seguro, para os seus navios entrarem nas ilhas da China, por modo conveniente! O segundo caso mostra a falsidade com que J. F. Davis escrevêra o primeiro.

« Durante o curso das nossas tentativas, continúa Davis, a paginas 52, a circumstancia mais ferina, que se apresentou, foi a estupida obstinação dos portuguezes, em

[1] Muitos inglezes têm exprobrado esse infame feito.

não deixarem entrar os navios inglezes no porto de Macáo; e a perfidia de continuarem a calumniar os inglezes, para não os deixar pisar terra de Cantão.»

No primeiro capitulo da sua obra, negou Davis, que Macáo fosse dos portuguezes; no segundo, chama-lhe perfidos, por não darem entrada no seu porto aos navios inglezes! Se Macáo não era dos portuguezes, não lhe competia dar faculdade aos navios inglezes, para entrar no seu porto: se era, e tinham prejuizo em da-la, fosse em razão do commercio, ou de tractados com os chinezes, fizeram bem em nega-la. Estupido, e perfido foi Davis, querendo governar em casa alheia.

«O systema politico dos portuguezes, em Macáo, continúa Davis na mesma pagina, consiste em attribuir aos inglezes intenções malevolas. A prova manifestou-se, em 1808, com a expedição ás ordens do almirante Drury.»

Que resposta mais cathegorica, e capaz de convencer o fraudulento Davis, do que as expressões d'esse mesmo almirante, despedindo-se dos macaenses, e as dos sobrecargas da companhia, no seu recurso, para o governo de Macáo? «Desejo ser grato, exclamou o almirante, ás officiosas declarações anteriormente feitas pelo governo de Macáo; eram justas, e razoaveis.» «A situação em que nos achâmos é triste, dizem os sobrecargas em seu requerimento; temos recommendação do almirante, para fazer tudo quanto possa reconciliar-nos com os chinezes; se esta declaração fôr confirmada por V. Ex.ª, diminuirá o rigor dos chinezes, para com os britannicos.[1]» Os inglezes pe-

[1] Documentos tirados do cartorio do senado de Macáo, e guardados na referida memoria, a paginas 132, e 136.

dem quando precisam; agradecem no acto de receber; depois ultrajam a quem os enchêra de beneficios!

« O anno seguinte, 1773, continúa Davis, a paginas 67, foi assignalado por uma injustiça, que imprimio vergonha indelevel nos macaenses. » N'esse conflicto, esteve Macáo a ponto de perder-se, por quererem as auctoridades d'aquella cidade salvar um inglez assassino.

Eis o caso: Francisco Scott foi accusado de ter morto um chinez; as auctoridades mandaram prende-lo; mas, não obtiveram provas de que elle fosse o matador, sem dúvida, por serem estas Christãs, e o morto pagão. Os chinezes, pelo contrario, em poucos dias tiveram provas claras, de que o matador fôra o infeliz Scott; por tanto, exigiram que lhe fosse entregue o criminoso. Os macaenses levaram a recusa ao extremo, de lhe ser prohibida a entrada de viveres na cidade: comtudo, o falsario Davis, chama-lhes injustos, por terem prestado homenagem á justiça, e por não se deixarem morrer de fome antes, do que entregar o matador aos chinezes! Se eu narrasse todas as circumstancias d'este negocio, imprimiria vergonha indelevel em todos os inglezes honestos.

« Um acontecimento notavel, diz J. F. Davis, a paginas 82, contribuio, em 1802, para decidir a questão sobre a natureza do tractado, que deu aos portuguezes a posse de Macáo. N'aquelle anno governava em Calcuttá lord Wellesley; receando elle, que a França se apoderasse dos estabelecimentos portuguezes no oriente, mandou uma expedição a Macáo, para tomar aquella cidade debaixo da nossa protecção. O suntó repulsou indignado a supposição, de que uma parte do imperio tivesse precisão de soccorro estrangeiro: mandou, que a expedição se retirasse. Os por-

tuguezes intrigaram, segundo o seu costume, calumniando o plano dos inglezes.»

O abominavel plano dos britannicos foi conhecido pelos macaenses em 1802, e verificado, em 1808, pela invasão dos inglezes em Macáo. Agora mostra Davis, a paginas 90 da sua obra, a perfidia d'esse plano, tão injusto, como atroz.

«No principio do anno de 1808, continúa Davis, soube-se na India, que a França dirigia suas vistas, para a Asia; Macáo ficava em perigo na visinhança de Manilla, se os francezes tomassem aquella cidade. Lord Minto enviou de Bengalla uma expedição, a fim de segurar Macáo. Deve suppôr-se, quanto ella seria conveniente, se fosse bem dirigida, tendo os chinezes, seis annos antes, mostrado que os portuguezes eram simplices emphyteutas, e que o directo senhorio podia affora-lo a outro, em occasião opportuna.»

Eis o plano dos inglezes, rebuçado na capa da sua antiga alliança com Portugal; porém, frustrado pelos macaenses em 1802, frustrado ainda por elles em 1808, e confessada a perfidia d'esse plano por Davis, trinta annos depois! Tinha por fim ganhar a vontade dos chinezes, e leva-los a consentirem a mudança dos emphyteutas; porém, os macaenses, descobrindo a traição dos seus alliados, pediram soccorro ao suntó, que o deu com promptidão, mandando aos inglezes, que se retirassem de Macáo.

Tudo quanto Davis escreveu, de paginas 82 a 93, demonstra o plano usurpador das expedições inglezas enviadas á China; assim como a glória dos macaenses, em triumphar d'ellas, applicando a força moral do imperio chinez, á força bruta da Grã-Bretanha.

Davis, fallando das superstições chinezas, e querendo deslustrar a reputação dos nossos, diz: « Não póde crer-se, que hajam europeus entregues a similhantes superstições; comtudo, em 1821, certo portuguez de distincção, em Macáo, contribuio para se erigir um pagode, com o intuito na prosperidade da cidade.[1] »

Quando isso fosse verdade, a censura não competia aos inglezes; pois, em materia de superstições, excedem aos povos mais ominosos, que existem no mundo; porém, aquella insidiosa asserção é falsa: nunca portuguez algum se lembrou de erigir pagode a idolo profano.

Existe em Macáo, no téso de uma quinta, na freguezia de Santo Antonio, um alpendre sobre columnas, ao qual uns chamam pagode, outros gruta de CAMÕES. Foi erigido ha seculos, em commemoração de ter composto alli a sua epopéa, os Lusiadas. O conselheiro PEREIRA, comprando a referida quinta, mandou branquear o alpendre, e enriquecer a respeitada, e saudosa lapida de CAMÕES.

Alli, só com meus tristes pensamentos,
Livre ao menos dos homens, só comigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades,
Que lá me tinham coração, e vida,
Se não vivi feliz, sequer tranquillo.[2]

Compõe-se de tres grandes penedos facetados, levantados pelas mãos da natureza, a poucos passos do alpendre; dois a prumo, e o terceiro horizontal, servindo de

[1] Segundo tomo da sua obra, paginas 93.
[2] CAMÕES: Poema do Sr GARRETT.

tecto á lapida, onde o meu excellente amigo MANOEL PEREIRA mandou esculpir, em bronze, os versos de CAMÕES, proprios a enriquecer aquelle veneravel monumento. Eis o pagode, em que falla o alcivoso Davis! Tudo quanto este bretão diz de Macáo, tem o cunho da falsidade.

Vê agora, como elle é contradictorio ácerca dos chinezes. «Um decreto imperial, diz elle a paginas 113, fez o corpo dos *Anistas* responsavel, para com os estrangeiros: aquelles, assim acreditados, obtiveram d'estes sommas a juro de 10 por 100, regular entre os chinezes. Em 1828, fallio um dos *Anistas* com dois milhões de cruzados: em 1829, fallio outro, de má fé, com somma igual. Estas duas quebras motivaram contestações entre os credores, e o corpo solidario: accordaram todos, em se fazer o pagamento no espaço de seis annos. Com effeito, em 1833, estavam pagos os quatro milhões de cruzados; mas, para isso lançaram um novo imposto sobre os generos estrangeiros, o qual ficou permanente. O governo de Cantão, abrindo os olhos, e vendo as consequencias do regulamento commercial, mandou cessar a responsabilidade solidaria.»

Se os *Anistas* pagaram o alcance dos fallidos, com o producto de um novo imposto sobre as mercadorias estrangeiras; se elle ficou permanente, para que faria o governo chinez cessar a responsabilidade solidaria, dando esse artigo do regulamento occasião, para ser mais avultado o rendimento, em razão da permanencia do novo imposto?

Nota a sua contradicção, accusando uma resposta do suntó ao Hou-pou.[1] «Pelo que pertence ao commercio,

[1] Motivada sobre uma representação dos sobrecargas da companhia, pedindo modificação no regulamento.

respondeu o suntó,[1] faça-o a dita nação (ingleza) como lhe aprouver; quanto ao regulamento, o que o celeste imperio prescreve, deve ser exactamente seguido.» Assim, mostrou o mesmo Davis, que o regulamento ficou em vigor, e por consequencia a responsabilidade solidaria.

«É cousa mais grave, diz elle a paginas 237, deverem os chinezes aos estrangeiros, do que aos nacionaes; mas, a differença não provém de um sentimento de justiça; nasce de querer o governo evitar as reclamações dos estrangeiros.»

Pois julgar-se o governo chinez responsavel pelas dividas dos seus administrados, não é um sentimento de justiça, sobre um acto de generosidade? Nomear um corpo solidario, para solver dúvidas, e alcances, independente de reclamações diplomaticas, não é um sentimento de justiça, sobre um costume exemplar?

O certo é, que os chinezes pagaram, em tempo, os quatro milhões de cruzados; e eu testemunhei a fallencia de uma casa ingleza, em Macáo, onde os chinezes perderam as sommas, que lhe tinham confiado. Assim, pódes avaliar os sentimentos de justiça de uns, e outros.

«Em cada estação, costumam os chinezes, diz J. F. Davis, a paginas 202, affixar editaes nas esquinas, accusando os estrangeiros de fraudulentos, e avisando o povo, para que não tenha communicação com elles. O systema em vigor consiste, em tratar os inglezes, como brutos, e não, como são tratados os chinezes.»

J. F. Davis, fallando dos macaenses, insulta-os, por se deixarem tratar, como subditos chinezes; fallando dos inglezes, queixa-se dos chinezes, por não os tratarem, como

[1] Paginas 115 da obra de J. F. Davis.

subditos do imperio! Similhante opposição de sentimento obriga-me a dizer, com o insigne CAMÕES: «Oh! que não sei de nojo como o conte.»

Se os inglezes são mal recebidos na China, quem os obriga a lá ir? Será a infame cobiça, que avarenta ao ouro rende culto? O almirante BING, fallando dos seus patricios, diz: «Os inglezes são avaros, rudes, e turbulentos.» Bastam as duas últimas qualidades, para serem desprezados na China, da qual dizem mal, por vindicta. Se o desprezo, que uma nação affecta, para com as outras, dá motivo a vinganças, nação alguma deixa de ter fundados motivos, para se vingar da ingleza.

M.me de Genlis tambem elogiou os inglezes, comtudo, não pôde deixar de dizer:[1] «Estou admirada do desprezo, que os escriptores inglezes affectam, para com as outras nações. A esta falta de decoro, segue-se a de grandeza, e de gosto. Os inglezes nunca põem os estrangeiros no theatro, sem os pintarem com as mais odiosas côres.»

Que mais fazem os chinezes, em seus editaes? Os inglezes lançam aos estrangeiros, o que ha de mais odioso nos editaes, que affixam nas esquinas; nas peças, que representam nos theatros; nas gazetas quotidianamente, e nos seus livros. Lord Byron, fallando dos portuguezes, diz: «Pobres, e vís escravos! nascidos, comtudo, entre os mais bellos espectaculos!... Ó natureza! para que desperdiças as tuas maravilhas, em favor de taes homens?[2]»

[1] Memorias de M.me de Genlis: Tomo 3.º, paginas 363, a 365.

[2] Child-Horald, canto 1.º, estancia XVIII. O lord, conhecendo a escandalosa, e atroz injustiça, que tinha feito á nação portugueza, quiz remedia-la, fazendo a nota 22 á estancia XXXIII do mesmo canto, onde confessa terem os portuguezes vencido um inimigo, a quem os seus predecessores nunca fizeram voltar face. Quer dizer: os exercitos das maiores nações europeas cederam sempre ao valor,

Nos chinezes é desculpavel um tal procedimento: 1.° por não ter o seu direito público relação com a Europa: 2.° pelo receio, que têm de alterar a moral do imperio, sendo tolerantes com os estrangeiros: 3.° por se julgarem independentes do resto do mundo.

Nos inglezes é indesculpavel: 1.° por ser contrario ao direito público estabelecido na Europa: 2.° por que longe de perderem na mutua correspondencia com os estrangeiros, lucram em todo o sentido: 3.° porque a sua desmedida ambição os torna dependentes das nações, a quem affectam desprezar.

Entre algumas verdades contidas no livro de J. F. Davis, ha outras muitas falsidades; mas, para as refutar com methodo, e exactidão, seria preciso encher terceiro volume. Os inglezes não se pejam de serem, por officio, os detractores das outras nações. Dryden, na tragedia *Amboina*, accusa toda a nação batava de cruel, monstruosa e depravada!

Os escriptores inglezes, em suas obras, e os seus oradores, no parlamento, com poucas excepções, têm vilipendiado a nação portugueza; não tomei o seu exemplo: se tenho fallado em desabono dos inglezes, é só dos aggressores, e contesto as suas asserções, não só com equidade, mas tambem com o juizo dos seus escriptores imparciaes. O meu coração exulta, quando tem de louvar os cidadãos do reino unido da Grã-Bretanha, taes como os meus excellentes amigos SCOTT, WARD, e outros.

e pericia dos exercitos francezes: os portuguezes foram os primeiros, que os fizeram voltar costas. Na estancia XVIII injuriou os portuguezes, chamando-lhes vís escravos; na referida nota injuría a nação franceza, dizendo, que fôra vencida por esses homens, a quem chamou vís escravos! Escravo de maligno estro se achava o lord, quando escrevia ácerca de Portugal!

Na Inglaterra acaba-se de verificar um aforismo de LUCRECIO. « Quando os homens ignoravam a arte de navegar, diz elle, era a fouce da morte a carencia de vivères; agora, tira-lhes a vida a excessiva abundancia. Então, deixavam-se morrer por ignorancia; hoje, matam-se por estudo, e arte. »

O parlamento inglez votou uma pensão, de seis mil pesos annuaes, ao general Karpuel, por ter inventado uma especie de bomba infernal, que póde matar, em poucas horas, milhões de chinezes!

Moralisa tu, ó meu Domingos, as votações do parlamento inglez, e dá-me o gosto de ver um quadro, onde hajas exposto o teu juizo sobre esse thema. Oxalá elle te inspire

« A muda poesia, que descreve »
« A natureza toda, em quadro breve. »

FIM DO SEGUNDO, E ÚLTIMO TOMO.

AO SENHOR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.

EPISTOLA.

Findaste um monumento mais duravel,
Que as do Egypto pyramides famosas;
Mais estavel que o bronze, ou Pario marmor,
Novo padrão a ti, e á patria erguendo,
Da India, e da China eternisando a fama,
E dando á historia um facho luminoso.
Se, douto ANDRADE, de censor ligado
Aos severos preceitos, leis restrictas,
Lançar nas notas minhas mal podia
Um traço, que pesado na balança
Não fosse da justiça, quando as Cartas
Sublimes tuas vi, por teu mandado,
Porque illesa a verdade se mostrasse
No juizo, que d'ellas fiz sincero,
E que visto ha de ser por sabios tantos;
De estilo hoje mudando, a musa minha
Teu fino gôsto só louvar pretende,
Tanto primor, apuro, e tal desvelo
Da nitida edição, onde a Sciencia,
E as Bellas Artes, de mãos dadas, brilham.

O caracter moral ás mais remotas
Idades transmittir as letras sabem;
Mas, o caracter physico só póde
Pela pintura ser manifestado.
Verdade encaras tal, e sem que hesites,
Eis de estampas riquissimas decoras
De preço tanto uma obra, e tal valia.
Já de *Sequeira* o primoroso lapis
Tuas feições roubára, e á Esposa tua,
Tirando-as com magía ás mãos do olvido.
E quem melhor do que elle a exacta cópia
Reproduzir de ANDRADE saberia?
Poesia, e Pintura, ambas de um parto
Nascidas, da Natura filhas ambas,
Só melhor pintam, só melhor descrevem,
Só imitam melhor a Natureza,
Quando o amor da virtude, o horror do vicio
Dirige seus pinceis; quando a amizade,
Do Ceo mimoso dom, lhes presta as côres;
Quando na alma lhes grava o sentimento,
Que do Empyreo trouxera, e em laços une
Dos virtuosos seres almas puras.
Coração frio para nada é apto.
De *Sequeira* um discipulo só digno,
Sendim habil Artista procuraste,
Que d'esse grande Mestre, amigo nosso,
Das Bellas Artes honra, vezes tantas
Sabias lições ouvíra, e o mago encanto
Do pincel acquistára, com esmero.
A tarefa encarregas á pericia
Do distincto Pintor, que desempenha,

Quanto em sua arte coube n'este ensejo,
Dos insignes varões nas bellas cópias.
Do patrio amor levado, não quizeste,
Que objecto algum estranho se mostrasse
Em tão rica edição, qual apresentas.
Soffres delongas, paciente esperas,
Que em portugueza fabrica o velino
Papel se faça, pela vez primeira.
Na perfeição co'a mira, nada poupas,
Quando do ninho teu o nome exalças.
Vezes bem raras se depara um rico,
Aos de Sophia trabalhos dedicado!
Inda que de ouro os cofres prenhes veja;
Inda que em ondas pela casa lhe entre
O metal fulvo, perdição dos homens,
Não receia no pelago affogar-se:
Antes, se póde, engrossa a cada instante
D'esse mar procelloso ingentes vagas,
De infelizes com pranto amargurado.
De gemidos ao som tranquillo dorme;
Sustenta-se de humano sangue o monstro.
Quão longe d'essas feras te colloca
Na sociedade o Eterno, ó charo ANDRADE!
Que as riquezas possuas abundosas
Permitte, que magnanimo repartes,
Se a ti recorre oppresso o desvalido!
Candura de alma, coração sincero,
Lhaneza natural, doçura amavel,
Alegria modesta, e quantos dotes
Da virtude o caracter patenteiam,
Te outorgou o Supremo em larga cópia!

Taes dons a vida corromper não soube,
Que sobre as ondas, desde a infancia abraças.
Novos mares, e climas vendo novos,
Mais as virtudes apuraste innatas.
De norte não perdendo a sapiencia,
Sempre o rumo seguindo-lhe; estudando
Dos sabios as doutrinas mais sublimes,
Podeste o gosto conseguir do bello,
Qual hoje em teus escriptos se diffunde.
A Natureza da arte não depende:
Mas, a arte a natureza aperfeiçoa.
Arrancado das minas o ouro virgem,
Intrinseco o valor conserva sempre:
Nem se augmenta ao carbunculo a valia,
Porque do artista a mão lhe dera o brilho.
Mas, quanto mais os olhos não encantam,
Da natureza esses productos ricos,
Se da arte á perfeição o esmalte devem?
De teus escriptos o valor existe,
Em teu saber profundo, que maneja
Do estilo o colorido variado,
Sempre com graça, e novidade sempre.
Mas, qual no ouro engastado o diamante,
Assim, do engenho teu ao grão prodigio,
Unida da arte a perfeição, avulta,
Deixando ver com respeitoso assombro,
De ANDRADE a penna, e de SENDIM o lapis.
Agradeça MACHADO á douta pluma
De ANDRADE, o ver seu nome a par correndo
Dos seculos, em quanto existam homens;
Sem da ambição os sordidos impulsos,

Sem da lisonja vil as negras sombras
Sem do interesse infrênes os desejos
Gravarem respeitoso aqui seu nome.
Só da amizade pura, um puro effeito
Fez ver ao mundo, com indubia prova,
Que o merito real decora aquelle,
A quem um monumento é consagrado,
Que será inda, se na terra existe
Justiça, digno objecto, ao qual se eleve,
Dos mais illustres dos chinezes junto,
Por mãos dos MACAENSES, bronzea estatua.

Lisboa, 8 de Dezembro
de 1843

Francisco Antonio Martins Bastos.

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.

EPISTOLA.

Las humanas glorias son
Polvo, humo, cenisa y viento.
Calderon.

Tu, que tens percorrido os longos mares
D'Occidente a Oriente, e visitaste
A famosa região que assombra o Gate,
Que o Ganges lava, e que fecunda o Indo;
Que essa vasta porção do mundo antigo
Encravada no novo, devassando,
Do cauto China examinaste ao perto
Usanças, leis, philosophia, e artes;
Que viste os seus Pagodes resoando
Co'as argentinas campas, que os guarnecem,
E que o sôpro do vento abala, e toca;
Que dos rios Brasilicos nas margens
Viste subindo ao Ceo coqueiro altivo,
D'arvore em fórma, gigantesca planta,
Vergando com seus fructos saborosos,
E a fertil bananeira os verdes cachos
Co'as desmedidas folhas abrigando:
Pois como o sabio Ullysses tens tratado

Homens de toda a côr, de todo o clima,
Policiados, e barbaros, mostrar-me
Acaso poderás, amigo ANDRADE,
Algum canto do mundo, onde encontrasses
Feliz, ou com juizo a nossa especie?
Eu, e não deve isso admirar, o ignoro,
Eu que tão pouco sei, tão pouco hei visto!
Se as antigas historias examino,
Se examino as modernas, só descubro
Na vida do homem a miseria, o crime;
Uns opprimidos, outros oppressores,
Uns enganados são, e enganam outros;
Vejo a espaços nascer absurdos cultos,
Que regados com sangue vão crescendo
Té que em sangue os affogam cultos novos.
Em toda a idade o homem disse ufano,
« Para mim vibra o sol seus resplendores,
« Madura os fructos, as searas córa;
« Para á noite allumiar-me é feita a lua,
« E de estrellas milhões, que nos Ceos brilham;
« Eu os mares domino, é minha a terra,
« Eu sou o rei universal do mundo;
« Para servir-me os brutos nascem, morrem
« Para me sustentar, para vestir-me
« De ricas pelles os cobrio Natura!
Mas se de Zahra nos extensos ermos
O leão a seus olhos se apresenta,
E ruge, agita a cauda, erriça a juba;
Se encontra um tigre nos Asianos bosques,
Se nas ribas Niloticas descobre
Lorigado de concha o crocodilo;

Foge o rei, ou o escravo? a fera, ou o homem?
Nasce o mais infeliz dos entes todos,
O homem, sem forças, sem razão, sem falla,
E em se desenvolver dotes tão ricos
Tardam mui longo tempo; e que lhe servem
Se as ardentes paixões logo o desvairam,
E no abysmo do crime o precipitam?
Vê-me os brutos agora; nasce co'elles
Próvido instincto, e sem que aprendam, sabem
Quanto é dado saber á especie sua,
Quanto lhe dá de conservar-se os meios.
O castor edifica á beira d'agua
Casa segura, e commoda, em que habita;
A abelha, subtil chymica, das flores
Extrahe o mel, e a cera; a aguia corta
Os diaphanos ares, e remonta
Das nuvens muito além; em sociedade
Vivem corseis, e bois da Wkrannia em campos,
Vivem iockos na Africana plaga,
Acham casa, e sustento, e existem livres,
Morrem quando lh'o ordena a natureza,
Sem glorias desejar, temer castigos.
Acaso o adolescente é mais ditoso?
Da vida os annos floridos consome
Em cançados estudos, que lhe apoucam
Forças, saude, vista, porque um dia
Á custa possa de improbos trabalhos
Em lidas grangear sustento escasso.
Chega por fim a languida velhice,
E então cego, achacoso, e pobre geme
Entre as garras griphanhas da doença;

Dôres a pouco, e pouco desatando
Vão do seu corpo a travação; o sangue
Mais tardo, e disorado as veias gira,
Sua imaginação, tão viva outr' ora,
Se entorpece, e adormenta, a custo falla,
Respira a custo, o paladar se hebeta,
O olphato é nullo, o tacto se enfraquece,
Perde-se o ouvido, perde-se a memoria,
E o pharol da razão, que apenas brilha,
É qual funebre alampada, que accesa
Sobre um sepulchro ao despontar da aurora,
Gasto o azeite, só dá luz vacillante.
Entre a morte, e entre a vida assim se arrasta
Curto espaço, e na cova alfim resvala,
Como da arvore cahe maduro o pomo.
Se na vida selvatica o contemplas,
Grosseiro, quasi nú, sordido, vive
Do arco, e da pesca, sobre a terra dorme,
Ou suspenso na rede! em guerra aberta
Co' similhantes seus, co' as bravas feras,
Ou perece de settas traspassado
Combatendo feroz, ou se é vencido,
Atado ao fatal poste a maça dura
Lhe rompe o craneo, e lento fogo tosta
Os seus membros para horrido banquete
De inimigos tão barbaros como elle.
E melhor perspectiva de existencia
Civilisados reinos lhe offerecem?
Ás ardentes paixões da natureza,
As facticias paixões seu fogo ajuntam,
Filhas da Sociedade, ellas a alteram,

A revolvem qual o impeto dos ventos
O acapellado Oceano, que remuge;
Das riquezas o amor, e dos prazeres,
A ambição do podêr, e das grandezas,
Cobiça infrene, o fanatismo cego,
Da tyrannia o mais constante alliado,
Negra superstição, invejas, odios,
Torpes intrigas, as traições, calúmnias,
Deixam acaso dos mortaes no peito
A virtude habitar, pousar ventura?
Nos reinos, nas republicas, que vemos?
Do bem público o amor, e o da justiça?
O premio do valor dá-se aos valentes?
Aos virtuosos as honras, pão aos doutos?
Aos artistas favor? não; mas parece
Que de tudo dispõem o acaso, e o tempo.
Que insensatos projectos se concebem!
Que loucas esperanças, que se esvaem,
Qual de um sonho as visões, ao rir da aurora!
Quantos pequenos grandes se affadigam
Para o bafo beberem da privança!
Quantos trabalham para ornar a fronte
Do doutoral capello, e rica borla,
Para, vestindo a roçagante toga,
No tribunal, ou cathedra sentar-se!
O bastão militar, e a rubra banda
Empunhar, e cingir quantos procuram?
O listão, o placar quantos amentam,
Ou a chave dourada! almejam outros
Pelo rubro barrete, a mitra, o bago,
E para os alcançar sem pena deram

A metade da vida; e não merecem
Teu riso, ANDRADE, estas crianças grandes,
Que de nonnadas taes idolos fazem!
A civilisação estes faz loucos,
Outros vejamos, que infelizes torna.
Nas entranhas da terra sepultados
Estes longe do sol, dos homens longe,
Buscam, não para si, metaes nas minas,
De atmosphera pestifera cercados
Envelhecem na sombra, a morte aspiram.
Olha que multidão faminta e nua,
Nas officinas sem cessar lidando,
Faz as limas ranger, brande os martellos,
As serras move, dá impulso ás rodas,
Faz correr no tear as laçadeiras,
Com o duro cinzel as pedras corta,
Funde o ouro, a platina, o estanho, o ferro,
Nos longos arsenaes construe navios,
Ergue edificios, que ao passar as nuvens
Co' as elevadas cupulas laceram,
Rios encana, pantanos esgota,
Aqueductos compõe, fabríca pontes,
E domando o vapor, que freme, e ruge,
Os seus trabalhos a ajudar o obriga.
Em ligeiros bateis outros expostos
Dos ventos ao furor, furor das ondas,
De redes, fisgas, e de anzoes armados
Estes levam a guerra aos habitantes
Dos abysmos do mar, em quanto aquelles
Em maiores baixeis de polo a polo,
De oppostos climas producções recovam.

E que acerbas fadigas não sopporta
O triste lavrador, que ao sol nascente,
Deixando o pobre leito, aos campos corre,
E alli té vir a noite, súa, e lida
Com o arado rompendo a dura terra,
A semente nos sulcos occultando,
De que brotam depois lucidas messes;
Com a enchada em canteiros a affeiçôa
Para as plantas em ordem dispôr n'elles;
Co'a affiada podôa as vinhas poda,
Arvores limpa, do empinado outeiro
Attento distribue rega abundante,
Ceifa o pão, colhe os fructos, nos lagares
Vinho de uvas extrahe, da oliva azeite,
E alfim volve cansado á chóça humilde.
E aos artistas, colonos, pescadores,
As outras tribus, operosas todas,
Qual provêm galardão das lidas suas?
Um mesquinho jornal, que mal lhe basta
A vestir, sustentar a esposa, os filhos.
« Mas (dirás) não ha muitos que proclama
« Venturosos o mundo? a quem fortuna
« Ao nascerem sorríra? » não t'o nego,
Rei na scena é o actor, e o seu reinado
Mal que desce o talão desapparece;
O rapido foguete aos ares sobe,
Brilha, estrondea, mil estrellas sólta,
Mas breve em fumo fetido envolvido
Com precipete quéda á terra desce.
Que homem prudente ha hi que a sorte inveje
Da fortuna aos valídos mais mimosos?...

Essa Deusa cruel zombando os ergue
Porque possa mais do alto despenhal-os.
De aguerridas phalanges marcha á frente
O filho de Filippe, invade a Persia,
No throno de Dario se assenta ufano,
Vagando em seus desertos doma os Scythas,
Subjuga a Bactriana, a Gedrosia,
Nos areaes de Hamon se entranha affouto,
Emulo de Lien, Indios, e Poro
Desbarata, avassalla, em seu caminho
Opulentas cidades semeando,
E muda ao seu aspecto a terra treme!
Mas debaixo da purpura que o cobre
Quantas serpes occultas o remordem?
Que remorsos a mente lhe flagellam!
Que receios a vida lhe amarguram!
Faz a todos tremer, e teme a todos!
Do virtuoso Calisthenes a sombra,
Quantas vezes em sonhos lhe apparece,
Seu quente sangue lhe arremessa ás faces,
E ás sanhosas Eumenides o vota!
Que amarguradas lagrimas derrama
Sobre a campa de Clito, e atroz veneno
Na flor dos annos seus lhe corta a vida.
Vê Cyro o fundador de um novo Imperio,
Que a populosa Babylonia expugna,
Depois de mil batalhas, mil victorias,
De barbara mulher victima infausta,
Que a cortada cabeça lhe mergulha
No ôdre de quente sangue, e que lhe brada
Com sorriso feroz « Farta-te em sangue. »

Roma não proclamou ditoso a Sylla?
Sylla, atroz dictador, que a ferro, e fogo
O partido de Mario anniquilára,
Que em sangue popular mettêra os braços
Até ao cotovello, e o mundo assombra
Com suas proscripções, e que insolente
O supremo poder sem medo abdica?
Sylla, sempre temido, acaba a vida
Devorado de sordidos insectos,
Entre dores acerbas, invejando
Proscriptos que de um golpe assassinára.
Que importa que da fama as cem trombetas
De Pompeo os triumphos apregoem?
Que importa o furibundo Metridattes,
O flagello implacavel dos Romanos,
Ter vencido, e obrigado a dar-se a morte,
Ter posto jugo aos Phasis, jugo a Colchos,
A Sienne sem sombra, Arabia ardente,
Ao cobarde Judeu, Cilicio fero,
Aos Sephenios no luxo amollecidos,
Ter vencido da Iberia os bravos povos,
De piratas o mar desassombrado,
Ter erguido nas torres bellicosas
De Armenia, e Cappadocia Aguias Latinas?
Que montam seus triumphos, seus theatros,
Suas riquezas, e o Senado altivo,
Servil obedecendo aos seus desejos,
De Magno o grande titulo, se ao termo
Lá o espera Pharsalia, o Nilo espera,
Traição de Ptolomeu, ferro de Achillas?
Cesar, o mais benigno dos tyrannos,

O sabio, o vate, o orador sublime,
Vencedor dos Germanos, e dos Gallos,
Após tantas victorias, e triumphos,
Vio no centro da Curia entre os conscriptos,
Vinte punhaes luzir na mão de amigos,
Que prodigo fartou de bens, e de honras,
Seu peito atravessar, e horrorisado
Cobre a cabeça com seu manto, e expira.
Mas antigos exemplos por que aponto?
Um maior não presenta a nossa idade?
Napoleão! qual outro mais mimoso
Da vária Deusa, que Fortuna chamam?
Deu-lhe o genio, o valor, a força, a audacia,
Pela mão o guiou do nada ao Solio,
Com a filha dos Cesares o espósa,
A victoria prendeu ás aguias suas,
E elle em rapida marcha caminhando
Disse á anarchia «Pára» e parou logo;
Disse á ordem «Renasce» e ei-la na Gallia.
Poz reis, e reis depoz a seu capricho,
Deixa o Papa a septicole cidade,
Prompto para sagra-lo a París corre,
A todos seus irmãos sceptros confere,
Ante elle os Alpes a alta espadua abatem,
Austrelitz, e Marengo, Arcoli, Lodi,
Como Arbellas, e Cannas resoaram;
Na voz da Fama, e Salamina, e Trebia;
Tremeu d'elle o Thabor, o Egypto, a Syria;
Treme o Elba, o Danubio, e Don, e o Volga!
Mas de o favorecer cansa a Fortuna,
D'elle os olhos aparta, foge, e logo

Do homem dos destinos muda a sorte,
E distante do throno, esposa, e filhos,
Lá d'Africa no extremo, em ilha ardente,
Que outr'ora Lusos nautas descobriram
Que Lysia desprezou, a sorvo, e sorvo
Té as fezes bebeu da angustia o calix,
Frenetico se rala, e mirra, e morre,
Maldizendo os amigos, que o trahiram,
Contrarios, que sem brio se vingaram.
São do mundo as grandezas, e as venturas,
Crystal, que breve se embacia, e quebra,
Bolhões de espuma, que no mar se elevam,
E, quando o vento acalma, se esvaecem;
São qual rosa Chineza, que em tres dias
Tres côres mostra, e definhando acaba.
Iro ás vezes que é rei sonhando cuida,
E acorda envolto em sordidos andrajos.
Nada tem persistencia; um bello dia
Em feio temporal termina ás vezes,
Antoinetta n'um paço os olhos abre,
E sobre o cadafalso á luz os fecha.
Mas os homens d'insanos nada aprendem
Na eschola da desgraça! correm cegos
Pela estrada do vicio, e se despenham
N'um abysmo de crimes, de miserias,
E só morrendo as illusões os deixam.
Sabes tu, meu ANDRADE, o que é ventura,
Ao menos qual na terra existir possa?
É viver, como tu, no brando seio
De um ocio philosophico, distante
Da servil dependencia, e da pobreza,

Dos publicos encargos, desfructando
A saude do espirito, e do corpo;
Dar largas ao pendor beneficente,
Adoçar amarguras do infortunio,
Dos desgraçados enxugando o pranto;
É temores não ter, não ser temido;
Não desejar o que alcançar não possas;
É os mimos gozar das artes bellas;
É a vista podêr pesquizadora
No proprio coração fixar, e n'elle
Deparar nada quê vergonha inspire,
Ou desperte o remorso; é cultivando
Em jardim não pomposo as várias flores
Das quatro partes do orbe, ver da terra
Os lobolos surgir, que o caule nutrem,
Ver o caule de folhas revestir-se;
Eis se fórma o botão, o botão cresce,
Fende-se, e á luz do sol abre a corola,
Alardea os matizes, e sorrindo
Com suaves perfumes te lisonja.
Só quem assim entre innocentes gôzos
Sabe, qual sabes tu, passar a vida,
Quem como tu da desventura as settas,
No broquel da constancia firme ampara,
Sem succumbir á dôr, póde entre os homens
Venturoso, e prudente reputar-se,
E sem susto esperar da morte o golpe,
Que nunca o justo costumou teme-la...

José Maria da Costa e Silva.

ODE

IMPROVISADA NA PRESENÇA

DA

EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIA DE NORONHA

LENDO

MISS MARY

AS

CARTAS DA INDIA E DA CHINA

DO

ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.

De um esmaltado cofre de brilhantes,
Em sala de magnifico palacio,
Donzella mui gentil, pombinha e rosa,
Tira dourado livro.

De veludo em cadeira acobertada,
N'essas paginas lê de immenso apreço
Tudo, que conceder natura póde,
De ANDRADE o nome eterno!...

Aquella bôcca de anjo expressa alegre
Do universo, do ceo, toda a belleza!...
Tão magico prazer minha alma goza,
Que enlevado ajoelho!...

Maria bella então os labios serra:
Á dôr, afflicto, da ventura passo;
Das mãos lhe arranco de Minerva a joia,
As Cartas da India e China!...

Que elegante edição, que apuro d'arte,
Que penna divinal, diviso absorto!...
O homem de saber assim dotado
Além da morte vive.

Mesmo tornado em cinza no sepulchro,
Será mais que os mortaes vivos no mundo;
Á morte escapará o eximio sabio,
Sem fim é sua gloria.

Beldade das beldades, a leitora,
Ouve meu expressar, dizendo a custo,
Sôlta a trança, chorosa com gemidos,
« Não sou de ANDRADE filha!... »

Por J. M. H. Leal de Gusmão.

INDICE.

		Pag.
Carta	LI. — Caracter, costumes, e retrato dos chinezes	1
»	LII. — População, e rendimento público	7
»	LIII. — Do governo, e das leis	13
»	LIV. — Amostra das leis chinezas	19
»	LV. — Da justiça criminal, civil, e da policia	27
»	LVI. — Da religião, seitas, e tolerancia chineza	33
»	LVII. — Da astronomia, e da geographia	39
»	LVIII. — Da medicina	43
»	LIX. — Juizo sobre Fernão Mendes Pinto, e sobre algumas cousas vistas por elle na China	53
»	LX. — Cidades de Pay-Ang-Hien, Jang-Tchou, e Pekin	59
»	LXI. — Principios de cosmologia	67
»	LXII. — Do espaço, e do tempo	71
»	LXIII. — Da materia, e suas propriedades	75
»	LXIV. — Do movimento	81
»	LXV. — Da formação do mundo	87
»	LXVI. — Systema planetario	89
»	LXVII. — Effeitos da lua	93
»	LXVIII. — Juizo sobre a educação	97
»	LXIX. — Liberdade civil dos chinezes	109
»	LXX. — Governo da Europa	113
»	LXXI. — Da nobreza hereditaria	117
»	LXXII. — Direito das gentes	121
»	LXXIII. — Triumpho do general Akoui	125
»	LXXIV. — Costumes na mesa	129
»	LXXV. — Pagode chinez	133

Carta LXXVI. — Festividade chineza..... 137
» LXXVII. — Dos enterros 141
» LXXVIII. — Dos casamentos 143
» LXXIX. — Do materialismo..... 147
» LXXX. — Continuação da mesma materia.. 153
» LXXXI. — Continuação da mesma materia.. 159
» LXXXII. — Agricultura 167
» LXXXIII. — Cultura, fabrico, e virtudes do chá..... 173
» LXXXIV. — Commercio..... 181
» LXXXV. — Juizo sobre a poesia, extrahido do Chou-King..... 185
» LXXXVI. — Ode de Toung-Fang-Chouo.... 187
» LXXXVII. — Canção do philosopho Lean... 191
» LXXXVIII. — Jardim de Sse-Ma-Kuang.... 193
» LXXXIX. — Ode do imperador Kien-Long.. 197
» XC. — Da musica..... 199
» XCI. — Da pintura 203
» XCII. — Quadro do mundo moral..... 207
» XCIII. — Do suicidio 211
» XCIV. — Systema da liberdade humana.... 217
» XCV. — Interesse, e ventura do homem.... 223
» XCVI. — Dialogo entre o imperador Yon-Tching, e o abbade Rigolet 227
» XCVII. — Ilha de Santa Helena..... 233
» XCVIII. — Entrada em Lisboa..... 243
» XCIX. — Estado de Portugal 247
» C. — Refutação de outras falsidades..... 255